

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

RAMILA DA SILVA BARROS DOS SANTOS

**A INFLUÊNCIA DO PODER DAS GRANDES
POTÊNCIAS NOS CONFLITOS DO ORIENTE
MÉDIO.**

BAURU
2017

RAMILA DA SILVA BARROS DOS SANTOS

**A INFLUÊNCIA DO PODER DAS GRANDES
POTÊNCIAS NOS CONFLITOS DO ORIENTE
MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob orientação da Prof.^a M.^a Beatriz Sabia Ferreira Alves.

**BAURU
2017**

Santos, Ramila da Silva Barros dos

S2378i

A influência do poder das grandes potências nos conflitos do oriente médio / Ramila da Silva Barros dos Santos. -- 2017.

120f. : il.

Orientadora: Prof.^a M.^a Beatriz Sabia Ferreira Alves.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade do Sagrado Coração - Bauru – SP.

1. Grandes potências. 2. Terrorismo. 3. Guerra Santa. 4. Poder. I. Alves, Beatriz Sabia Ferreira. II. Título.

RAMILA DA SILVA BARROS DOS SANTOS

**A INFLUÊNCIA DO PODER DAS GRANDES POTÊNCIAS NOS
CONFLITOS DO ORIENTE MÉDIO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob orientação da Prof.^a M.^a Beatriz Sabia Ferreira Alves.

Bauru, 29 de novembro de 2017.

Banca examinadora:

Prof.^a M.^a Beatriz Sabia Ferreira Alves
Universidade do Sagrado Coração

Prof.^a M.^a Roberta Cava
Universidade do Sagrado Coração

Prof. M.e Fabio Souza
Universidade do Sagrado Coração

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força e saúde, para superar todas as minhas dificuldades. A minha mãe Laura, meus pais de coração, Laudy e João, pelo apoio incondicional, compreensão, pelo carinho e amor, por fazerem meus sonhos se tornarem sempre realidade, sou muito grata por tudo que me proporcionaram. Ao meu irmão, Rodrigo Santos, pelo seu carinho e incentivo, e por ter me presenteado este ano com um sobrinho, o qual amo muito, Miguel.

Agradeço também meu namorado, Rodrigo Rossi, pela paciência, apoio e incentivo. A minha Orientadora Beatriz, pelo suporte e apoio sempre. A professora Roberta Cava, de Relações Internacionais, pelos anos de ensino e dedicação ao curso.

Gostaria de agradecer também a Empresa Júnior da USC, a qual fiz parte como Trainee de Relações Internacionais e como vice-presidente, ao professor Fábio Souza, que sempre nos auxiliou em todas as etapas da empresa.

Por fim, gostaria de agradecer meus amigos da universidade, que passaram os últimos quatro anos comigo. Esses anos foram de companheirismo, risadas, festas e de muito apoio, principalmente nos últimos meses, gostaria de agradecer especialmente a Letícia Suemi, Karime Farache, Geandrini Ribeiro, Igor Besse e Luiz Bosco, por terem feito parte dessa etapa na minha vida, espero que as nossas amizades sejam levadas adiante.

RESUMO

O presente trabalho busca compreender as guerras civis no Oriente Médio. Desde o seu início até os dias atuais, mostrando as relações das grandes potências (Estados Unidos, Rússia, Reino Unido, China e Alemanha), as suas influências, investimentos e quais são os seus interesses na região. Esses investimentos são através de financiamentos e de distribuição de armamentos. Será apresentada uma descrição das guerras, do terrorismo contemporâneo, da Guerra Santa e a participação dos países do primeiro mundo, interligando os fatos com a constante busca e manutenção do poder. As influências das grandes potências aumentaram durante a Guerra Fria, onde os Estados Unidos e a União Soviética lutavam por uma hegemonia mundial, sobre o modelo político que cada um escolheu, socialismo de um lado e o capitalismo do outro. Essa influência e os investimentos terceiro fez com que as tensões dos conflitos aumentassem, deixando os países em guerra devastados e com grande crise humanitária. Algumas guerras atualmente estão em processo de cessar-fogo, fazendo com que os refugiados desses países voltassem as suas terras natais, fazendo com que eles consigam viver novamente em sua região.

Palavras-chave: Grandes Potências. Terrorismo. Guerra Santa. Poder.

ABSTRACT

The present work search to understand the civil wars in Middle East. Since their beginning to the current days, showing the relationships of the great potencies (United States, Russia, United Kingdom, China and Germany), their influences, investments and which are their interests in the area. Those investments are through financings and of distribution of armaments. A description of the wars will be presented, of the contemporary terrorism, of the Holy War and the participation of the countries of the first world, interconnecting the facts with the constant looks for and maintenance of the power. The influences of the great potencies increased during the Cold War, where the United States and the Soviet Union struggled for a world hegemony, on the political model that each one chose, socialism on a side and the capitalism of the other. That influence and the investments third did with that the tensions of the conflicts increase, leaving the countries in war devastated and with great humanitarian crisis. Some wars now are in cease-fire process, doing with that the refugees of those countries returned their birthplaces, doing with that they get to live again in their region.

Key words: Great potencies. Terrorism. Holy War. Power.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Objetivos da Al-Qaeda e a resposta norte americana.....	70
Figura 2 – Soldados americanos disparam um obus.	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ranking das grandes potências.	69
--	----

LISTA DE ABREVIÇÕES E SIGLAS

1° GM	Primeira Guerra Mundial
2° GM	Segunda Guerra Mundial
CIA	Central Intelligence Agency
EI	Estado Islâmico
EUA	Estados Unidos da América
FBI	Federal Bureau of Investigation
GATT	General Agreement on Tariffs and Trade
GF	Guerra Fria
KGB	Komitet Gosudarstvennoi Bezopasnosti
OLP	Organização para a Libertação da Palestina
ONU	Organização das Nações Unidas
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
RU	Reino Unido
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O PODER E AS SUAS INFLUÊNCIAS	15
2.1	COMO DEFINIR PODER?.....	15
2.2	O QUE É E QUEM SÃO AS POTÊNCIAS DO SISTEMA?.....	21
2.3	AS ESTRATÉGIAS DE MANUTENÇÃO DE PODER	38
3	SÍNTESE HISTÓRICO DA GUERRA SANTA	53
3.1	CONTEXTO HISTÓRICO	53
3.2	CONCEITO DE JIHAD	66
3.3	A INFLUÊNCIA DO EXPANSIONISMO DAS GRANDES POTÊNCIAS	70
4	O ORIENTE MÉDIO E AS CONTRADIÇÕES ATUAIS	76
4.1	TERRORISMO CONTEMPORÂNEO.....	77
4.2	A RELIGIÃO E A POLÍTICA: PODE EXISTIR DIÁLOGO?	96
4.3	A ARBITRARIEDADE DAS GRANDES POTÊNCIAS	101
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
	REFERÊNCIAS	107

1 INTRODUÇÃO

Os países do Oriente Médio (Síria, Palestina, Iêmen, Israel, Iraque, Líbia, etc.) há muitos anos enfrentam guerras. A região enfrenta guerras civis de origem religiosas e políticas. O objetivo das guerras é a conquista dos territórios, a criação de um Estado independente, ou até mesmo para implantar a doutrina religiosa de em certa religião.

Temos diversas e diferentes guerras por todo o Oriente médio. Podemos citar a Síria, que desde 2011 vem enfrentando uma guerra civil, na qual destruiu a infraestrutura do país e gerou uma crise humanitária. A guerra é dada pela oposição de alguns grupos ao governo de Bashar Al-Assad. Neste contexto temos duas grandes potências influentes na guerra civil, apoio aos rebeldes dado pelos Estados Unidos e apoio ao governo dado pela Rússia, a China e o Irã também são países importantes que apoiam o governo. O conflito na Síria, obteve um avanço muito grande neste ano, 2017, conseguiram fazer com que os muitos refugiados voltassem a sua terra natal, pelo grande tempo do cessar foro, não se sabe ao certo, ainda, se a guerra terminou.

Podemos citar também o conflito Israel e Palestina, o conflito teve início no século XX. As questões que levam a essas tensões são questões religiosas, os países estão reivindicando a sua soberania. Os conflitos na região são considerados terrorista, pelo fato de ser um conflito armado.

A ONU, após a segunda guerra mundial, ficou responsável de resolver o conflito. Assim foi feito uma divisão do território em dois Estados, sendo um território palestino e outro território israelita. Porém, em 1948 Israel não aceitou o tratado e declarou independência da região. Ao longo do Tempo a União Europeia, Estados Unidos, Turquia, entre outros países, tentaram fazer uma mediação na região, porém sem sucesso.

Já no Iêmen o conflito iniciou em 2015, pela oposição dos Houthis (denominação político-religioso Ansar Allah) ao atual presidente Abd Rabbuh Mansur Hadi. Os Houthis têm o apoio do Irã (maior potência xiita na região), eles alegam discriminação por parte do atual presidente Adan que conta com o apoio da Arábia Saudita (Maior potência Sunita) e com o apoio limitado dos Estados Unidos. Recentemente os EUA bombardearam o Iêmen indo contra a

vontade de Abd Rabbuh, no ataque foram atingidos os grupos terroristas (alvo), crianças e até um soldado americano, o ataque foi escalado como precipitado, porém o presidente ainda mantém os acordos com a casa branca.

A segunda guerra civil da Líbia também será investigada nesta pesquisa. A guerra civil iniciou em 2014, e é um conflito interno em andamento entre quatro organizações disputando o poder do governo. O governo atual, Tubruk, conta com o apoio do Egito, Emirados Árabes e com o exército líbio, o “governo islamista” conta com a irmandade mulçumana, temos os Estado islâmico também, liderado por eles mesmos e o conselho da Shura, liderado por Ansar al-Sharia.

Cada Estado tem a sua motivação para iniciar uma guerra, podendo ser ela religiosa, ou de descontentamento com o governo atual, questões territoriais, questão de independência, entre outras várias questões.

Há muitos países que investem nas guerras para garantir o seu domínio em um determinado território. Essas influências dificultam muito para que realmente finalize as guerras, pois geralmente os países que investem são países com grandes poderes armamentistas, sempre enviando aos países combatentes novos armamentos, novos métodos e renovando as forças dos grupos em conflito.

As grandes potências, para garantir a sua dominação na região, considerada ricas pelas riquezas naturais, investem, financiam armamentos nos grupos que lhe garantiram a influência na região. Os países desconsideram as questões que infringem os direitos humanos, soberania dos Estados e algumas vezes provocam atos antidemocráticos, quando ajudam a subir ao poder algum representante de grupo, etc.

As influências desses países vêm desde a época dos expansionismos, no século XVIII. Os Estados, com a constante busca pelo poder e riqueza, durante o século XVIII até os dias atuais investem em expandir o domínio do seu Estado. Isto ocasionou vários conflitos no mundo, inclusive as duas grandes Guerras Mundiais, como também aumentou o conflito no Oriente Médio, durante e após a chamada Guerra Fria.

Os Estados Unidos e a União Soviética investiram em grupos e governos da região para implantarem a sua ideologia. Assim sendo mais

influyente em esfera mundial, conseqüentemente criando um cenário mais hegemônico.

Outra coisa a ser analisado no trabalho é o contexto histórico dos conflitos do Oriente Médio. As guerras que acontecem nesse território vêm de muitos anos atrás, iniciando por conflitos religiosos e da luta constante contra o mal.

Existem três maneiras de acabar com uma guerra. uma das maneiras é umas das partes ganhar militarmente, porém, no cenário atual dificulta, pois com investimentos de países terceiros, faz com que o grupo rebelde e o governo atual tenham praticamente a mesma força militar, dificultando alguma parte sair vencedora. Se não houvesse investimento de países terceiros e houvesse uma intervenção da ONU, os conflitos provavelmente já estariam no fim, como também já tinha evitado inúmeras mortes.

Outra maneira de acabar os conflitos é uma das partes desistir pelo fato de não ter uma solução. Observando o cenário atual as duas partes de todos os conflitos citados são pertinentes nos assuntos e não optarão por essa alternativa.

A última alternativa seria a trégua de ambas as partes, a resolução por meios diplomáticos. Os países e grupos envolvidos nos conflitos parecem não quererem optar por essa opção, pois estão convencidos de que devem permanecer lutando para alcançar os seus propósitos.

Devemos sempre tentar entender o motivo que leva os países entrarem em conflito, o porquê alguns grupos brigam por não aceitar o governo, o porquê é de interesse de países terceiros investir nessas questões, devemos saber o que está por trás de cada conflito, para conseguir compreender e tentar achar uma solução cabível a cada problema, quem de fato deve solucionar e quem de fato está fazendo o possível para que acabe.

Vê-se cada vez mais o mundo os Estados com interesses distintos e para cada um manter-se seguro eles fazem do uso do poder e para ter poder/influência é necessário (na visão dos Estados) ser uma superpotência, para se tornar uma superpotência é necessário ser bom em termos militares, armamentista, economia, político e influência territorial. Assim, os Estados estão cada vez mais investindo em guerras, em causas que não lhe dizem

respeito diretamente, influenciando um grupo ou outro, mas sempre o grupo que representa melhor os seus interesses.

O objetivo deste presente trabalho é mostrar o porquê as guerras se iniciam, quem são os países que investem, qual grupo eles apoiam e quais são os interesses desses países por trás do investimento, o trabalho tentará também fazer com que se entenda qual foi o início das guerras atuais, quantos anos elas persistem, quais os objetivos e se ela está próxima do fim.

2 O PODER E AS SUAS INFLUÊNCIAS

Para entender todos os tipos de poderes e quais são as suas influências, precisamos definir o poder, como ele opera, como ele influencia os países, como os países fazem uso do poder para poder influenciar outros países e como que os grandes Estados fazem a manutenção para continuar sendo poderoso/potência.

O poder é a maneira que um indivíduo tem para influenciar ou dominar o outro indivíduo. Este, por sua vez, abrange todos os aspectos da sociedade, a economia, política, segurança nacional e internacional, diplomacia e etc. O poder é a maneira que o indivíduo impõe as suas vontades, para os Estados é baseado na forma de obter a potência, para que se possa expandir o domínio territorial.

Os Estados utilizam da sua força, política, segurança, tecnologia e economia para influência para dominar outros Estados. Alguns países do cenário internacional, traçaram estratégias para que pudessem se fortalecer, assim, com o poderio conseguiria influenciar os demais países do sistema internacional. A utilização da força e das estratégias, os auxiliam para que mantenham a manutenção do poder.

Os países potências sempre necessitam estar renovando suas forças, para continuarem sendo as potências mundiais. Para isso, eles utilizam da teoria dos jogos, principalmente a estratégia de soma zero, onde o que um ganha é o que o outro perde, fazendo sempre com que a sua força aumente, assim, conseqüentemente ele não terá influências externas, mas influenciara externamente.

2.1 COMO DEFINIR PODER?

O poder é considerado a capacidade que cada indivíduo tem de fazer algo, ou a capacidade do homem de dominar a natureza e seus recursos. O poder também pode ser a influência que um indivíduo tem sobre o outro, seja essa influência por meios pacíficos ou por meio da força. Assim, o homem pode fazer com que as outras pessoas o sigam em um determinado assunto,

ou que as pessoas o apoiem em algumas circunstâncias. Isto, no mundo político, é conhecido como poder social, onde uma determinada pessoa tem o poder de persuasão e faz com que a população siga os seus ideais, ou até mesmo que ele seja escolhido para representar os ideais de uma determinada população.

Um indivíduo pode ser influenciado: A) mediante força física direta sobre o seu corpo, como, por exemplo, quando é preso ou morto; B) por recompensas e castigos: por exemplo, dando emprego ou despedindo; C) por influência sobre a opinião, isto é, propaganda no sentido mais amplo. Sob essa última rubrica eu incluiria a oportunidade para criar hábitos desejados em outros, como, por exemplo, pela disciplina militar, com a única diferença que, nesses casos, a ação segue sem qualquer intermediário mental que se possa chamar de opinião. (RUSSELL, 1979. p. 24).

Pode-se dizer que o poder abrange vários aspectos na sociedade: o indivíduo, a economia, a política, a força, a segurança etc., mas sempre com o conceito de deliberar, agir, mandar, exercer autoridade, sobre um determinado indivíduo ou grupo.

A busca constante do poder está presente na sociedade desde a antiguidade, onde se via o poder nas divisões da sociedade. Na sociedade antiga, onde os livres obtinham poder sobre os escravos, no sentido de comandar o indivíduo e obter dominação sobre ele; depois o poder dos senhores feudais aos seus servos, onde os senhores obtinham a posse da terra e da produção dos servos, por meio de dominação e força; e hoje a busca constante do poder individual, onde cada pessoa procura o poder sobre si e o poder de influenciar as pessoas ao seu redor, esse poder é visto tanto de uma pessoa para outra, de uma pessoa para um grupo ou Estado para Estado.

Segundo Max Weber [19--], o poder significa toda oportunidade de impor a própria vontade, no interior de uma relação social, até mesmo contra resistência, pouco importando em que repouse tal oportunidade. Podendo também ser o poder “simples e puro” onde o poder não se baseia na tradição ou no consentimento (não se baseia em uma hierarquia, ex. na realeza). É o poder que traz um grau quase ilimitado de segurança ou de insegurança, segundo o filósofo Russell, pode-se dizer que este poder é o que foi

conquistado, e por esta questão é o que faz a pessoa se sentir seguro, pois ela saberá a influência que ela obtém, ou no caso da insegurança seria quando a pessoa possui um certo poder, mas existe uma pessoa que possa ameaçar esse poder que lhe trazia segurança.

O poder está expresso quando “a potência, determinada por uma certa força, se explicita de uma maneira muito precisa, não sobre o modo de ameaça, mas sob o modo da ordem dirigida a alguém que, presume-se, deve-se cumpri-la” (LEBRUN, 1984). Para Max Weber este ponto é conhecido como *Herrdchaft*, e que o filósofo Aron (2002) diz ser a dominação. Se vê essa dominação quando uma pessoa faz o que lhe é mandado sem que haja contestação, ou até há contestação, porém, a pessoa faz sem que se sinta ameaçado. Um exemplo é o convívio em sociedade, a maioria das pessoas realizam seus atos em detrimento a moral estabelecida dentro da sociedade, pois o governo possui a dominação, não é através da ameaça, mesmo existindo punições, algumas pessoas fazem apenas por achar que é o correto seguir as normas.

A dominação é constantemente usada, seja no dia-a-dia de pessoa para pessoa, ou no cenário internacional. Fazendo com que de algum modo, o indivíduo possua um determinado poder utilizável por meio da dominação para conseguir as influências necessária, para que assim este indivíduo seja o ator principal de todas as ações, ou no caso do Estado seja o ator principal do sistema internacional.

Subsequente quem possui o poder, provavelmente obterá uma potência e praticará a dominação. Nitidamente vemos esse encadeamento na relação de um Estado para o outro, sendo o poder um sistema de ordem imposta a uma sociedade ou um Estado, sendo um conjunto de valores ou propriedades para que o Estado possua o poder.

A ocorrência de uma pessoa ter o poder, é o fato de a outra não ter o poder, sendo o pressuposto de que se uma certa pessoa ou Estado possui o poder, é necessário que em algum lugar existam muitas pessoas ou alguns Estados que não possuam o mesmo poder. Conhecido pelos americanos como poder de soma zero, ou seja, o poder é uma soma fixa, onde o poder de x

implica no não poder de y. Para que assim a pessoa ou o Estado possuidor do poder perpetre a sua dominação e ficando ainda mais poderoso.

Segundo o filósofo Foucault (1986) o poder não é uma coisa ou entidade, o poder se dar na relação existente das relações de poder ou na prática tornando-se uma prática social constituído socialmente. O poder não é apenas repressivo, ele tem também uma produtividade, não sendo o que impede, mas é o que incentiva algo ou alguma coisa. Para o filósofo a dominação não é a essência do poder, devendo-se fazer uma análise do funcionamento diário das micropolíticas e das micro praticas¹. Antes tinha o poder localizado em alguns espaços ou em algumas pessoas, atualmente ele está por toda parte, todo o poder advém com o saber e com a ciência, estudando assim o indivíduo e a sociedade. O poder está nos relacionamentos e nas relações de indivíduo para indivíduo ou de Estado para indivíduo ou até mesmo de Estados para Estado.

[...] os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, limites ou fronteiras. Daí a importante e polêmica ideia de que o poder não é algo que detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não. Não existe de um lado os que têm o poder e de outro aqueles que se encontram dele alijados. Rigorosamente falando, o poder não existe; existem práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce que efetua e que funciona. E que funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada e, um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação. (FOUCAULT, 1979. p.14).

Referindo-se ao poder social, deve-se saber que o Estado não é um órgão central e único do poder, há um deslocamento de lugar do centro do poder para as extremidades. O poder atinge todos os lugares e todas as pessoas, assim como não está localizado em nenhum ponto específico, sendo o indivíduo o produtor do poder.

¹ Micropolíticas são a subdivisão da ciência política, que tem como principal objetivo analisar a forma de liderança e quais são seus efeitos na sociedade.

Micro práticas são os experimentos que nos ajudam a descobrir novas práticas e novos padrões de comportamento.

O Poder entre os Estados está relacionado a três fontes, a personalidade (liderança), a propriedade (riqueza) e a organização (necessidade do poder). É indispensável que se utiliza dessas três fontes para alcançar o poder necessário para influenciar pessoas e grupos, utilizando-se também de um instrumento do poder conhecido como poder condicionado, onde é exercido pelas mudanças de crença, persuasão, educação ou comprometimento social com o que parece natural, apropriado ou justo que leva a pessoa a se submeter ao desejo de outro ou de outros.

No século XVIII, entendia-se como poder a utilização da força física para punir, ameaçar e até mesmo matar um ao outro. Essa relação foi utilizada muitas vezes, fazendo com que assim fosse ligado a palavra poder aos acontecimentos ruins, e relações ruins. Um exemplo era o suplício no século XVIII, onde um ladrão era torturado até a morte, para que assim fosse uma reparação moral (aplicação da lei) e sendo uma prova de força, a uma manifestação política do rei. A mesma coisa aconteceu no Brasil com o Tiradentes, que foi enforcado e dado como um “exemplo” para aqueles que ousassem desafiar a coroa.

Os Estados utilizam da guerra para a prática desse poder, no sentido de punição para aqueles que vão contra seus ideais, ou para aqueles que os façam sentir-se ameaçados. Vemos quando um país ataca outro com toda a força, fazendo com que haja uma submissão pela parte do país atacado e assim o país que atacou fique popular como poderoso, ou seja, o país que possui das eficácias necessárias para garantir a sua segurança e infringir as dos outros países.

Podemos citar o acontecimento que desenrolou pós 11 de setembro de 2001. Os Estados Unidos após o ataque terrorista à torres gêmeas, cogitou em pedir em 2002 a permissão da ONU para atacar o Iraque, pois segundo os EUA o país estava realizando testes de armas nucleares. No entanto, com a movimentação contrários dos outros membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU, os EUA mesmo sem a autorização prévia, realizaram o ataque em 2003, compreendendo que não havia nenhum teste foi utilizada esse pretexto para que, assim, os EUA pudessem atacar o regime de Saddam

Hussein como a intenção de assim agredir o grupo terrorista e ter domínio estratégico da região

Mesmo nações como Turquia e Arábia Saudita, aliadas americanas, se recusaram a apoiar um ataque ao Iraque. Os EUA simplesmente desistiram de obter qualquer base jurídica para seu ataque e resolveram contornar a ONU, agindo unilateralmente. Nem mesmo a OTAN pôde ser acionada, pois seu mecanismo foi bloqueado pela ameaça de veto belga-franco-alemão. (VISENTINI, 2015. p.86).

Iraque, um país em dissolução ditadura de Saddam Hussein foi destruída “formalmente” a 9 de abril de 2003. De acordo com o planejado pelos neoconservadores que fizeram George W. Bush apertar o gatilho, marco inicial de um “novo século americano”, a intervenção dos Estados Unidos no Iraque reproduziria o que aconteceu no pós-Segunda Guerra Mundial. Washington faria com o Iraque o mesmo que foi feito com a Alemanha, o Japão e, depois, com a Coreia do Sul: potências industriais e democracias exemplares saídas, sob a batuta americana, das cinzas de regimes brutais incinerados. (CARLOS, 2017. p.7).

O poder dentro da política entre os Estados estabelece alguns pontos fundamentais: o que fazer em relação a frente de poder? Deve negociar, obedecer ou enfrentar este poder? São questões sempre pensadas e que vem sendo utilizadas em vários momentos no século XX. Um exemplo é quando um Estado vê outro Estado ganhando força mundialmente, seja pela economia, cultura ou poder. O que o Estado em questão deve fazer? Ele pode negociar para se tornar aliado desse outro Estado tentando driblar o que ocorre? Pode fazer igual aos países que se juntaram para derrotar a Alemanha e os países aliados na Segunda Guerra Mundial, e mostraram o seu poder por meios de ataque, destruindo a nova potência que se criara na época? Ou podem simplesmente não fazer nada, por não possuir o poder para aniquilar a nova força que cresce?

Novamente na esfera política, na visão interna do Estado, é necessário observar quem possui tal poder, ou quem exerce tal poder de comandar as pessoas. Além de perceber como dá o processo de possuir tal poder e de onde ele vem.

Em um país democrático, exerce o poder aquela pessoa que a população colocará a frente dos seus ideais, por meio de votações, onde a vontade da maioria vence. Ou no âmbito de Estados para Estados, onde é levado em consideração a tecnologia, as guerras que o país participou e ganhou, a democracia, a política adotada, sua economia, etc. Essa faculdade do poder pode fazer com que a pessoa ou o Estado consiga influenciar as demais pessoas ou Estados, podendo mudar até mesmo os comportamentos.

[...] a capacidade de uma pessoa ou de um grupo mudar o comportamento ou outra pessoa ou de outro grupo. O comportamento pode ser mudado por meio de indução, coerção ou exortação, que exige que quem detém o poder possua recursos econômicos, institucionais, democráticos, políticos, tecnológicos, sociais ou de outro tipo. (HUNTINGTON,1996. p.101).

O poder por sua vez tem várias distinções e ramificações. Existe o poder político, filosófico e sociológico que foram abordamos, como também o poder econômico, militar tecnológico ligado ao Estado e que serão abordados no próximo tópico.

2.2 O QUE E QUEM SÃO AS POTÊNCIAS DO SISTEMA?

Existem os poderes dos Estados e entre os Estados. Nos dias atuais alguns Estados possuem poderes sobre os demais Estados, influenciando-os por meio da política, economia, força militar e tecnologia. A definição de poder entre os Estados também vem por meio de influências territoriais e apoio de outros Estados.

O apoio ou aliança entre os Estados vem por meio da sensação de um dos Estados se sentir ameaçado. Quando ocorre no cenário internacional de um Estado que possui um determinado poder se sentir ameaçado por outro Estado que está crescendo economicamente, militarmente, politicamente etc., vêm a necessidade do Estado ameaçado em fazer alianças, com esse país que está ganhando poder ou com outros países, unindo forças e ficando cada vez mais poderoso. Assim, não tendo esse Estado poderoso contra ele, é um jogo

de estratégia, onde uni as forças para não ter uma força igual ou maior que o seu Estado.

Quando um Estado vê o outro Estado aumentando o seu poder e, desse modo, se tornando uma ameaça em potencial, ele tenta proteger sua própria segurança fortalecendo seu poder e/ou aliando-se com outros Estados. Os interesses e as ações dos mais ou menos 184 Estados do mundo pós-guerra fria podem ser previstas a partir dessas pressuposições. (HUNTINGTON, 1996. p.35).

As influências territoriais se dão por meio de imposição aos Estados menos favorecidos, ou de interesses e acordos com esses Estados. Um Estado quando considerado poderoso pode fazer com que uma determinada região fique dependente dele de alguma maneira que ele consiga a influência daquele território. Quando um Estado menos favorecido em sua economia, política e etc., acaba necessitando de acordos com os Estados mais favorecidos, em termos de segurança, tecnologia etc., assim muitas vezes ficando à mercê desse Estados. Um exemplo é quando um país invade e ataca outro país, com medo e falta de estrutura esse país que foi atacado recorre a outros países para que possam se sentir seguro. Para o país que necessita dessa ajuda não é bom, pois ficará a mercê de outro país, mas, para o país que o apoia é vantajoso, pois assim ele está conseguindo uma influência territorial, se destacando entre outros Estados.

A questão que vem à mente é como um país se torna um Estado poderoso, potência ou uma superpotência. São alguns fatores que determinam o quanto um país é poderoso e o conjunto desses fatores o define como potência. Desse modo, o país consegue exercer uma certa influência sobre os demais países. A política externa é outro ponto importante em um país, pois será essa que abrirá mercados (aumentando a economia) e auxiliará o país a conseguir novos países aliados etc.

Para a melhor definição do poder e potência é preciso entender as cinco principais fatores.

1) O sistema político. É um dos fundamentos para que um país possa ser considerado uma superpotência. Neste, o sistema precisa ser democrático, onde a população exerce a soberania; precisa de um bom governante, que

consiga o apoio da população nas suas decisões. Quando um país funciona internamente com o apoio da população, é mais fácil para o governo controlar as manifestações contra o mesmo, assim não precisando entrar em uma guerra civil com a população local. A política deve ser refletida externamente também, pois se deve manter boas relações com outros Estados.

2) A Economia Estatal. O dinheiro cria possibilidades para comprar resultados e comprar quase todos os outros tipos de poder. As possibilidades vão desde comprar como também vão para o investimento de todos os segmentos.

A economia do país é o que determina o quão civilizado ele é, quais são os territórios que esses países obtêm influência, qual é o seu percentual do PIB (Produto Interno Bruto), qual é a infraestrutura do país, a qualidade de vida, educação e saúde. Quanto mais forte for um país na questão econômica mais ele terá influência sobre os países menos desenvolvidos, pois estes são os que irão necessitar de auxílio para o desenvolvimento e/ou segurança. Essa economia auxiliará o país nas questões políticas, internas e externas.

No sistema internacional, existem países que possuem uma economia muito forte. Esses países possuem maiores riquezas e podem investir em tecnologia, melhorar a infraestrutura do país, investir em educação, política, entre outras coisas. Um exemplo seria a China, Rússia, Estados Unidos etc. Estes países são conhecidos mundialmente pelo seu desenvolvimento e riqueza, além das altas taxas de investimentos. Esses investimentos estão ligados a tecnologia, participações em algumas guerras civis (assim obtendo influência em um determinado local), investimentos em armamentos altamente destrutivos, entre outras coisas.

A medida que os países se desenvolvem economicamente eles geram a capacidade de produzir armamentos. Entre os anos 60 e os anos 80, por exemplo, o número de países do terceiro mundo que produziram aviões de caça aumentou de uma para oito; tanques, de um para seis; helicópteros, de um para seis; e mísseis táticos, de nenhum para sete [...]. (HUNTINGTON, 1996. p. 108)

3) Força física e aptidão para a violência. Seria o controle pelo meio da força (o meio primitivo do homem), onde basicamente utiliza-se o meio da

criação de novos armamentos, criação de novas estratégias para que possa se defender e/ou derrotar seu inimigo, ou até mesmo fazer com o que o seu adversário siga os mesmos ideais que você.

O atalho visualizado é a obtenção de armas nucleares, biológicas ou químicas e os meios para lança-las. Os Estados-núcleos das civilizações e os países que são ou aspiram ser as potências dominantes no âmbito regional têm um estímulo especial para obter essas armas de destruição em massa. Em primeiro lugar, essas armas habilitariam esses Estados a estabelecer seu predomínio sobre outros Estados em suas respectivas civilização e região pelos Estados Unidos ou outras potências externas. (HUNTINGTON, 1996. p. 109).

Great powers are determined largely on the basis of their relative military capability. To qualify as a great power, a state must have sufficient military assets to put up a serious fight in an all-out conventional war against the most powerful state in the world. (MEARSHEIMER, 2001. p.8).

Não é necessário que se utilize desta força, porém é necessário que os outros Estados saibam que o Estado a possui. Essas forças são medidas também pela quantidade de bombas nucleares (bombas com poder altamente destrutivo). O Estado que a possui é os considerado o mais poderoso do sistema internacional.

Vê-se essa força sendo utilizada na grande busca do poder entre os Estados, onde um Estado manipula o outro por meio da força militar. Ou seja, é a presença total da violência (mesmo que não se utilize ela de fato) para que o Estado obtenha aliados, ou uma neutralidade, ou até mesmo fará que apenas o outro Estado não declare Guerra ao que país que possui maior força e aptidão para a violência.

Um exemplo usando a força e a violência é a colonização dos Estados Unidos no século XVI. Quando os Ingleses chegaram às terras americanas havia uma população indígena que foi terrivelmente ameaçada, tanto pelas novas doenças que chegaram, na qual eles não tinham conhecimento nenhum para que pudessem se curar, quanto pelos soldados Ingleses. Neste ponto analisamos o poder de destruição e estratégias de guerra. Os ingleses continham mais força, armamentos mais poderosos que os indígenas e também estratégias de guerra. Por sua vez os nativos agiram com toda a força

que eles tinham, utilizaram as suas melhores armas, porém, os ingleses venceram o conflito, uma vez que eles possuíam mais tecnologia e armas mais poderosas, assim fazendo uma dominação no território “encontrado” e iniciando uma colonização.

Outro exemplo seria a utilização de estratégias, onde um país deve escolher um aliado para uma situação em particular. Como exemplo, o caso da união dos Estados Unidos e do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial². O Brasil no conflito tinha uma neutralidade, porém em um momento da história era necessário apoiar um lado. Mesmo não declarado oficialmente, o lema do Estados Unidos era “Junta-se a mim, ou estará contra mim”. Sabendo a potencialidade do Estados Unidos, o Brasil optou por apoiá-lo na guerra. Nesse caso não houve o uso da força para que o Brasil se aliasse, porém, o país em questão se sentiu por um momento ameaçado caso não entrasse na guerra.

4) Ação do Estado. É o uso das leis e das burocracias para obrigar as pessoas a fazerem ou não certas coisas. São as políticas utilizadas pelos Estados para conseguir influências em determinado assunto, que vão desde o relacionamento de um Estado com o outro, como também as ações relacionadas a determinado acontecimento em um outro Estado ou Região.

Essas políticas podem favorecer o Estado em determinadas coisas, como uma simples transição de comércio internacional ou fazer com que este Estado possa realizar algum ato, conseguindo utilizar alguma lei que o favorece em sua atuação.

No início do mês de abril do ano 2017, houve um ataque feito pelos Estados Unidos contra a Síria. A síria atualmente está em uma guerra civil entre o governo de Bashar al-Assad e o grupo terrorista autodenominado estado islâmico, e em um de seus conflitos o governo de Assad realizou um ataque com bombas químicas. Os Estados Unidos por sua vez fez um ataque a base militar de Shayrat, na Síria, com a justificativa de que a Síria utilizou

² Essa estratégia utilizada pelo Brasil antes de apoiar os Estados Unidos é conhecida como diplomacia pendular, onde uma o país apoia um lado em um momento e em outro momento ele apoia o outro lado, fazendo uma política com “compreensão” sendo aliado de todos os lados, ou uma política onde o país apoia o lado que está lhe favorecendo mais, podendo modificar conforme o cenário, igual ao caso do Brasil, na Segunda Guerra Mundial, que apoiou o lado que estava vencendo, no caso o lado dos EUA.

armamentos químicos, que seria proibido pela convenção sobre a Proibição do Desenvolvimento, Produção, Armazenagem e Utilização de Armas Químicas e sobre sua Destruição.

Donald Trump, presidente dos EUA, em 2017 declarou, via twitter, após o ataque que: “Assad sufocou homens, mulheres e crianças inocentes. Foi uma morte lenta e mortal para muitos” e “até mesmo lindos bebês foram cruelmente assassinados neste ataque bárbaro. Nenhum filho de Deus deveria jamais sofrer horror tão terrível”. Independente se foi correto ou não o ataque feito pela Síria ou pelo Estados Unidos, o presidente Trump utilizou de uma lei internacional, da convenção de armamentos químicos, para realizar um ataque no qual modificou o cenário da Síria.

Todos os atos e apoios de um país são válidos para que se possa medir quais são as suas ações e seus interesses por trás disso. Essas ações são uma base para ter conhecimentos de quais são os países aliados. Todos os ataques e até mesmo a diplomacia de um representante de Estado são baseados em interesses, bons ou ruins para a população local. O que importa nos dias atuais ou até mesmo o que importava nos séculos passados, é a questão de que quais países são as potências, e o que este país deve fazer para continuar sendo uma potência.

5) Tecnologia e Ciência. Ambas são importantes para o desenvolvimento dos países, pois são os que equilibram a balança comercial, fazendo com que o país importe menos produtos de outros países. A tecnologia e a ciência são fundamentais para o desenvolvimento de inovações, para maior produtividade nas áreas industriais e auxiliam nas riquezas dos países, assim, melhorando a sua economia. A tecnologia também é o que mantém o mundo conectado, em questão de livre comércio, a facilitação para os negócios e o livre acesso à informação.

O país que possui uma tecnologia avançada, automaticamente cria uma dependência dos países subdesenvolvidos. Pois todos os outros países que não dispõem dessa tecnologia, irão fazer acordos para importação destes produtos, mais uma vez sendo benéfico para a superpotência em termos de influências e economia.

Conforme Hansen e Buzan (2009), a tecnologia tem impacto sobre o desenvolvimento econômico, político, militar e cultural. A Tecnologia é um benefício importantíssimo para um país, pois quando este a possui todos os seus campos serão mais avançados em relação aos outros países. Quando um país a possui ele será mais desenvolvido, a política será sempre mais moderna, suas estratégias militares, comunicação entre seus soldados e a criação de novas armas serão sempre mais eficientes, e a cultura do país será desenvolvida junto também.

Todos esses pontos mencionados são importantes para que um país consiga se tornar uma superpotência. Obtendo todos esses pontos, o país consegue ganhar vantagens sobre os demais países, consegue influenciar opiniões, se torna um país influente no cenário internacional e entre outras coisas.

O poder pode abarcar tudo que estabeleça e mantenha o controle do homem sobre o homem. Assim, o poder engloba todos os relacionamentos sociais que se prestam a tal fim, desde a violência física até os mais sutis laços psicológicos mediante a mente de um ser controla uma outra. (MORGENTHAU, 2003. p.18).

Uma das vantagens que os países ganham por serem uma superpotência é possíveis aliados para alguma política ou/e interesses em comum. Nos dias atuais o que se vê são os países com maior tecnologia, maior economia investindo em guerras civis para aumentarem a sua influência global, entretanto, o país pode apoiar o governo, ou muitas vezes até mesmo os grupos extremistas para conseguir chegar nos seus ideais.

Esses investimentos têm como interesse territórios e/ou pelos recursos naturais que os países em guerra obtêm. Atualmente se vê as grandes potências do cenário internacional participando de uma “Segunda Guerra Fria”³, enquanto os países que não tem uma estrutura política e social bem definida entram em guerras civis (entre o governo e grupos rebeldes), se

³ Termo utilizado pelo autor Luiz Bandeira, para descrever a disputa pelo poder entre Estados Unidos e Rússia no mundo contemporâneo

autodestruindo, na medida em que as grandes potências se favorece das trocas e investimentos, ainda podendo sair “vencedor”, aumentando o seu poder no cenário internacional, sem que haja qualquer destruição de seu território ou de sua economia.

As questões que ocorrem no Oriente médio são importantes para analisar o poder e a influência de cada Estado. Se analisar as guerras, se vê que elas não têm um futuro e estão longe de uma solução, pois no contexto encontram-se países como Estados Unidos, China e Rússia com uma grande economia, poder bélico e com um grande poder mundial investindo cada vez nas regiões do Oriente Médio para ampliar as suas influências. Estes investimentos fazem com

que os terroristas e os governos contemham uma enorme força em armamentos, estratégias etc., dificultando uma solução nestes países. Nestas guerras, quem perde é a região onde acontecem os conflitos e a sua população, que perdem tudo e acabam saindo de seu país de origem em busca de uma vida em paz.

6) Ideias. São as liberdades individuais, ou a igualdade social que podem gerar quantidades limitadas de poder. As ideias movem as pessoas e as unem, assim modificando pensamentos e as vezes as ações do indivíduo.

Esse tipo de fonte de poder são as manifestações dos povos. Em muitos países, há manifestações do povo contra as ações do governo, por entenderem que é necessária uma nova política.

Um exemplo seria as guerras no Oriente Médio do fim do século XX e início do século XXI. Muitas destas guerras civis se iniciaram pelo fato de alguns grupos não concordarem com o governo, e assim eles fizeram um movimento para que juntos, aquela população que não apoia o governo reivindique os seus direitos. No Iêmen acontece exatamente essa divisão de ideias que gera manifestações e conflitos. Desde 2015 às forças do ex-presidente Ali Abdullah Saleh entraram em conflito com o atual presidente Abd Rabbuh Mansur Hadi, por não aceitarem uma batalha pelo aeroporto Internacional de Áden. Ou seja, uma ideia que o ex presidente do Iêmen tinha, onde ele conseguiu mover tropas leais, para iniciar um combate. Hoje no Iêmen tem vários outros conflitos que será analisado nos próximos capítulos.

Dessa forma, observa-se que para obter poder é preciso uma estrutura muito forte. Os países participam direta ou indiretamente de alguns acontecimentos mundiais como as guerras civis ou até mesmo as Guerras Mundiais. Conseqüentemente entende-se que os acontecimentos anteriores fortaleceram esses países que hoje são potências mundiais e que cada vez mais esses países estarão em busca pela civilização e em busca do poder.

Deve-se ter em mente que o poder nunca é estático. Se um país está agindo para acumular este poder, agindo contra outros países, haverá também um outro país agindo em busca desse poder e agindo contra este país, um exemplo é o Estados Unidos e Rússia, desde o século XX após a primeira grande guerra estes dois países “lutam” um contra o outro para se tornarem poderosos. Pode-se comparar o poder como a água, ela flui todos os dias e percorrem diversos caminhos, no caso do Estado o que direciona o poder é a política praticada por ele. Sempre se deve formular políticas novas e também se esforçar para manter-se sempre o mais poderoso.

O poder por sua vez é um tanto acumulativo, quando você o tem você sempre busca e acumula mais poder. A única coisa que faz com que apenas um país obtenha mais poder, é que ele é estático e flui exatamente como a água, como comentado anteriormente.

O que acontece no cenário internacional, que impede apenas um país obter todo o poder do mundo é a democracia, as leis internacionais que são mediadas pelas organizações internacionais. Os outros países podem se manifestar contra o que um país faz, pedindo por exemplo uma reunião no conselho de segurança das Nações Unidas.

Existem inúmeras formas de acumular o poder como foi apresentado anteriormente, como também há maneiras de você perdê-lo com um erro ou uma estratégia que não foi elaborada corretamente. Um exemplo é a Primeira e Segunda Guerra mundial, onde a Alemanha havia acumulado um grande poder, porém não soube usá-la. O país declarou guerra a outros países pensando que seria invencível, porém os outros países se uniram e a derrotaram não uma mais duas vezes.

Desde o início do século XX, houve uma grande disputa entre os países para se tornarem potências mundiais em termos econômicos, políticos,

militares e etc. Este foi um século de acontecimentos de grande importância mundial, houve uma mudança nas delimitações de territórios, modificações dos atores internacionais e mudança global, de valores, conceitos, teorias, capacidades industriais, tecnológicas e etc.

Segundo Hobsbawm (1995), o século XX foi um breve século, com muitos acontecimentos importantes que marcaram a trajetória do sistema internacional, datado de 1914 com a eclosão da primeira Guerra Mundial até 1991 com o fim do socialismo e da União Soviética.

A humanidade desde o de sua história escrita, procura a acumulação de poder, riqueza e tem uma forte busca pela segurança de sua sociedade. E neste período não foi diferente, o início do século se deu pelo fim dos Estados autocráticos e o início de um novo processo civilizacional. Os Estados Unidos são, neste período inicial, um país relativamente neutro e poderoso, e as potências mundiais da época são a Inglaterra, Alemanha, Austro-húngaro, Itália, França e Rússia.

Este período também foi marcado pelo liberalismo, onde países como a Alemanha e Austro-húngaro cresceram economicamente. Em contrapartida existiam as outras potências não contentes com a expansão desses territórios, iniciando os conflitos entre países vizinhos.

O estopim foi o ataque planejado por estudantes sérvios para matar o arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono Austro-húngaro, que levou a Alemanha a estrear uma guerra com as grandes potências, iniciando o primeiro conflito mundial. De um lado a Tríplice Aliada (Alemanha, império Austro-húngaro e a Itália, do outro lado a Tríplice Entente (Inglaterra, França e Rússia).

Este cenário foi uma disputa por dominação territorial e influência global, com a Alemanha crescendo como estava deixando muitos países incomodados, até pelo fato de ocupação de territórios europeus, diminuindo a influência da França e de outros países. O Resultado da Primeira Guerra mundial foi a vitória da tríplice Entente, com o auxílio dos Estados Unidos da América, que tinha como interesse a visibilidade no cenário internacional.

É necessário lembrar que até os países da Europa que não tinham interesses de entrar na guerra. mas foram conseqüentemente arrastados para

ela, com exceção da Espanha, os Países Baixos, os três países da Escandinávia e a Suíça (HOBSBAWN, 1995). Outros países fora da Europa também enviaram soldados à guerra.

O fim da Primeira Guerra foi devastador para os países perdedores. O tratado de Versalhes penalizou fortemente os países da Tríplice aliada, tentando fazer com que os mesmos não se tornassem potências mundiais, proibindo-os de se rearmarem e o ponto mais forte foi a quantia a ser paga aos países vencedores, para compensar o que eles perderam durante a guerra, além do prejuízo moral de assumir a culpa pelo conflito.

[...] como o tratado de Versalhes, era dominado por cinco considerações. A mais imediata era o colapso de tantos regimes na Europa e o surgimento na Rússia de um regime bolchevique revolucionário alternativo. [...]. Segundo, havia a necessidade de controlar a Alemanha, que afinal quase tinha derrotado sozinha toda a coalizão aliada. [...] Terceiro, o mapa da Europa tinha de ser redefinido e retraçado, tanto para enfraquecer a Alemanha quanto para preencher os grandes espaços vazios deixados na Europa e no Oriente médio. [...] quarto conjunto de considerações eram as políticas internas dentro dos países vitoriosos – o que significava, na prática, Grã-Bretanha, França e EUA – e os atritos entre eles. [...]. Por fim, as potências vitoriosas buscaram desesperadamente o tipo de acordo de paz que tornasse impossível outra guerra como a que acabara de devastar o mundo e cujos efeitos retardados estavam em toda parte. (HOBSBAWN. 1994. p. 39)

Após a guerra surgiram novos atores internacionais, com destaque aos Estados Unidos. Seus danos causados pela guerra foram minúsculos comparado aos de outros países, deve-se ressaltar que a guerra aconteceu em solo europeu, devastando completamente toda a Europa, até para os países vencedores houve danos e um processo de reconstrução.

Como já citado anteriormente, existe uma oscilação eminente no cenário internacional, o país considerado uma superpotência hoje, pode amanhã não ser. Os países que possuírem mais recursos e forças, serão sempre os que dominaram o mundo.

Há uma constante guerra de todos contra todos, como Hobbes descrevia, que é o estado de natureza do homem, no cenário internacional, dá-se o mesmo estado. Primeiro porque é um sistema que não obtém normas de

um órgão regulamentador supranacional, e segundo que quanto mais poder e dominação um Estado têm, mais eles buscarão o poder e dominação, como se fosse uma autodefesa para garantir a segurança e a riqueza.

Foi no período pós-guerra, que a Rússia vivenciou a Revolução Socialista. Com a implementação de novo sistema houve a criação da União Soviética (URSS), com o objetivo de aumentar a sua economia e ampliar a sua dominação mundial, de um modo alternativo ao liberalismo.

Muitos países após a guerra, praticaram o protecionismo, fechando-se para novos mercados, com a justificativa de que o liberalismo de certa forma exporia a economia dos países, e para alguns é uma forma de ficar mais vulnerável.

O mundo nos anos depois da Primeira Guerra Mundial também viu manifestar uma revolução tecnológica. Os países começaram a investir em aviões mais potentes, trens mais rápidos, armamentos mais poderosos, navios e submarinos melhores e mais avançados tecnologicamente. Os países estavam se preparando para uma possível nova guerra, pois mesmo o armistício da Primeira, houve tensão entre os países vencedores e perdedores, conseqüentemente resultou na Segunda Grande Guerra.

Great powers are determined largely on the basis of their relative military capability. To qualify as a great power, a state must have sufficient military assets to put up a serious fight in an all-out conventional war against the most powerful state in the world. The candidate need not have the capability to defeat the leading state, but it must have some reasonable prospect of turning the conflict into a war of attrition that leaves the dominant state seriously weakened, even if that dominant state ultimately wins the war. (MEARSHEIMER. 2004. p. 5).

Observa-se que há uma constante busca pelo poder e para isso os países necessitam inovar, se rearmar, para que consigam sempre estar à frente de outros países. É uma ideia geral, se um país pensa em ser mais poderoso e conseqüentemente deixar outro país à mercê dele, terá em contrapartida outro país com a mesma ideologia, até porque nenhum país ou pessoa quer depender ou temer, essa realidade gera um ciclo vicioso.

A Segunda Guerra Mundial, se deu pelos mesmos motivos que a primeira guerra, as dominações territoriais e também pelos novos regimes que

que apareceram na Europa. Tivemos os regimes. Tivemos o regime fascista na Itália, o Stalinismo na Rússia e o mais proeminente de todos, o Nazismo na Alemanha.

Esses movimentos totalitários, que obtinham a ideia principal levar a essência do socialismo. As ideias eram levar a igualdade para todos e a intenção era expandir o seu domínio pela Europa, como também às dominações territoriais. Isso ocorre por parte tanto desses países, quanto para os países que estavam insatisfeitos com a divisão territorial da 1ª GM.

Mesmo com a criação da Liga das Nações, em 1919, para a preservação da paz, não foi o suficiente para evitar a 2ª GM. A Organização criada, não tinha poderes supranacionais para barrar um Estado, ela dependia da boa vontade de cada país para que o mundo permanecesse em paz e ainda esbarrava com a soberania de cada Estado. Porém em 1931, deu-se a primeira invasão, a Manchúria fora invadida pelo Japão, e assim se sucederam outras invasões de territórios, como em 1935 a invasão da Etiópia pelos Italianos, em 1936-9 a intervenção na guerra civil espanhola pela Alemanha e Itália, em 1938 a invasão da Alemanha na Áustria, entre outras invasões da Alemanha, como também as exigências alemãs a Polônia que levaram de fato o início da Guerra (HOBSBAWM,1994).

A não intervenção por parte da Liga das Nações nas invasões e até a renúncia da Grã-Bretanha e França ao tratado de Versalhes foram negativas para o cenário internacional, eclodindo a Guerra entre as maiores potências mundial na época, Alemanha, Grã-Bretanha, Japão, França, Rússia, Estados Unidos e Itália.

Assim, a guerra iniciara em 1941, de um lado os aliados (Inglaterra, França, Estados Unidos, União Soviética, Brasil, entre outros), do outro lado o Eixo (Alemanha, Japão e Itália). Pelo lado Alemão houve além da visão do expansionismo do país, a perseguição de grupos étnicos, essencialmente aos judeus e ciganos, com a economia e estratégia de guerras, os alemães foram com a certeza de que ganhariam. Pelo lado dos travaram estratégias para deixar o eixo sem alimentos, como também influenciaram outros países que obtinham neutralidade para lutar contra a causa.

Um fato interessante, é que os Estados Unidos e a União Soviética se aliaram para combater um inimigo em comum. O regime adotado pelos países eram divergentes e obtinham uma certa competição pela influência global, teve a junção do capitalismo com o socialismo para que junto pudessem derrotar o inimigo. O que motivou os países europeus a entrarem na guerra contra a Alemanha, foi que eles não podiam deixar a Alemanha dominar o continente, pois colocaria em risco as potências mundiais.

A Guerra foi sangrenta, com mais de 50 milhões de mortos e 35 milhões de pessoas feridas no campo de batalha, com o lado vencedor os aliados e o Eixo totalmente destruído e com o suicídio do líder nazista, Adolf Hitler. As tecnologias bélicas com alto potencial de destruição foram usadas deixaram um trato de destruição e de desconsolo, uma Europa totalmente devastada e a Alemanha irreconhecível. O último ato de guerra, foi o ataque dos Estados Unidos às cidades de Hiroshima e Nagasaki, no Japão, mostrando a mais nova arma de destruição, a bomba atômica, em agosto de 1945.

A questão que muitos se perguntam é o porquê os Estados Unidos atacaram o Japão, depois que eles já haviam se rendido. A resposta é simples, a principal ameaça para o Estado americano era a crescente economia do Japão, assim, os Estados Unidos mostraram que além de potência econômica, também podiam ser considerados como potência militar.

O país que mais se beneficiou com a guerra novamente foram os Estados Unidos, pois mais uma vez a guerra foi no território europeu, deixando novamente um território destruído, deixando quase intacto o território americano. Outros países também saíram reconhecido pela seu potencial, como a Rússia. O seu exército ficou conhecido pela brutalidade e habilidade, principalmente em utilizar o inverno russo como estratégia de batalha.

Duas instituições foram criadas após a 2ªGM, a Organização das Nações Unidas (que substituiu a Liga das Nações), com a finalidade de estabelecer a paz e a cooperação entre os países, em 1945, e o acordo do General Agreement on Tariffs and Trade (GATT), em 1947, com a intenção da liberação comercial para a reestruturação e manutenção da paz.

Nota-se mais uma vez que a guerra separa os vencedores como as potências mundiais e os perdedores como ex-potências. A pergunta que pode

surgir é: existe mesmo a necessidade de um conflito tão brutal como uma guerra para se tornar uma potência? A resposta é, que depende, a guerra favorece o lado vencedor, dando-os um lugar de destaque, mas para se tornar realmente uma potência são exigidas muitas coisas, como a economia, política, poder bélico, entre tantas outras, ou seja, é uma verdadeira composição de variáveis para de tornar poderoso no sistema internacional.

Outro conflito importante para mostra as ações das superpotências é o panorama da Guerra Fria, onde duas superpotências ganhadoras da guerra, porém “inimigas”, os Estados Unidos, com o sistema liberal, e a Rússia com o sistema socialista passariam a se enfrentar ideologicamente. A Guerra Fria iniciou-se logo após a Segunda Guerra Mundial 1945 e durou, até 1991 com o fim do socialismo, a intenção era expandir a política interna dos dois países, aumentando a influência de cada uma, de um lado espalhando a “igualdade”, com o sistema socialista que visa a distribuição igualitária de riquezas e propriedades, diminuindo a divisão de classes entre pobres e ricos, e o outro lado o liberalismo, que prega a liberdade individual em todas as questões, sejam elas econômicas ou políticas.

Desde o próprio início da sua vida nacional, os americanos professavam uma forte crença naquilo que consideravam ser seu próprio destino: estender, através do exemplo, a liberdade e a justiça social para todos [...]. Mas os Estados Unidos não seriam apenas um farol de uma maneira de viver inteiramente de forma democraticamente superior. Também seriam exemplo de um modelo de comportamento internacional democrático moralmente superior. (TURNER, 1981. p.287).

O sistema bipolar da guerra fria, segundo Magnoli 2013, foi um sistema mundial de Estados configurado no pós-guerra e assentado sobre o equilíbrio entre as duas superpotências nucleares. Um período no qual Estados Unidos e Rússia investiram e testaram fortemente as bombas nucleares. Um mapa feito por Issao Hashimoto mostra que de 1945 a 1998, os Estados Unidos testaram 1032 bombas nucleares e a Rússia 715, sendo que mais que da metade foram testadas durante a Guerra fria.

A Guerra Fria provocou a mais impressionante corrida armamentista da história. A doutrina MAD, baseada na

capacidade de represália devastadora, implicava um aumento contínuo e uma modernização crescente dos vetores e das ogivas conduzindo cada uma das superpotências a produzir arsenais capazes de exterminar várias vezes o inimigo. (MAGNOLI. 2013. p.139)

Depois de tantos investimentos, guerras civis por parte de alguns países, e da destruição do Japão no início da Guerra Fria e fim da Segunda Guerra mundial, o cenário de 1991 modificou-se.

A União Soviética perdeu toda a sua força e influência para os Estados capitalistas, deteriorou-se em uma crise que resultou no fim da União, se tornando novamente a Rússia. Os Estados Unidos, tornaram-se um modelo de democracia, com um sistema econômico invejável. O Japão, após a Segunda Guerra Mundial, entrou na Guerra Fria neutro e investiu na diplomacia cultural, um tipo de estratégia inteligente que fazia com que ele voltasse com uma economia razoável, e a China conquistando a Ásia e tentando ser o número um no sistema econômico. Em seu continente, a China é considerada um marco da economia, e de escala mundial ficando atrás somente dos Estados Unidos.

Após vários cenários em que se tem uma oscilação de potências mundiais devemos responder à questão atual: o que é e quem são as 5 maiores potências do sistema? Deve se deixar claro que essa resposta é dada no início do século XXI e que as potências Mundiais são divididas em vários seguimentos e cálculos, sendo avaliado, influência territorial, economia, PIB (produto interno bruto), política, poder de destruição (força bélica), entre outros. Sendo elas: Os Estados Unidos da América, Rússia, China, Reino Unido e Alemanha. São os países mais influentes e poderosos do mundo, sendo os Estados Unidos o único país considerado uma superpotência, por ter todos os pontos para que seja considerado uma (economia, influencia, força militar, cultura e política), os demais países são considerados potência, mas obtendo uma certa influência no âmbito global.

Abaixo segue tabela para análise da economia, PIB, poder militar e ranking de democracia para comparação.

Tabela 1 – Ranking das grandes potências

Países	Alemanha	China	Estados Unidos	Reino Unido	Rússia
PIB (Trilhões US\$)	4,135	23,194	19,417	2,833	3,938
Participação no PIB Mundial (%)	3,3	18,3	15,3	2,3	3,1
Economia (Trilhões US\$)	6,138	58,499	34,102	5,369	7,131
Potência Militar Valores em dólares	Efetivo: 596 Mil Orçamento: 8,2 Bi Tanques: 2.445 Aeronaves: 1.108 Porta-aviões: 2 Submarinos: 12	Efetivo: 4,6 Mi Orçamento: 161 Bi Tanques: 6.457 Aeronaves: 2.955 Porta-aviões: 1 Submarinos: 68	Efetivo: 2,3 Mi Orçamento: 587 Bi Tanques: 5.884 Aeronaves: 13.762 Porta-aviões: 19 Submarinos: 70	Efetivo: 197 Mil Orçamento: 45,7 Bi Tanques: 249 Aeronaves: 856 Porta-aviões: 2 Submarinos: 11	Efetivo: 3 Mi Orçamento: 44 Bi Tanques: 20.216 Aeronaves: 3.794 Porta-aviões: 1 Submarinos: 63
Posição Ranking democracia	8	107	16	14	96

Fonte: Modificado a partir de the Democracy Ranking 2016; International Monetary Found; Essas serão as maiores economias do mundo em 2050; e 2017 Military Strength Ranking .

2.3 AS ESTRATÉGIAS DE MANUTENÇÃO DE PODER

No sistema internacional existem duas formas de exercer o poder estatal, por meio do comando (coerção e indução) e/ou por meio pelo poder de cooptação (atração) (ARRAES e GEHRE, 2013). A primeira forma é conhecida como *hard power* (poder duro), que diz respeito a força militar e à capacidade econômica e a segunda tem a denominação de *soft power* (poder brando), que leva em consideração os valores adotados pelo país, a influência cultural, a ideologia, etc.

A junção das duas formas (*smart power*) é o que também denomina um Estado como grande potência, conquistando a hegemonia sobre os demais Estados. Assim, formando no cenário internacional uma hierarquia entre os Estados, como mostrado na tabela 1, os países considerados superpotências.

Além de utilizar do *smart power* e da política do poder⁴, alguns Estados no cenário internacional vivem em constante manutenção do poder utilizando as melhores estratégias para continuarem a serem os primeiros no plano internacional. Utilizam-se na verdade de uma teoria conhecida como a teoria

⁴ Refere-se aos desenvolvimentos econômicos, possibilidade de impor sua vontade através da tecnologia, ciência, força militar e a imagem e reputação capazes de agregar outros tipos de poder à carteira internacional do país.

dos jogos, utilizando a soma zero e o equilíbrio de Nash como as principais estratégias para a manutenção.

Para melhor entender como funciona o cenário, serão analisadas as duas estratégias. A estratégia de soma zero se dá através do ganho de um país e a perda do outro, ou seja, aquilo que um país ganha é o que o outro perde, somando os resultados da soma 0, mas não utilizaremos dos cálculos da teoria, será utilizado apenas o conceito para que se entenda como funciona no cenário internacional.

Quando os dois países pensam e utilizam-se da mesma estratégia, fazendo com que se igualem as forças, havendo um equilíbrio entre os dois oponentes. Aproveitando-se do “fazer o melhor possível”, sabendo que o seu oponente também estará utilizando da mesma estratégia, assim mantendo o equilíbrio, conhecido como o equilíbrio de Nash⁵. Neste caso, ganha aquele que consegue ultrapassar o equilíbrio e para ultrapassar esse equilíbrio é necessário que o país possua uma maior força, economia e poder do que seu oponente, assim conseguindo sobreviver mais tempo nos conflitos.

Um exemplo do equilíbrio de Nash é na Primeira Guerra Mundial. Os dois oponentes da guerra possuíam os mesmos meios de combates, travando uma guerra de equilíbrio entre os participantes, utilizavam da mesma tecnologia, das mesmas forças e dos mesmos armamentos. A Guerra só foi vencida pela tríplice entente porque após três anos de guerra travada, ambos os países já destruídos e com altas dívidas trazidas pela guerra, os Estados Unidos entraram na guerra, com seu território e economia intocada, dando uma revitalizada nas forças para a Rússia, Reino Unido e França, fazendo assim que a guerra tivesse um fim em 1918.

Este jogo é caracterizado por uma escolha-dilema apresentada aos dois jogadores numa situação em que não tem como se comunicar e nenhum controle sobre a escolha do outro, além do que, os interesses das partes não são estritamente opostos. Embora ambos os jogadores pudessem beneficiar-se caso optassem por cooperar, a lógica do jogo, na versão não-

⁵ John Nash foi um matemático que explorou as situações mais complexas dos estudos de John von Neumann, onde definiu que um indivíduo pode mudar as vantagens de um jogo por meio de uma estratégia unilateral, considerando que os outros jogadores também não mudem as estratégias utilizadas.

interativa, força-os a competir. O dilema reside no fato de que a estratégia racional, que é dominante, não é ótima para nenhum dos dois jogadores [...] (LIMA, 1990, p.12. Apud SCARPELIN, SANTOS, RIBEIRO, 2014)

Outra teoria abordada nas Relações Internacionais como estratégia e manutenção do poder é a teoria da interdependência complexa. Onde a economia de grandes empresas e dos Estados é utilizada para que haja uma dependência de outros Estados, assim obtendo uma assimetria, onde o Estado independente tem maior poder sobre o país dependente.

Pode-se empregar o exemplo do aumento do petróleo em 2015 pela Arábia Saudita, os países importadores do petróleo como Estados Unidos, Brasil, alguns países da Ásia etc., obtinham certa dependência do produto, assim, quando houve o aumento do valor, esses países passaram por um desequilíbrio financeiro, tendo que negociar para ver se conseguiam estabelecer um equilíbrio no mercado interno, pois quando um país necessita do outro para produzir ou vender algo é utilizado como uma forma de poder.

O relacionamento do país pode ser indireto ou direto, e leva como conceito ajudar uns aos outros para buscar o melhor para si no cenário internacional, dentro dos moldes da globalização e do neoliberalismo. O aumento da relação dos países para favorecer e facilitar o livre comércio é aproveitado para conseguir gerar uma interdependência entre todos os países.

Os países necessitam do poder para garantir a segurança nacional do seu território. Uma vez que não existe um órgão de ordem supranacional no cenário internacional, o sistema internacional é um sistema anárquico, devido a inexistência de um governo superior aos Estados. Assim, podemos utilizar o realismo, que diz que o plano internacional será sempre um cenário de conflito, para tentar abrandar a perspectiva realista tenta-se utilizar o livre comércio, para que os países mantenham boa relação e conseqüentemente em algumas ocasiões deixem a diferença de lado, pensando nos ganhos comerciais.

A partir daqui, serão observadas as estratégias utilizadas pelas grandes potências após 1945 até o início do século XXI. Além de comentários sobre os investimentos, as diplomacias e sobre as relações com as ditaduras e guerras civis durante e após a Guerra Fria.

A Guerra Fria foi marcada por um cenário bipolar⁶, entre as duas grandes potências mundiais da época, Estados Unidos e Rússia. Durante este período, todos os países do mundo tinham que escolher um lado, socialista ou capitalista. Dentro desse cenário, ambas as potências fizeram o possível para conseguir ficar no poder do cenário mundial.

Iniciaremos com os Estados Unidos, o país considerado a única superpotência do sistema internacional. O país teve um total de 73 intervenções militares desde 1939 até 2003, vários investimentos em países e etc.

Como visto anteriormente, os Estados Unidos participaram das duas grandes guerras e saíram como potência mundial. Após as duas guerras, iniciou um período onde as duas forças participantes traçaram estratégias para a expansão de seu domínio, fazendo com que muitos países ficassem na zona de influência, e conseqüentemente vinculando formas para a economia e estabilidade do Estado.

A estratégia mais utilizada pelos Estados Unidos foram os investimentos em golpes militares em alguns países e também investimentos por parte da CIA e FBI em grupos terroristas, para conseguirem que de alguma maneira pudessem ter influência durante a Guerra Fria, com a intenção de diminuir a zona de influência soviética (BANDEIRA, 2013).

Os Estados Unidos, antes dos investimentos no Oriente Médio, investiram na América Latina. Após a revolução cubana em 1959, a preocupação dos EUA sobre a influência soviética na América Latina aumentou. Nesse clima o país deixou claro as suas intenções para garantir a sua hegemonia, colocando ao poder dos países chefes militares, para garantir a influência americana na região.

Os EUA fizeram grandes investimentos, distribuições de armamentos, travando o descontentamento da população dos países, que não tinham a liberdade de expressão e democracia. Os países que vivenciaram regimes militares foram: Guatemala, em 1954; Paraguai, em 1954; Argentina, em 1962; Brasil, 1964; Bolívia, em 1965; República Dominicana, em 1965; Peru, em 1968; Chile, em 1973; e Uruguai, 1973.

⁶ Divisão do mundo em duas zonas de influências.

Os investimentos em países do terceiro mundo foram altíssimos, para que fosse possível dominar a parte do mundo que obtém 60% da reserva de petróleo mundial.

Segundo Moniz Bandeira (2014), a CIA forneceu em torno de US\$ 3,3 bilhões, dos quais pelo menos a metade proveio do governo da Arábia Saudita e que mais US\$ 250 milhões fluíam, mensalmente, para os *mujahedin*⁷ da Arábia Saudita e de outros países árabes.

Observa-se que os países que precisam investir em questões de guerras, necessita ter uma economia amplificada, para que possam fazer os investimentos e manter a sua economia estável. Além de investimentos em dinheiro, a CIA e agentes do ISI recrutaram e treinaram entre 16 e 18 mil mujahedin, aos quais Osama bin Laden uniu um continente de 35 mil árabes-afegãos (BANDEIRA, 2014).

Os investimentos e treinamentos voltados aos grupos eram para combater tropas soviéticas, e também para que assim, golpes fossem aplicados mais facilmente, provavelmente com guerras civis entre o governo atuante e os rebeldes.

Foram a CIA e o Inter-Services Intelligence (ISI) do Paquistão e o Ri'āsāt Al-Istikhbārāt Al-Āmah, serviço de inteligência da Arábia Saudita, que institucionalizaram o terrorismo em larga escala, com o estabelecimento de campos de treinamento no Afeganistão a fim de combater as tropas da União Soviética (1979-1989). (BANDEIRA, 2014. p. 37)

Além dos investimentos mencionados a cima, em 1991, o ex presidente dos EUA, junto a CIA organizou uma revolta para tirar Saddam Hussein do poder. Investiram no decreto *Secret Intelligence Finding*⁸ entre 15 milhões e 20 milhões, para um golpe militar no Oriente médio de interesse americano. Assim, conseguindo novas influências como o Irã, Turquia e Síria.⁹

Desde a derrubada do regime de Saddam Hussein, em Bagdá, as relações dos Estados Unidos com a Síria tomaram nova e mais tensa dimensão e o presidente George W. Bush voltou-se

⁷ Traduzido frequentemente como “guerreiro santo”, mas a tradução em árabe é “combatente” ou “alguém que se empenha a lutar” (jihad).

⁸ Decreto feito por Bush, para agir secretamente contra o regime de Saddam Hussein. A ação foi por investimentos em grupos terroristas, para tira-lo do poder.

⁹ Idem.

para o governo de Bashar al-Assad, líder do Partido Ba'ath, nacionalista e pan-árabe, demandando maior cooperação no monitoramento da fronteira com o Iraque, de modo a impedir a infiltração de jihadistas estrangeiros. O Pentágono, por ordem do secretário de defesa, Donald Rumsfeld, elaborou um contingency plan para invadir a Síria após a derrubada de Saddam Hussein. (BANDEIRA, 2014. p. 102)

Todos os atos dos Estados Unidos são para a manutenção da sua zona de controle no âmbito global. Uma vez que quando o país está na em sua zona de influência, diminui a influência da URSS, fazendo com que continue sendo a maior potência, e conseqüentemente o mundo fica mais hegemônico.

A democracia americana representava uma arma ideológica para os países socialistas, pois obtinha um valor universal, principalmente para os países do Terceiro Mundo, que vivenciavam a luta de jovens pela liberdade nacional e um país mais democrático. Havia grupos radicais, que utilizavam do terrorismo como uma ameaça aqueles que não seguiam os seus regimes, assim, a população não visualizava muitas escolhas, pois os regimes eram totalitários.

O antiterrorismo permitia criar um clima de medo para a manipulação da opinião pública. Assim, legitimavam-se previamente os ataques e pressões a países antiamericanos do Terceiro Mundo, tais como a Líbia e o Irã revolucionário, enquanto o combate ao narcotráfico validava as interferências no Panamá e nos países andinos. (VISENTINI, 2015. p. 14)

Em 1949, logo após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos criaram em Washington a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

O objetivo do tratado inicialmente era unir militarmente os países da Europa, cujo sistema fosse capitalista, para que pudessem colaborar entre si mutuamente em casos de ataques de países socialistas. Por sua vez, o tratado não se limitou exatamente ao segmento militar como era o seu objetivo, com o passar do tempo começou a interferir em assuntos econômicos e comerciais dos países envolvidos. A OTAN seguiu se expandindo pela Europa diminuindo a influência soviética.

O resultado que os Estados Unidos obtiveram após tantos investimentos e estratégias, foi o fim da união soviética em 1991. Assim, se tornando a única

superpotência em âmbito internacional, sem que houvesse um outro Estado que pudesse desafiar ou pôr em risco a sua hegemonia.

Não havia outro Estado ou bloco de Estados com capacidade de desafiar e pôr em risco o sistema econômico, social e político dos Estados Unidos, cuja força militar se tornara, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, a única no mundo a ter como principal missão não a defensiva, mas a ofensiva, não guardar as fronteiras nacionais, mas projetar seu poder sobre todos os continentes, nos quais instalou comando militares, que caracterizavam o domínio imperial. (BANDEIRA, 2013. p. 51)

Após a Guerra Fria os Estados Unidos continuaram a influenciar países pelo mundo, inclusive países ex-soviéticos. Em 2017 a OTAN¹⁰ que englobava: Albânia, Alemanha Ocidental, Bélgica, Canadá, Croácia, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, França, Grécia, Países Baixos, Islândia, Itália, Luxemburgo, Noruega, Portugal, Reino Unido, Turquia, Hungria, Polônia, República Tcheca, Bulgária, Estônia, Letônia, Lituânia, Romênia, Eslováquia e Eslovênia. Assim, com a expansão os EUA garantiam a sua influência na Europa.

Posteriormente o triunfo dos Estados Unidos na Guerra Fria, a sua atenção voltou-se para os outros países por meio de uma ativação ou reativação de mecanismos de pressão política e econômica, tais como as retaliações unilaterais da Trade Law¹¹. A intenção era manter a influência de seu sistema neoliberal e expandir seus aliados para esse pensamento único, assim, os países ficariam submissos a nova ordem mundial proclamada por Bush.

Os Estados Unidos estiveram envolvidos em assuntos políticos e econômicos do Oriente Médio e do mundo, desde a Segunda Guerra Mundial, a criação do Estado de Israel até os dias atuais. Existe a hipótese de que foi principalmente a influência americana no Oriente Médio que ocasionou os ataques terroristas mais conhecidos da história, em 11 de setembro de 2001.

O marco da história americana foram esses ataques terroristas. O grupo Al-Qaeda, liderado pelo afegão Osama bin Laden, agrediu os Estados Unidos

¹⁰ A OTAN é uma organização militar criada em 1949, no período da Guerra Fria, composta por 29 países.

¹¹ Bidem

com a intenção de enfraquecer o país. Os ataques foram direcionados ao Pentágono, sede de inteligência, estratégicas e de segurança norte-americanas; e o complexo de World Trade Center, conhecido mundialmente como as Torres Gêmeas, onde funcionava o centro comercial e financeiro.

Há mais de um século os Estados Unidos implantou ditaduras pelo mundo, com a justificativa de levar a liberdade e direitos humanos (mostrando que eram diferentes do totalitarismo soviético). Mas a realidade não era a mesma do discurso, já que além de financiar armamentos para os grupos terroristas e governos totalitários, espalharam guerra por todo o mundo.

Os Estados Unidos enviaram drones para atacar pessoas, ordenado pelo presidente Bill Clinton, principalmente para revidar o ataque sofrido em Nairóbi. Esses ataques e extensão fez com que os países árabes se voltassem contra os EUA e realizassem ofensivas para abalar a estrutura americana, como o 11 de setembro

No contexto da guerra ao terrorismo, o Oriente Médio é visto como o maior fator desestabilizador. De fato, ele é uma região pivô. Os EUA atacam essa região por seus recursos, sua posição geopolítica e, especialmente, porque ela é indefesa, sem poder militar ou potências protetoras. Além disso, ela é culturalmente estigmatizada. No plano global, gritantes violações dos direitos humanos, insucessos militares e elevados custos deslegitimaram a diplomacia e a liderança americana. (VISENTINI, 2015. p.86)

Logo após os atentados, o Estado americano mudou as estratégias. O presidente George Bush proclamou a guerra ao terror (*war on terror*), e se aproximou do Paquistão, um alvo estratégico para poder atacar e neutralizar o Afeganistão após os ataques de 11 de setembro.

Bush entrou em uma guerra com o país muçulmano acabando com o regime talibã que era considerado uma ameaça para os EUA, porém, o grupo da Al-Qaeda ainda persistiu e persiste nos países árabes e aos arredores, apoiando os novos grupos terroristas no Oriente Médio. Osama bin Laden foi morto pelos militares americanos em 2011¹².

¹² Bin Laden foi morto em uma casa, no Paquistão, por soldados americanos. Porém, existem teorias sobre a sua morte, algumas pessoas dizem que ele não morreu, outras que ele já estaria morto quando os americanos chegaram, e outros dizem que ele havia morrido vítima de uma conspiração entre os governos.

Os investimentos dos Estados Unidos atualmente estão ativos nos países do Oriente Médio e em alguns países da África. As guerras do Oriente Médio têm participações americanas, chinesas, russas, entre outras participações de países investidores.

Com o novo governo, o Yes We Can¹³, de Barack Obama, houve continuidade à Guerra ao Terror, atacando ainda os países do Oriente Médio. O novo presidente também “herdou” o país em crise e com dificuldades para conseguir ter o controle total dos países e grupos do Oriente Médio, levando em consideração que as guerras neste território estão longe de acabar.

A princípio os Estados Unidos utilizavam dos recursos locais da região do Oriente Médio, mas as guerras se estenderam por muitos anos, fazendo com que o Estado americano se retirasse de alguns locais onde os objetivos não foram alcançados. A situação americana começou a piorar logo após a Primavera Árabe¹⁴, quando os aliados norte-americanos passaram a agir por conta própria, apoiando grupos terroristas para redesenhar o mapa do Oriente Médio, comprometendo as estratégias dos EUA.

Por outro lado, os EUA tentam negociar o contencioso nuclear com o Irã, para afastá-lo dos BRICS e obter apoio para estabilizar o Afeganistão e o Iraque. Mas a desestabilização da Síria e a ferrenha oposição israelense a qualquer acordo com o Irã complicaram a situação. A insurgência sunita iraquiana e síria se encontravam estagnadas, pois a Rússia apoiou o regime de Assad em Damasco. Mas surgiu, em 2013, o movimento Estado Islâmico, radicais sunitas que consideram a Al Qaeda do falecido bin Laden um movimento arcaico. (VISENTINI, 2015. p.91)

Outro país com a mesma estratégia dos EUA foi a Rússia, que foi de suma importância na primeira e Segunda Guerra Mundial, e pode ser considerado como a segunda maior potência mundial, durante a Guerra Fria.

¹³ Tradução Livre: Sim, nós podemos. Foi o lema da campanha presidencial do presidente Barack Obama. O ex presidente foi o primeiro presidente afro-americano da história estadunidense.

¹⁴ Conjunto de protestos ocorrido no Oriente Médio em 2010, os manifestantes foram as ruas com diferentes objetivos, como a queda dos ditadores, realizações de eleições, melhoria de vida e etc. A primavera Árabe decorreu da instabilidade política constante no continente.

A estratégia utilizada pela Rússia, foi o expansionismo do socialismo como um modelo político ideal, com uma economia planificada, a igualdade de todos os cidadãos e a falta de democracia¹⁵.

A União Soviética investiu em regimes revolucionários, como: Angola; Moçambique; Etiópia; Iêmen do Sul; Afeganistão; Vietnã; Nicarágua; entre outros (VISENTINI, 2015). O interesse era utilizar dos seus recursos econômicos, para investir nesses países com uma estrutura fragilizada, e apoiar-os em crises, ajudando-os e conseqüentemente ajudando a população local, para que assim pudesse alocar o seu sistema político, influenciando a expansão de sua zona de influência.

Os custos da URSS eram pagos com a exportação de petróleo, onde houve um aumento grande no preço em 1970. A União Soviética obteve dificuldades financeiras após o ocidente conseguir provocar uma queda nos valores do petróleo, mas isso não os abalou e continuaram lutando para que conseguissem influenciar os países e assim o mundo ficasse mais hegemônico para o lado soviético.

Para combater a expansão da OTAN a URSS criou-se o pacto de Varsóvia, com o mesmo conceito de formar uma aliança militar entre os países que apoiavam a União Soviética. Os principais objetivos do tratado eram combater expansão da OTAN; proteger países membros contra um possível ataque dos países capitalistas; evitar conflitos entre os países membros e potências ocidentais; e organizar militarmente os países que faziam parte do bloco.

Em 1959, houve uma divisão do país Vietnã, onde o Vietnã do Norte possuía influência socialista e o Vietnã do Sul sofria influências capitalista. A Guerra Civil do Vietnã foi um campo de influências norte americana e russas, com o objetivo de um país ou o outro conseguir a dominação na parte asiática onde estava localizado o país. O conflito iniciou-se pela divergência de ideologia e política dos dois países e pelo ataque a base norte americana, apoiado pela união soviética e o ditador do Vietnã do Norte Ho Chi Minh, localizada no Vietnã do Sul. Em 1960, os EUA entraram diretamente na guerra,

¹⁵ Modelo socialista onde não haveria mais instituições privadas e a tomada do poder por parte do proletariado e controle do Estado e divisão igualitária da renda.

levando seus soldados e suas tecnologias ao campo de batalha, porém a intervenção americana foi um fracasso, devido a experiência de guerra dos vietnamitas. Em 1968, os vietcongues do Norte invadiram a embaixada americana no Vietnã do Sul, deixando a batalha mais sangrenta pelos ambos os lados terem atacado com máxima força.

Houve bastante protesto nos EUA para o fim da Guerra do Vietnã, pois já haviam muitos soldados americanos mortos em várias batalhas perdidas do lado americano. Em 1973, sem o apoio popular, o governo americano aceita o Tratado de Paris, que previu o cessar fogo em 1973, e a retirada das tropas americana em 1975. Em julho de 1976, houve a junção do Vietnã do Norte e do Sul, e que ficaram sobre a influência soviética, para tentar estabelecer novamente a economia e a agricultura do país que foi totalmente danificada pela guerra.

A guerra do Vietnã, foi de suma importância no cenário internacional, pois mostrava que a URSS obtinha poder o suficiente para conseguir atacar os EUA, lembrando que esta foi a única guerra em que os Estados Unidos perderam a influência para a União Soviética.

Em 1979, a URSS entrou na guerra do Afeganistão apoiando o seu governo, e ajudando a combater os grupos rebeldes *mujahedin*, que eram pagos pelos países vizinhos como também contavam com o auxílio americano. A guerra iniciou-se pelo conflito entre Afeganistão e Paquistão, dentro do conflito estava o dilema socialismo *versus* o capitalismo. O conflito durou 10 anos com o lado soviético “vencedor”, por ter instalado o socialismo no país.

Uma das estratégias utilizadas pelo URSS, foi a corrida armamentista, que investia em grandes ogivas para que assim não ficasse atrás dos EUA. Os investimentos surgiram principalmente após o ataque de Hiroshima e Nagasaki¹⁶, onde os Estados Unidos mostraram ao mundo as primeiras bombas de destruição em massa, nunca vista antes.

[...] a União Soviética, desde 1942, estava a desenvolver o programa nuclear, sob a direção do físico russo Igor V. Kurchatov (1903-1960), e que Joseph Stalin mandou acelerar

¹⁶ Cidades do Japão bombardeadas pelos Estados Unidos da América, em 1945, após o fim da Segunda Guerra Mundial.

depois que os Estados Unidos bombardearam Hiroshima e Nagasaki, no Japão, em agosto de 1945. Com efeito, em 29 de agosto de 1949, a União soviética detonou sua primeira bomba atômica. E, em meados de 2014, havia aproximadamente 17.300 ogivas nucleares, entre as quais 4.300 mobilizadas, da Rússia e dos Estados Unidos, com possibilidade de atingir seus alvos em 45 minutos, o que produziria o maior desastre para a humanidade. (BANDEIRA, 2016. p.106)

A Guerra Fria, foi o período em que houve a maior corrida armamentista da história da humanidade. As duas grandes potências mundiais estavam dispostas a investirem em força militar e estratégicas, que se fossem usadas seriam capazes de destruir o mundo em minutos. E essa é uma das causas porque os dois países não entraram em um conflito armada, pois se este ocorresse, seria a destruição de tudo aquilo que conquistaram.

Além da corrida armamentista houve uma corrida tecnológica e espacial. Ambos os países queriam mostrar que tinham tecnologia tanto para se defender das ameaças externas, como para viverem uma experiência nunca vivida anteriormente, como o homem ir ao espaço. Houve uma disputa muito grande entre os dois países, investimentos altíssimos para a tecnologia de ponta (na época) ser capaz de fazer um homem viajar até o espaço. O lado vencedor desta corrida foi a União Soviética, que em 12 de abril de 1961 conseguiu levar o soviético Yuri Alekseevitch Gagarin para o espaço.

Outra estratégia russa muito conhecida neste período, foi infiltrar espões no país americano, pela KGB, serviço secreto soviético. Muitos russos viviam nos Estados Unidos como americanos¹⁷, para se infiltrarem dentro da política americana e para descobrir as ações e os novos movimentos estratégicos para a expansão do capitalismo.

A URSS, apoiou outras guerras civis, como ainda hoje apoia com Rússia. Mas todos os seus investimentos não fizeram o país vencedor da Guerra Fria.

¹⁷ Os agentes da KGB eram treinados para combates e também aprendiam a língua inglesa para ser falada como um americano. Os agentes tinham que esquecer o seu passado e junto a outra pessoa iam para os EUA e construía uma família, para que não fossem descobertos pelo governo americano.

Em 1989 marcou o fim do socialismo, com a queda do muro de Berlim¹⁸, travada pela crise econômica que se alastrava por toda a Europa.

O presidente Boris Yeltsin desempenhou um papel instrumental no desdobramento da União Soviética, ao permitir as repúblicas que a integravam se tornassem Estados independentes. E para sustentar seu débil governo os Estados Unidos, desde 1992, forneceram à Rússia mais de US\$ 20 bilhões, diretamente ou através de instituições multilaterais, como o FMI e o Banco Mundial. (BANDEIRA, 2016. p. 127)

Após a criação da glasnost e perestroika¹⁹, pelo líder socialista Mikhail Gorbachev, houve uma abertura nos mercados russos para tentar estabelecer a economia da união. O modelo, mesmo parecendo com um modelo capitalista, era inteiramente de esquerda, e foi criada para estabelecer um equilíbrio no mercado interno e para melhorar a área industrial do país.

O fim da União Soviética se deu definitivamente em 1991, com o líder do governo Boris Yeltsin. O Presidente desintegrou os países da União Soviética, e tentou novos planos para estabelecer a economia russa, aproximando-se dos Estados Unidos para dar suporte para o novo modelo político e econômico na Rússia, o capitalismo. O presidente governou até 1999, após o primeiro ministro Vladimir Putin ganhou as eleições se tornando o presidente da Rússia.

Após o novo governo russo, a economia do país começou a se estabelecer, e hoje é um dos países que investem em guerras civis contra os Estados Unidos no Oriente Médio. Tanto para obter controle sobre tal região, quanto para não deixar os Estados Unidos se tornarem a única potência dominadora do mundo.

Outro país com destaque no cenário internacional é a China. O país saiu da Segunda Guerra Mundial do lado vencedor, e com seu território destruído pela invasão japonesa em 1939. Após a guerra o governo Chinês estabeleceu o comunismo no país, ficando ao lado da URSS, com a ideologia de organizar o seu sistema econômico que havia se fragilizado durante a 2ªGM.

¹⁸ O Muro de Berlim foi construído em 1961, dividindo a Alemanha em duas partes, o lado ocidental capitalista e o lado oriental socialista. Mas em 1989 houve a queda do muro, após a crise socialista que se espalhava por toda a Europa.

¹⁹ Glasnost significa transparência, foi uma política adotada pelo governo socialista junto com a perestroika (reestruturação), para reestruturar o mercado interno e dar mais liberdade a população para se manifestarem contra o governo.

A URSS apoiou o governo chinês na transição para o socialismo. Ambos os Estados firmaram acordos econômicos para reestruturação dos seus países, mas em 1959, iniciou-se uma divergência entre os dois países, inicialmente a união deixou de fornecer aos chineses armas nucleares e depois teve a primeira crise socialista, que abalo ainda mais as relações dos dois países. Enquanto a URSS estava tentando estabelecer uma ideia de bens e consumo, juntamente com a ideia de enfraquecer as ideias de Stalin como o marco da URSS, a China queria a formação de indústrias, para aumentar seu setor econômico.

Em 1962, o governo chinês declarou que a URSS praticava o socialismo revisionista. A acusação sugeria que os soviéticos deturpavam as doutrinas socialistas a favor de ações que não estariam de acordo com as ideias dos grandes pensadores socialistas (SOUSA, [199-]). Portanto, em 1970 iniciou as relações do governo chinês com o governo americano.

A estratégia utilizada pelo governo chinês, era se tornar uma potência econômica, evoluindo em busca da autonomia e independência a modernização. O país queria politicamente e economicamente aproveitar da parceria com os EUA para se associar a revolução tecnológica, aproveitando também da aproximação japonesa, já que o país tinha se concentrado da inovação da informática, robôs e etc.

Em 1978, o país adotou a política das Quatro modernizações: indústria, agricultura, tecnologia e forças armadas. Dentre prioridades estavam a descoletivização gradual da agricultura, a introdução da economia mercantil dentro de uma estrutura socialista e a criação de áreas específicas, geralmente províncias costeiras, com legislações próprias para a captação de capital, empresas e tecnologia estrangeiras, destinadas principalmente à exportação, as Zonas Econômicas Especiais (ZEEs). (VISENTINI, 2016. p. 53)

Assim, a China recebeu investimentos ocidentais e japonesas, desempenhando um papel importante na economia mundial, o país também procurou alternativas como a normalização política que se seguiu aos acordos de paz do Camboja em 1992 e terminou com o isolamento da Indochina socialista (Vietnã, Camboja e Laos). (VISENTINI, 2016)

A China também investiu muito na região autônoma de Xinjiang, além de possuir uma enorme reserva de petróleo e gás, a região pelo seu território que era cercado pelo Cazaquistão e Quirguistão, na Ásia Central.

A China no ramo da exportação de produtos, petróleo e alimento fez com que o país crescesse na parte econômica, o que os levou a fazer grandes investimentos militares. A China é o único país em desenvolvimentos que obtém poder mundial, sendo membro permanente da ONU, junto às potências mundiais (Estados Unidos, Rússia, França e Reino Unido).

A China durante os anos da Guerra Fria investiu fortemente em armas nucleares. Os EUA, utilizavam chantagens nucleares com os países que não possuíam tal tecnologia, assim, a China com o seu crescimento econômico viu-se incentivado a investir em armamentos nucleares, como também os modernizando. Em 2013 o seu exército obtinha mísseis intercontinentais, com a capacidade de alcançar 12 mil quilômetros, ou seja, de atingir os EUA, além de obter submarinos com a capacidade de disparar mísseis com múltiplos e independentes alvos (BANDEIRA, 2017).

[...] o arsenal da China consistia em um total de 50-75 mísseis intercontinentais (ICBMs), incluindo os mísseis [...] de alcance limitado, [...] mísseis balísticos de alcance médio [...] e MRBM (solid-fueled road mobile). Segundo o major-general, ex-comandante-adjunto do Segundo Corpo de Artilharia – Forças de Mísseis Estratégicos, a China havia desenvolvido armas nucleares estratégicos devido à “crença de poder hegemônico” (Estados Unidos) “continuar a usar ameaças e chantagem nuclear”, pois a República Popular da China, desde o dia do estabelecimento, enfrentava bloqueios econômicos e tecnológicos e as ameaças de política hegemônica. (BANDEIRA, 2017. p. 105)

O Reino Unido é outro país que se destaca em suas estratégias. Foi um dos países vencedores da Segunda Guerra Mundial, que deu o seu apoio e participou das reuniões das grandes potências no início do século.

Os Estados Unidos, muitas vezes fora comparado ao Reino Unido do século XX, onde o país obtinha o domínio do globo pela sua vasta economia e poder militar.

Durante a Guerra Fria o país aderiu ao lado capitalista, tentando restabelecer a sua economia. O Reino Unido é um país relativamente neutro

nas relações entre guerras, possuem sua própria moeda que tem um peso cambial alta. O país, tem a economia voltada para a indústria, agricultura e principalmente turística, e até 2016 fazia parte da União Europeia, um bloco econômico a fim de auxiliar os países menos desenvolvidos da Europa.

Como os demais países o Reino Unido também fez teste nucleares e obtém um arsenal com bombas químicas, nucleares e de hidrogênio. Os submarinos ingleses têm uma capacidade enorme de armazenamento de ogivas.

Em 2015 o RU, tentou uma intervenção militar na guerra da Síria, o projeto era auxiliar o governo sírio no conflito, porém o país foi barrado pelo próprio parlamento. O país é um membro permanente da ONU e possui a 5 maior economia mundial.

A Alemanha, após a Segunda Guerra Mundial saiu devastada, a economia quebrada, o país detonado pelas bombas durante a guerra e com a divisão do país por 4 zonas de influência.

Durante a Guerra Fria, a Alemanha foi dividida por um muro, onde marcou a divisão mundial entre Estados Unidos capitalista e Rússia socialista. Houve uma reestruturação da Alemanha ocidental, após a criação da OTAN, que forneceu ao país US\$ 1,6 bilhões de dólares, fazendo com que sua economia fosse restabelecida, como também que auxiliaria o país caso um ataque da Alemanha Oriental socialista. Enquanto o lado capitalista da Alemanha crescia, o lado socialista tinha dificuldades de se reerguer, fazendo com que muitos dos alemães orientais tentasse fugir para o outro lado, resultando-o em suas mortes, ou aprisionamento.

A queda do muro e da divisão Alemanha aconteceu em 1989, derrubando os 155 quilômetros de distância e 3,5 metros de altura. A reunificação da Alemanha fez com que as economias das duas partes ficassem estabilizada (com muita reestruturação do lado oriental). O marco importante deixado pela queda do muro de Berlin, foi o fim do socialismo no país, que também veio a ser o fim do socialismo da URSS em 1991.

Durante o período de guerras e a constante corrida dos países para se tornarem ou continuarem sendo uma potência mundial é conhecido por Mearsheimer como realismo ofensivo, onde a meta final de todo o Estado é

que o mundo se torne hegemônico. Cada país faz o necessário para se proteger e ter países que possa influenciar, assim investindo nas mais novas tecnologias, nos melhores armamentos. O que os países prezam também é a segurança nacional, e eles a conquistam quando não existe uma outra potência para se opor contra ela no cenário internacional.

As premissas vistas atualmente são as 5 do realismo ofensivo, sendo elas: 1) um sistema mundial anárquico; 2) o sistema das grandes potências manterem forças militares; 3) as incertezas que os países obtêm em cada intervenção militar; 4) o principal objetivo de cada potência é a sobrevivência no cenário internacional; e 5) o fato de que os Estados agem como seres racionais, onde o maior objetivo é estar à frente de outros países.

Observa-se também que todos os países são egoístas, agindo sempre com interesses próprios, mesmo quando alegam estar se envolvendo em certos conflitos pela segurança e/ou direitos humanos. Outro ponto importante a ser observado que mesmo aliados os países em certos momentos de suas decisões podem ou não apoiar seu aliado, acontece esta situação em algumas intervenções militares, como mostrada os Estados Unidos agindo de forma individual, ou até mesmo quando um país obtém a decisão neutra em algumas relações.

Os maiores investimentos durante toda a história da Guerra Fria e atualmente, se dão nos países do Oriente Médio. O motivo se dá pelo fato dos países serem economicamente fracos e por não possuírem entre eles uma potência no qual os defendem em termos globais contra as grandes potências. Os países que possuem a riqueza e o poder militar investem nos governos ou até mesmos em grupos opositores, para que assim garantam os seus interesses nesta região.

Esses investimentos se dão até os dias de hoje e são o motivo das guerras que acontecem na região nos dias atuais. Essas guerras têm um marco histórico, isto já é conhecido historicamente, porém com as influências externas as chances de acabar ficam cada vez mais distantes e a destruição dos países ficam cada vez mais evidente e visível, pelo fato de estarem armados com grandes armas, que possuem um teor de destruição enorme.

3 SÍNTESE HISTÓRICO DA GUERRA SANTA

No Oriente Médio, desde o início da história da região, sempre esteve envolvida em conflitos. Os povos que viveram e vivem na península arábica, obtém muita ligação com as questões religiosas, por esse motivo, nessa região foi onde nasceram as três religiões monoteístas.

As religiões, com o passar do tempo, foram dividindo em alguns seguimentos. Existe alguns seguimentos da região mais extremistas e também existe a parte mais moderada. O fundamentalismo religioso levou alguns seguidores a criarem as suas próprias vertentes da religião, sendo levada para o extremismo e conseqüentemente a criação de grupos extremistas.

Os grupos terroristas (são muitos grupos na região), utilizam do terror e da violência para mostrar ao mundo quais são os seus interesses. Inicialmente, os terroristas queriam combater a influência ocidental na região, porém, atualmente os grupos atacam todo o mundo e participam de conflitos no Oriente Médio para conseguir apropriar-se do território para criar a “terra prometida” por Alá.

Muitas dessas guerras têm influências externas, de países do Primeiro Mundo. Desde o início das Nações, eles utilizam do expansionismo e das influências para dominar uma certa região, fazendo investimentos em Estados ou grupos, para conseguir benefícios da sua “parceria”, aumentando o seu poder em relação a essa região, como também o aumento da sua influência para que possam enfraquecer outro país considerado potência, para a criação de um mundo mais hegemônico.

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO

Na atualidade ouve-se muito sobre as guerras civis e religiosas que ocorrem no Oriente Médio. Entretanto, as guerras que ocorrem nesta região vêm de muitos séculos antes, muitos desconhecem o início das guerras e os seus motivos, e o quão longo são muitas destas guerras.

Para compreender as questões atuais é necessário entender o conceito histórico dos conflitos que ocorrem no Oriente médio, dividindo a história em

três aspectos importantes para melhor compreender, sendo elas: região, povos e religiões.

A região é considerada umas das mais antigas e importantes do Mundo, pelas formações de grandes impérios e por abrigar os países mais antigos da história mundial, como Egito, Turquia, Irã, Arábia Saudita e Israel. Além de estar localizada na junção da África, Eurásia, do Oceano Índico e do Mar Mediterrâneo. E abrigar os mais diversos povos.

Para entender, a dinâmica e a realidade deste território tão vasto, precisamos conhecer um pouco de cada região.

Iniciaremos falando do povo árabe. Não se sabe ao certo em que ano surgiram, mas estudiosos estimam que os Árabes surgiram em meados de 850.d.c., quando vários povos existiam nos desertos, e em pequenos povoados.

Os Árabes, como vários outros povos, realizavam o caminho da peregrinação para o templo de Meca, existente até os dias de hoje. A linguagem existente nesse tempo, era comum na região, porém cada povoado possuía uma literatura própria para poder se comunicar, pela sua localização, assim, o calendário lunar era diferente pela visualização de cada aldeia.

Atualmente o povo Árabe não vive apenas na Arábia Saudita, tendo se espalhado por todo o Oriente Médio.

Os Persas foram uns dos povos mais expressivos da Antiguidade, pois viviam e sobreviviam em lugares poucos férteis, na região que hoje é conhecida como Irã. O povo persa surgiu no ano 550 a.c. e fez de sua civilização um grande império, conquistando vários outros territórios, tais como: Síria, Reino da Líbia, Palestina, algumas regiões gregas entre outros.

Os persas criaram uma moeda única e também os primeiros correios, que eram postos com cavaleiros e cavalos descansados para que a mensagem demorasse bem menos tempo para chegar ao destino.

O grande Ciro, imperador persa, segundo as histórias, era ungido por Deus. Durante as suas conquistas liberou os escravos para voltarem as suas regiões e financiou a criação do templo em Jerusalém, que representava a casa de orações dos escravos.

O Afeganistão é composto por vários povos diferentes (povos persas, assírios, árabes e mongóis) e crenças, o país tem essa miscigenação pelo fato de ter sido conquistado várias vezes por povos distintos.

Já o povo turco, foi instituído de uma tribo, resultado de mistura do povo goturco e dos mongóis. A região turca foi bastante conhecida pelas rotas comerciais que existiam durante o apogeu das grandes civilizações do Oriente Médio.

Descendente de Isaac, filho de Abraão, o povo judeu tem a história muito antiga da região. Isaac, o filho prometido por Deus à Abraão nasceu e foi lhe dada a terra prometida. Os judeus passaram pela escravidão no Egito, até que em 1.500 a.C Moisés retirou o povo da escravidão e os levou a terra prometida, conhecida hoje como o Estado de Israel.

Este povo ficou muito conhecido na história mundial após a Segunda Guerra Mundial, onde foram vítimas do Holocausto praticado na Alemanha de Hitler. As mortes eram em câmaras de gás, ou também em experimentos realizados por Mengele²⁰, também foram usados como mão de obra escrava, para construções de campos de concentrações e edifícios alemães.

Existe também no Oriente Médio mais dois povos que não obtém o seu próprio Estado²¹, os palestinos e os Curdos. Os palestinos também são descendentes de Abraão, mas são da linhagem do filho de Abraão com a escrava Agar, não sendo reconhecido como filho legítimo (na época os únicos filhos conhecidos como legítimos eram os nascidos da esposa do homem, os filhos com outras mulheres eram conhecidos como bastardos e não herdavam nada de seu pai), os palestinos estão localizados entre o Estado de Israel e a Jordânia.

Já os curdos são povos que reivindicam independência de vários países (para criar o Estado de Curdistão) como Iraque, Turquia, Síria e Irã. São compostos por aproximadamente 30 milhões de pessoas, que não se reconhecem como povo parte dos demais países.

²⁰ Josef Mengele foi um oficial alemão da Schutzstaffel e médico no campo de concentração de Auschwitz durante a Segunda Guerra Mundial.

²¹ Os palestinos têm como região a faixa de Gaza, porém, o território pertence ao Estado de Israel.

A religião do Oriente Médio é dividida em três religiões monoteístas (doutrina ou corrente religiosa que reconhece a existência de um único Deus), sendo elas: o judaísmo, cristianismo e o islamismo.

O judaísmo teve início com Abraão, sendo herdado por seu filho Isaac e seus descendentes. Os princípios religiosos e as leis da região foi baseado nas escritas de Moisés, que escreveu os dez mandamentos de Deus (a lei de Deus, conhecido também por decálogo), após passados 40 anos no deserto até a chegada a terra prometida, o símbolo da religião é a estrela de Davi. A religião também tem como pátria o Estado de Israel²² e como cidade três vezes santa e histórica a cidade de Jerusalém.

A divisão do judaísmo criou uma nova religião, conhecida como cristianismo, tendo como símbolo o peixe e o pão, que são citados em vários trechos da bíblia. O cristianismo é centrado nos ensinamentos de Jesus Cristo, filho de Deus. Mais tarde, a religião foi dividida em três vertentes (catolicismo romano, a ortodoxa oriental e a protestantismo) e espalhadas pelo mundo.

O Islamismo, que vem do vocabulário islã (submissão a Deus), surgiu após Cristo, seu fundador é Maomé, que reuniu a base da fé islâmica num conjunto de versos conhecido com Corão ou Alcorão. Segundo Maomé os versos foram revelados por Deus por um intermediário, anjo Gabriel. O fundamentalismo islâmico se divide em dois grupos, os sunitas (moderados), e os xiitas (radicais) que são descendentes do profeta Maomé.

Da forma entendida pela tradição muçulmana, a missão de Maomé não foi uma inovação, mas uma continuação — uma fase nova e, desta vez, final, na velha luta entre monoteístas e politeístas. Para os muçulmanos, Maomé era o Selo dos Profetas, o último de uma longa série de apóstolos divinamente escolhidos, cada um dos quais trouxera um livro de revelação. Tais livros eram a Torá, os Salmos e o Evangelho, trazidos pelos profetas Moisés, Davi e Jesus. Maomé era o último e maior de todos, e o livro que trouxe, o Corão, completava e substituía todas as revelações anteriores. (LEWIS, 1996. p. 208)

Assim começa a história dos conflitos entre povos conhecidos como irmãos. Após os judeus terem ido ao Egito, em busca de emprego e terras

²² Deve-se recordar que o Estado de Israel foi criada em 1948, após a 2ªGM, para que os judeus não fossem mais perseguidos como um povo sem pátria.

férteis, se tornaram escravos e depois de 400 anos com a ajuda de Moisés voltaram para a terra prometida em Canaã, onde os seus ancestrais habitavam. Ao chegar no território havia outra população, o que deu início aos primeiros conflitos, que resultaram na vitória dos judeus, que estabeleceram o Reino dos Hebreus, em 1010 a.C.

Após o início dos conflitos morre o rei hebreu, Saul, sendo sucedido pelo rei Davi que conquista Jerusalém, e transformou a cidade na capital do reino dos Hebreus. A nomeação dos judeus fora dada pelo fato de que o rei Davi era de uma tribo chamada Judá.

Quando o rei Davi morreu, seu filho Salomão o sucedeu. O próximo conflito se agravou pelo fato do novo rei ter muitas esposas e filhos, fazendo com que durante 930 a.C. à 910 a.C houvesse uma briga entre dois irmãos que queriam obter o direito da sucessão após a morte de seu pai. Assim, houve uma cisma que dividiu o Reino dos Hebreus em dois, Israel e Judá. Essa divisão foi ruim para os dois povos, pois na região do Oriente Médio nesta época havia a expansão de vários impérios.

Na mesma época da divisão do Reino dos Hebreus, existia um outro império que estava realizando a sua expansão, o Império Assírio. O seu exército foi conhecido como uns dos mais cruéis, pela falta de piedade durante as guerras. O império aproveitou-se da fragilidade dos novos reinos, Judá e Israel e os enfrentou dominando os seus territórios.

Após algum tempo de dominação Assíria, houve a ascendência de um novo império, o babilônico que, durante o século VII e VI a.C. dominou os territórios conquistados pelos assírios.

Logo após, os Persas sobreviveram ao Império Babilônicos, sendo então considerado o maior império já existente da história antiga, até a chegada dos Romanos. Os Persas ao verem os Hebreus em seu território decidiram criar novamente Jerusalém, para que assim, o povo dominado a séculos atrás não tentasse derrubar o Rei Ciro. Os hebreus teriam o seu templo sagrado novamente, porém a autonomia do território ainda seria dos Persas.

O domínio Persa se deu entre V à IV a.C., sendo sobrepujados pelos macedônicos. O Império Macedônio, conhecido por Alexandre, o Grande, e suas estratégias militares.

Os Persas foram dominados pelos povos Macedônios, que reprimiam o território de VI à V a.C., sendo derrotados pelo Império Romano. Aqui, surge a segunda religião monoteísta, que é o cristianismo, sendo pregado inicialmente por Jesus Cristo e depois pelos apóstolos, que também consideravam Jerusalém como uma cidade santa.

Em contrapartida à história dos Judeus, tem o povo árabe, que também é descendente de Abraão, conhecido também como ismaelitas.

Os árabes viviam em configurações tribais, pelo fato de serem vários e pequenos grupos, para poder garantir todo o sustento de sua tribo. Eram divididos em dois segmentos: os Mujahedin, que viviam de saques das caravanas religiosas e os Beduínos que eram os comerciantes.

Os Árabes são considerados os descendentes de Maomé. Houve um atentado contra Maomé fazendo com ele fugisse de Meca para Medina, na península arábica, em 620 d.C. Em Medina, Maomé começa o movimento dos muçulmanos²³.

Os Árabes iniciaram a sua expansão em 630 d.C. e tiveram sua divisão entre sunitas e xiitas, como supracitado. Onde os que seguem a linha conservadora são chamados de Xá, e os que seguem a linha mais moderada são os Califados.

Em 90 anos, os Árabes expandiram seu território até a Europa, efetivando também a dominação de Judéia, onde muitos anos atrás se instalaram os Judeus.

Em 1092, os países da Europa iniciaram as Cruzadas²⁴ para afastar os Árabes da dominação dos territórios Europeus, que conseguiram apenas em meados do século XV. Deve-se lembrar que os Árabes continuam a sua dominação de Marrocos até os países do Oriente Médio, atualmente.

Já no século XVI, aproximadamente no ano de 1526, os Turcos iniciaram também a sua expansão, conhecidos como o Império Otomano, dominando os mesmos territórios que os Árabes.

A Turquia conseguiu manter o seu domínio até a Primeira Guerra Mundial. Como consequência da guerra (onde os Turcos estavam do lado

²³ Significa servo de Alá (Deus).

²⁴ As Cruzadas foram movimentos militares, realizados por cristãos para resgatar o território santo, que estava sob domínio dos mulçumanos.

perdedor junto com a Alemanha e Áustria), Inglaterra, Estados Unidos, Rússia e Estados Unidos redesenharam o Oriente Médio em decorrência da divisão dos territórios que pertenciam aos países perdedores.

Deste modo, foram criados novos países no Oriente Médio, expandido as influências dos países ganhadores da guerra. A divisão ocorreu conforme interesse de cada país vencedor da 1ªGM. O Reino Unido quis garantir o seu domínio em torno da Palestina.

Logo após a 2ªGM foi criada a ONU (1945), para auxiliar e promover a cooperação internacional. Em 1947 a ONU cria um plano para partilhar o território da palestina para que os Judeus obtivessem também o seu próprio território, pois muito se ouviu sobre a perseguição aos Judeus por eles não possuírem um território, e a Organização achou indispensável a criação de um Estado.

O território era até então dominado pela Inglaterra, por isso foi instituído um prazo para o fim do domínio e assim prosseguir o plano da ONU. Mas, não foi o que aconteceu. Quando os ingleses deixaram o seu domínio, em 1948, todos os países ao redor, junto com os israelitas e os palestinos (que estavam dentro do território) queriam o domínio sobre o território em questão. Israel, logo que os ingleses fizeram a desocupação, declarou sua independência (desconsiderando os Judeus que ali viviam). Inicia-se um conflito entre Israel, povo palestino e os países ao redor de seu território (Egito, Jordânia e Síria).

Resultando em Israel com o território dividido, conforme a conquista de cada país, em 1949. Israel amplia suas fronteiras (incluindo ao seu território as terras palestinas), a Jordânia fica com a Cisjordânia e o Egito com a faixa de Gaza. A Cidade de Jerusalém ficou sobre influência de Israel e Jordânia.

Em decorrência da Guerra árabe-israelense, o Estado da Palestina (do plano da ONU) deixou de existir. Depois da independência de Israel, com o auxílio norte americano, o Estado se impõe na região, e esta divisão dura de 1949 a 1967.

Após a guerra da independência houve um grande descontentamento entre os países vizinhos. Os países que participaram da guerra de 1949 não reconheciam Israel como um Estado Soberano. Inicia-se um novo conflito com o Egito em decorrência ao não reconhecimento de Israel.

Antes do conflito houve a crise de Suez, em 1956, um canal criado para encurtar o transporte entre o Oriente Médio e a Europa. Em decorrência da independência de Israel, o Egito proíbe a passagem de transportes israelenses pelo canal, uma vez que este canal passava dentro do território egípcio.

Os anos 50 assistiram também à confirmação do declínio da Grã-Bretanha, que no outono de 1956 sofreria o choque da crise de Suez. Em julho desse ano, Nasser decidiu nacionalizar a empresa que controlava o canal de Suez. Como resposta, a Grã-Bretanha, principal acionista do canal, e a França, que se ressentia do apoio dos dirigentes egípcios aos nacionalistas argelinos*, planejaram com os israelenses uma operação militar contra o Egito. (GUIZZO, 1994. p. 32)

Em 1967, Egito, Síria e Jordânia se movimentaram para atacar Israel. Antes que os países atacassem, Israel conseguiu identificar a ameaça e mobilizou a sua defesa. Israel venceu os três países em 6 dias, na guerra conhecida como a Guerra dos Seis Dias. Sendo esta Guerra, um fracasso para os três países, modificando novamente o território de Israel, que dessa vez ficou maior.

Após 1973, o Egito foi o primeiro Estado a buscar aproximação com Israel. Em 1979 houve um acordo entre os Estados Unidos, Egito e Israel, conhecido como Camp David, um acordo que estabelecia um pacto entre Israel e Egito em um acordo de Paz. O acordo consistia na devolução da península do Sinai (território que Israel ganhou na Guerra dos Seis Dias), pela parte de Israel e em contrapartida o Egito reconheceria Israel como um Estado soberano.

Os palestinos dentre esses acontecimentos começam a chamar atenção para sua causa, criando uma organização revolucionária chamada OLP (Organização pela Libertação da Palestina). Esta organização foi criada em 1964, para os palestinos reivindicarem a sua independência do Estado de Israel. Não houve muito apoio pela causa dos palestinos, fazendo com que eles pensassem em uma estratégia para chamar a atenção global, e em 1972 eles

organizaram um atentado nas olimpíadas que acontecia na Alemanha, na cidade de Munique²⁵.

Posteriormente, o Estado de Israel começou a perseguir os palestinos para encontrar todos os envolvidos do evento em Munique. Em detrimento da perseguição Israel invade o Líbano, pois havia informações que existia palestinos escondido no país, iniciando uma guerra entre Israel e Líbano.

Os palestinos começaram a atacar a fronteira entre Israel e o Líbano, para atingir os israelenses, em decorrência dos ataques Israel invade o Líbano em 1978, transgredindo a liberdade do país libanês e atacando a sua soberania. Israel em 1982 explodiu a OLP e iniciou uma guerra civil com o Líbano, que resultou no investimento pelo Irã em xiitas libaneses para tirar Israel do território Libanês. Apenas em 1990, ocorreu a expulsão do exército israelense do território libanês

Assim, é por iniciativa dos próprios palestinos que seu combate vai se afirmar. No final dos anos 50, Iasser Arafat, Abu Jihad, Abu Iyad e um punhado de militantes refugiados do Kuwait fundam o grupo al-Fatah, ou “a vitória”. Colocando a libertação da Palestina como condição preliminar à realização da unidade árabe, o movimento deseja ser independente e se coloca à margem da OLP oficial de Chukeiri. Perante a impotência dos exércitos árabes, a al-Fatah afirma sua vontade de retomar as ações dos comandos guerrilheiros, interrompidas depois da Expedição de Suez. Para a Al-Fatah, o único meio de “libertar a palestina árabe ocupada” é a luta armada. (MASSOULIÉ, 1994. p. 91 e 92).

Os investimentos nos xiitas, denominados *Hezbollah*²⁶, resultaram em ataques durante 6 anos na fronteira de Israel, para a libertação dos soldados libaneses e também a captura dos soldados israelenses.

Iniciou-se em 2006, outra guerra no Líbano, que durou 34 dias, e resultou em 4600 mil libaneses mortos. O cessar-fogo aconteceu em agosto do mesmo ano, a pedido das Nações Unidas. Os EUA e França recomendaram o fim da hostilidade das partes envolvidas, como também a retiradas dos soldados israelenses do território libanês. A ONU enviou a área de conflito,

²⁵ É nesse período que surge o termo terrorismo (junção das palavras terror e fundamentalismo).

²⁶ Grupo nacionalista do Líbano, autônomo. O grupo nasceu para defender a fronteira libanesa de Israel. Significado de Hezbollah: Partido de Alá.

para acompanhar o fim do conflito, 15 mil capacetes azuis. O conflito também serviu para que os Libaneses desarmassem o *Hezbollah*, em 2009, para que não houvesse mais ataques pelo grupo autônomo.

Retornando na causa palestina, os OLP continuam os ataques terroristas. Como os palestinos não obtinham força o suficiente para atacar os exércitos, eles criam os homens bombas²⁷, alongando os atentados e dificultando a ação de Israel.

Em 1993, após muitos anos de guerras entre palestinos e israelenses, os Estados Unidos, junto a Israel e Palestina, criam os Acordos de Oslo. Os acordos tinham como objetivo, a união de forças para a realização de paz entre os dois povos, e também previam o término dos conflitos como também negociações sobre os territórios ocupado por Israel. Diplomáticamente, Israel iria dar o domínio da faixa de Gaza para os palestinos e criando um grupo político, que teria como representante o Yasser Arafat. O novo grupo político ANP (Autoridade Nacional Palestina), extinguiria a OLP e conseqüentemente os ataques armados pelos terroristas.

Mas, em 1995, Rabin foi assassinado por Yigal Amir, um direitista radical ismaelita que se opunha as assinaturas dos Acordos de Oslo. Com a morte de Rabin as negociações foram encerradas, pois o novo chefe de Estado de Israel, Ariel Sharon, não iria dar continuidade aos acordos por “não aceitar acordos com terroristas”. Iniciando novamente o conflito entre os dois povos.

O partido da ANP, que atuava na região das Cisjordânia e procurava ações diplomáticas para resolver os conflitos, foi dividido em dois segmentos, o Al Fatah, que tentava solucionar os conflitos de maneira diplomática e o Hamas, que habitavam na Faixa de Gaza e optaram por conflitos armados.

Os EUA ao longo do século XX, participaram muito em guerra. Desde o início da Guerra Fria, os EUA apoiavam países ou milícias para garantir a sua zona de influência. Lembrando que o interesse na região está dado pela quantidade de petróleo existente, que é conhecido como “Ouro Negro”.

Os Estados Unidos, em 1944, obtiveram acordos com a Turquia em relação ao comércio petrolífero. Além de bloquear a influência soviética que

²⁷ É o nome dado a terroristas suicidas, onde vão ao um determinado local com bombas ao seu corpo se destruindo e conseqüentemente destruindo tudo ao seu redor.

estavam aumentando a sua influência no Oriente Médio, os EUA fizeram acordos onde eles se beneficiariam, pois, um acordo petrolífero auxiliaria em sua economia fazendo com que conseqüentemente ele pudesse apoiar mais países na região.

A União Soviética procurou tirar vantagem das incertezas do pós-guerra na região: tentou partilhar o controle dos estreitos de Bósforo e de Dardanelos com a Turquia e perpetuar sua ocupação no norte do Irã. Mas deparou-se com a vigilância dos Estados Unidos, cuja influência começava a substituir a da Grã-Bretanha. Os americanos forneceram ajuda financeira à Turquia, conseguiram rapidamente a retirada soviética do Irã (onde um acordo petrolífero fora assinado em setembro de 1944 entre a Anglo-Iranian e a Standard Oil) e deram apoio a Ibn Saud na Arábia Saudita, em troca do monopólio de prospecção e lavra concedido à Aramco. (GUIZZO, 1994. p. 27).

Os EUA, em 1970, ficaram sabendo que os soviéticos pretendiam invadir o Afeganistão. Para garantir a sua influência no país, os Estados Unidos investiram e apoiaram o Talibã, um grupo político liberal. Assim, o grupo atacou as tropas soviéticas e conseguiram alcançar o poder do Afeganistão em 1996, garantindo a influência norte-americana.

Quando houve a queda da URSS, em 1991, os Estados Unidos deixaram de financiar armamentos para o Talibã. Porém, com a quantidade de armamentos que o grupo possuía, em virtude do antigo acordo com os americanos, o grupo se declara independente e impõe leis islâmicas fundamentalistas, conhecida como *Sharia*, tornando a religião como um código civil, ou seja, quando alguém cometia um pecado era julgado como um crime. Os EUA antes aliados, se torna neste momento inimigos dos Talibãs.

Para os muçulmanos, a lei válida, exclusiva, era a que Deus estabelecera através de revelação, manifestada no Corão e no hadith, e em seguida ampliada e interpretada através de trabalho de juristas-teólogos posteriores. Embora a lei em si seja considerada como estatuída por Deus e promulgada pelo Profeta, juristas e teólogos seguem ramos diferentes da mesma profissão. (Lewis, 1996. p. 212).

Inicia-se em 2001, a Segunda Guerra do Afeganistão. Os Estados Unidos, junto com Reino Unido, França, Canadá, e outros, se opõem ao regime

Talibã e em 07 de outubro os militares americanos invadem o Afeganistão para a retirarem os talibãs do poder e para encontrarem o líder da Al-Qaeda, Bin Laden (sem a autorização da ONU). A guerra do Afeganistão ainda está sem uma solução, sendo o mais longo conflito dos EUA, e seu custo até 2011 foi de 468 bilhões de dólares (WIHBEY, 2001).

Retrocedendo, em 1979, existiu no Irã uma revolução, conduzida pelo Aiatolá Rubollah Khomeini, para derrubar o governo até então existente e aplica também leis fundamentalistas no país. Quando o Irã foi dominado e foram vinculadas as leis fundamentalistas, o líder Khomeini deixa de ser aliado dos EUA, uma vez que o país possuía a riqueza própria e conseguiam se manter sem a influência norte americana.

Neste contexto, os EUA não queriam perder o controle das terras iranianas, assim, fazendo um novo investimento e apoiando Saddam Hussein para tomar o poder do governo no Iraque e para declarar Guerra ao Irã. A guerra que durou de 1979 a 1988, tinha como interesse norte americano ter novamente aliados no Irã, para conseguir vantagem no comércio petrolífero.

Em 1989, o Iraque (que foi altamente armado pelos EUA durante a guerra Irã- Iraque em 1980) decide invadir e anexar o Kuwait. Assim, em 1991 com a invasão do Iraque no país, os Estados Unidos apoiados pela ONU entraram na guerra entre Iraque e Kuwait, visando o descumprimento da manutenção da paz, e a não intervenção de um Estado soberano, pelo Iraque. A solução americana foi bombardear as tropas iraquianas, conhecido mundialmente como a chuva no deserto²⁸, sendo considerado como a primeira Guerra do Golfo.

Assim, caberá aos Estado Unidos intervir, como guardiões do bom funcionamento da ordem econômica mundial e conscientes da importância dos fatores em jogo. Os americanos começam a intervir em 15 de agosto, dando início a operação Tempestade no Deserto. Em seis meses eles irão assumir a liderança de uma grande coalizão internacional e colocar na região uma força de 440 000 homens (300 000 só dos Estado Unidos). (MASSOULIÉ, 1994. p. 124

²⁸ O nome chuva no deserto foi dado em decorrência a quantidade de ogivas jogadas no deserto, para combater as tropas iraquianas.

Na Arábia Saudita, em 1988, surge um novo grupo terrorista conhecido como Al Qaeda, um grupo juhadas²⁹. Que fora criado para que pudessem auxiliar a expulsão dos soviéticos no Afeganistão. Após a retirada das tropas da URSS, os militares estadunidenses se instalaram na península arábica, gerando a insatisfação de Bin Laden, antes aliado dos EUA, e assim após ser expulso da Arábia Saudita, por propagar a raiva aos americanos, teve como inimigo número um os EUA. Em 1998, o grupo assumiu a autoria dos ataques as embaixadas dos EUA na África. A Al Qaeda sempre utilizou a religião para atacar os americanos, pois seu líder pregava que as políticas utilizadas por eles oprimiam os muçulmanos.

A Al Qaeda foi o grupo responsável pelo ataque terrorista nos EUA em 2001, o maior ataque terrorista registrada na história dos EUA. Os ataques de 2001 criaram a conhecida Guerra ao Terror, proclamada por Bush, que tem como objetivo acabar com os grupos terrorista ou os governos que de alguma maneira ameaçam os EUA.

Em 2011, o mundo árabe começa a ser estremecido por um episódio conhecido como Primavera Árabe. O movimento foi uma onda de protestos no mundo Árabe pela busca a democracia. Os países (Líbia, Tunísia, Egito e Síria) obtinham uma alta taxa de desemprego e um alto custo de alimentos básicos, assim a população buscando uma condição de vida melhor iniciaram as revoluções. As redes sociais tiveram uma participação muito grande para o agravamento das revoluções, o Twitter e o Facebook foram instrumentos de comunicação para os protestos.

Em decorrência dos protestos, o primeiro presidente a ser derrubado do poder é o Zine El Abidine Ben Ali, presidente da Tunísia. Já na Líbia os protestos acabaram com a morte do ditador Muammar Kadhafi, pelos ataques da população. No Egito também derrubaram Hosni Mubarak.

O único país que vivencia os protestos da Primavera Árabe é a Síria, que ainda tem no poder o presidente Bashar al Assad. O presidente é de uma religião muito pequena com princípios xiitas, o que causa uma inconstância em seu governo pelo motivo que a maioria da população é sunitas, sendo um

²⁹ Palavra utilizada pelos ocidentais para diferenciar os muçulmanos dos muçulmanos radicais/terrorista. O termo vem da palavra em Árabe Jihad, que tem como conceito o esforço ou a luta.

problema político e religioso. Desse modo, iniciou na Síria uma guerra civil, onde existem países que apoiam o governo, como a Rússia, e alguns grupos nacionalistas, e países que vão contra o governo, como os EUA, França, Israel e etc.

Em momentos de tensões nos países, são os melhores momentos para se criarem grupos e outras revoluções. Dessa maneira, surge entre a Síria e o Iraque um novo grupo terrorista, dissidente da Al Qaeda, que também utiliza da religião como justificativa, que se autodenomina Estado Islâmico. São muçulmanos fundamentalistas.

Deve-se deixar claro que não pode haver como a que afirma que todos os muçulmanos são terroristas. O objetivo desse novo grupo que surge é criar um califado (um Estado), onde predomine a lei religiosa islâmica.

O grupo tem um segmento radical e traça estratégias simples que obtenham proporção internacional e de grande dimensão, como: capturar jornalistas americanos, britânicos, japoneses e etc., matando-os e colocando em rede online, para acesso de todos.

Outra estratégia utilizada pelo grupo, para que consiga perpetrar suas ações sem que haja interrupções é investir em alguns grupos que são simpatizantes em outro continente, como o grupo Boko Haram, na Nigéria. Este grupo também islâmico, parte dos mesmos princípios que o E.I, fundar um Estado onde a lei que prevaleça seja a lei islâmica.

Após os saques a museus, para arrecadarem dinheiro para a causa islâmica, o E.I ataca um jornal satírico francês, Charlie Hebdo, em 7 de janeiro de 2015, para alcançar repercussão no mundo inteiro, assim, conseqüentemente a sua causa seria conhecida pelo mundo todo. Não se sabe ao certo quais são os motivos dos ataques realizados pelo E.I, mas a justificativa para esse ataque foi as charges publicadas pelo jornal.

Em seguida, com a condenação feita pela França referente aos ataques, faz com que o grupo terrorista colocasse a o país francês como inimigo. Em decorrência a esta situação houveram vários ataques, como o ataque a casa de shows Bataclan. Os ataques também estão ligados as ações militares do país em locais como a Síria e Iraque. E com a cobertura de mídias internacionais, os terroristas também ganham uma forma de divulgação para se

propagarem em outros países, ou para recrutar pessoas que se interessam pela causa.

Todas as guerras do Oriente Médio têm base religiosa e raízes antigas e profundas. As guerras mundiais tiveram uma grande influência na região, fazendo com que os conflitos influenciassem todas as regiões, principalmente com o novo desenho geopolítico realizado após as guerras. A Guerra Fria, foi também um momento histórico que fez com que as tensões e os conflitos aumentassem, principalmente pelos investimentos armamentistas das grandes potências em grupos ou governos radicais. Ainda hoje, não há uma previsão para o fim dos conflitos políticos e religiosos.

3.2 CONCEITO DE *JIHAD*

O termo *Jihad* tem vários conceitos e interpretações, sendo uma palavra árabe que contém um significado próprio na cultura e um significado religioso. Em árabe *Jihad* significa, luta, esforço ou empenho, tanto de um grupo ou uma pessoa individual. O termo poder ser utilizado para diversas coisas, como religião, luta contra ao tipo de vício, e etc. Na forma religiosa, utilizada pelos muçulmanos, o conceito serve para disseminar a fé islâmica e para a indicação da luta pelo desenvolvimento espiritual de cada indivíduo que segue a religião.

O *Jihad* pode ser traduzido também como guerreiro, que será aquele grupo, ou pessoa que levará a fé de Alá para todo o mundo, podendo ter duas interpretações diferentes pelos muçulmanos, o lado radical, ou o moderado. Os radicais utilizam o termo lutar no sentido mais violento da palavra, por meio de batalhas, perseguição e o extermínio de pessoas consideradas, por eles, infiéis. Os islâmicos radicais são extremamente frios em relação às mortes que “são necessárias” realizar. Já os islâmicos mais moderados, tentam levar a sua religião como uma evangelização, feita por outras religiões, é uma maneira de lutar contra o mal no sentido mais bondoso da palavra lutar, onde trará a todos a palavra de Alá fazendo com que os pecadores se convertam e sigam a religião, assim conseguindo a salvação e fazendo do mundo um lugar bondoso e sagrado.

5) A situação de desagrado, acerca da distribuição dos espólios, é como aquela havida, quando o teu Senhor, em nome da verdade, te fez sair de tua casa, para combateres, enquanto um grupo dos crentes, o estava odiando.

6) Eles discutiam contigo, acerca da verdade, após evidenciarse ela, indo eles a combate, como se estivessem sendo conduzidos à morte, olhando-a, frente a frente.

7) E lembrai-vos de quando Allah vos prometeu que uma das partes seria para vos, e almejastes que a desarmada fosse vossa. E Allah desejou estabelecer, com suas palavras, a verdade e exterminar os renegadores da fé, até o último deles. (ALCORÃO apud NARS, [19--]. p. 291)

Os versículos do Alcorão citado a cima, diz a respeito o dissabor causado aos crentes pela divisão de bens, quando os fizeram sair de Al Madinah, região na Arábia Saudita, para combater os infiéis, igual havia acontecido na batalha de Badr³⁰. Assim os Jihad iniciariam o combate pela fé novamente. O contexto pode ser considerado em duas vertentes, como visto: a dos radicais, igual ao Estado Islâmico atualmente, onde matam os infiéis ou crentes que não obedecem às leis islâmicas proclamadas por Allah; ou a vertente de conversão dos infiéis, como a parte moderada da religião faz, que é instruir pessoas para o caminho do bem, os guiando para os costumes e pelas palavras de Allah.

Existe no islamismo vários tipos e regras de Jihad, existe a responsabilidade de todos como jihads, como a luta contra o satã, contra si mesmo e etc., dentro dos tipos de jihads existe também algumas vertentes ou maneiras de realizar cada, será descrito a seguir todos os seguimentos e tipos.

Existe o Jihad al-nafs, que significa lutar contra si mesmo, que leva em considerações os ensinamentos do Islã, que sem tais ensinamentos seria impossível alcançar a felicidade; a luta para sempre atuar com conformidade; converter outras pessoas a religião, levando os ensinamentos e orientações; e a luta para que não desista dos caminhos santos quando há dificuldades. O Jihad al-Saytan, é a luta contra o satã, levando sempre em consideração a luta constante contra ele, para que possa afastar todo mal e desejos corruptos e também para afastar toda a dúvida que poderá fazer com que abale a fé do

³⁰ A Batalha de Badr é a mais importante da fé islâmica, aconteceu em 650 d.C., na cidade de Homônima, nas proximidades da cidade de Meca, e serviu para afirmação do Islã na península Arábica.

muçulmano. Existe também o Jihad contra os kaafirs, os não muçulmanos, e o Jihad contra hipócritas, que são feitos através do coração; com língua, que seria a conversão; com os bens; e com si mesmo, que é o combate físico com os infiéis. O Jihad Kaafirs são todas as lutas de combates entre os não muçulmanos, quando estes atacam alguma terra sagrada ou iniciam o combate e os muçulmanos e a Jihad contra os hipócritas são todos os meios de usar a palavra sagrada e as ideias para que haja conversão dos não muçulmanos. Essas são as variações que existem dentro da religião utilizando o conceito de Jihad (al-Sharh al-Mumti', 2012).

O significado de Jihad, obteve uma modificação no ocidente, após os grupos juhadistas começarem a propagar o terrorismo, iniciado nos EUA. Para os ocidentais o conceito de jihad tem como tradução “guerra santa”, que são os constantes combates realizados pelos grupos terroristas em busca do “bem” e em busca da conversão e proteção de sua religião através do uso de força ou ameaça. A mudança do conceito também se iniciou através das criações de guerrilhas no Oriente Médio, utilizando-se como preceito a luta (jihad), para combater as dominações nas terras sagradas, ou seja, como uma forma de resistência.

Os primeiros grupos terroristas tinham como objetivo a retirada das tropas e também o enfraquecimento das relações entre os países do Oriente Médio e os países potência mundiais como os Estados Unidos. A ação seria ataca-los para que assim eles vissem o descontentamento da população árabe, e assim deixasse de apoiar governos que muitas vezes iam contra o que a população local queria, principalmente que diminuíssem as ditaduras que junto trazia a falta de liberdade. Abaixo iremos analisar os objetivos do grupo Al Qaeda ao realizarem os ataques do dia 11 de setembro e quais foram os feitos pelos EUA após o ataque.

Figura 1 - Objetivos da Al-Qaeda e a resposta norte americana para os ataques de 11/09/2001

Objetivos da al-Qaida	Resposta dos Estados Unidos
Retirada das tropas americanas da Península Arábica.	Aumento de 15 vezes no número de tropas americanas no Golfo Pérsico.
Dissuadir intervenções militares que matem muçulmanos (no mundo todo).	As operações contra o terrorismo mataram direta ou indiretamente milhares de civis e inocentes no mundo muçulmano.
Fim do apoio a ditadores muçulmanos pró-ocidente.	Fortalecimento das relações militares, especialmente com Paquistão, Arábia Saudita e os regimes instalados em Cabul e Bagdá.
Resolução da questão palestina.	Processo de paz parado e escalada da violência com ascensão de Ariel Sharon ao governo de Israel.

Fonte: Cherem (2010. p. 87).

Após os ataques de 2001, houve um aumento das tropas ocidentais nos países do Oriente Médio. Após o aumento das tropas, teve conseqüentemente um aumento dos grupos terroristas para que pudessem lutar contra os americanos e também lutar contra outros países do mundo, assim conceito Jihad foi altamente vinculado aos guerreiros (Jihadistas), que são pessoas dos grupos terroristas que utilizam da fé islâmica para justificarem seus ataques aos países, como Londres, França, Somália, Turquia, Egito, Paraguai, entre outros (Ataques terroristas, 2017)³¹.

3.3 A INFLUÊNCIA DO EXPANSIONISMO DAS GRANDES POTÊNCIAS

O expansionismo, conhecido também como imperialismo pelo fato de surgir na época imperial, sempre esteve ligado ao domínio e poder junto com a ideia de expandir o seu território e aumentar as suas influências. No século XIX, a ideia do imperialismo começou a se modificar, pela mudando do cenário internacional, e no final do século esteve ligada ao poder e a liderança da Grã-Bretanha, com a expansão territorial e de influência do país. A palavra durante este período também ficou conhecida com colonialismo, quando analisado a

³¹ **Ataques terroristas**, 2017. Disponível em < <https://storymaps.esri.com/stories/terrorist-attacks/?year=2017>>

época em que os países procuravam através do mar novas terras para instalarem colônias.

No início do século XX, críticos do capitalismo, começaram a ligar o colonialismo as áreas políticas e econômicas. Entretanto, o pensamento era a expansão da sua influência para que assim conseguissem melhorar a sua economia tornando o país mais forte economicamente. Visando sempre o expansionismo de seus territórios e a exploração dessas novas terras, assim, fazendo novos investimento e das explorações das plantações abastecer o seu país.

Hoje em dia, o termo está ligado fortemente com as relações internacionais, como também o aspecto econômico que envolve a expansão. Assim, quanto mais influência em novos territórios mais terá retorno econômico, principalmente se nesta zona de influência obter riquezas naturais, iguais aos países do Oriente Médio, que são ricos em Ouro Negro (petróleo).

Um complexo de relações econômicas, políticas e militares, através do qual países economicamente menos desenvolvidos são subjugados por países economicamente mais desenvolvidos... Imperialismo continua a ser a melhor palavra para designar o sistema geral de desigualdade nas relações econômicas mundiais. (BROWN, 1970. Apud COHEN, 1976. p.17)

O imperialismo está diretamente ligado as fases capitalistas e ligadas as questões do poder. Pois quando mais obtém os domínios, mais o país conseguirá riquezas para que possam aumentar suas influências e os investimentos internos que estão ligados com a segurança nacional, ou seja, ligados à força militar do país.

Os expansionismos dos países iniciaram no século XVIII, onde as colônias começaram a se tornarem independentes e começaram a expandir os seus domínios territoriais. Iniciando com a independência dos Estados Unidos em 1783.

O expansionismo inicia logo quando os países se tornam independentes. Ao proclamarem a sua independência eles iniciam a fase de ofertar terras a preços mais baratos, para que assim eles possam aumentar a sua população e

estruturar o país internamente, colocando ferrovias, melhorando o comércio dentro, inicia-se a fase de expansão do território e a dominação.

Após o processo de estruturação, os países iniciam a procura de novos territórios. Começaram a expandir inicialmente as fronteiras de seu território, dominando as terras aos redores. Logo em seguida começam a influenciar países menos desenvolvidos, para aumentar o seu poder em relação aos países do sistema internacional.

Um fato interessante, os Estados Unidos, ao iniciarem a sua expansão, dominou algumas cidades que pertenceram a França, durante as colonizações, e também algumas cidades espanholas. Se analisarmos veremos cidades com o nome de origem desses países, como: Los Angeles, Texas, São Diego e etc., nomes de origem espanhola.

Houve no século XIX uma análise de dois filósofos, Gallagher e Robinson, que o imperialismo estava voltado para o livre comércio, principalmente na Grã-Bretanha. Londres tinha interesses de franquear todas e quaisquer oportunidade de comércio nos países menos desenvolvidos, principalmente para que a sua influência estivesse naquele território, dificultando a entrada de outros países.

Em toda parte, os Governos ingleses trabalharam para estabelecer e conservar a supremacia inglesa, fossem quais fossem os meios que melhor se adaptassem às circunstâncias dos seus diferentes pólos de interesse. Os objetivos dos britânicos de meados da época vitoriana não eram mais “anti-imperialistas” que os dos seus sucessores, embora fossem capazes muitas vezes de alcançá-los informalmente; e os vitorianos mais recentes não foram mais “imperialistas” do que seus predecessores embora mais frequentemente propensos a anexar. A política inglesa seguiu o princípio de estender seu controle informalmente, se possível, e fortemente, se necessário. [...] (GALLAGHER e ROBINSON. Apud. COHEN, 1976. p. 35)

Todas as políticas eram as mesmas, implantar sistemas em que o domínio deste país, no caso a Grã-Bretanha, pudesse prevalecer. Uma vez que o mais importante era conseguir a maior influência possível para que outros países não ultrapassasse a sua força e se tornasse uma ameaça.

Outros países na época iniciaram as suas expansões para obter um nível de influência no âmbito internacional, como a França, Alemanha, Itália

Japão e os Estados Unidos. As expansões se deram por meio de alianças e alinhamento das mudanças no cenário, para poder assegurar a independência de cada Estado-nação, assim, o sistema político desses países caracterizaria em um equilíbrio permanente de poder.

Esse equilíbrio de poder entre os países, como também o aumento do poder relativo de cada um, era utilizado para que juntos os países conseguissem conter os conflitos que aconteciam no mundo. Havia nesse período, durante o século XVII e XVIII, divisões de interesses que criavam grupos formados por alguns países, e esses interesses podiam se modificar conforme quisessem. Essa estratégia era parecida com a de jogo, onde podia eventualmente jogar contra ao um antigo aliado.

Quando um país vê o outro crescendo economicamente e aumentando a sua influência, colocando em jogo a sua posição e começando a ser uma ameaça para a soberania deste país, estrategicamente o país ameaçado alia-se a outras potencias para que assim este país que o ameaça diminua a sua importância no cenário.

No Congresso de Viena, por exemplo, a Grã-Bretanha aliou-se a outras potencias vitoriosas (da guerra napoleônica) – Áustria, Prússia, Suécia e Rússia – para diminuir a importância da França no sistema europeu. Os franceses foram obrigados a renunciar a todas as pretensões de soberania fora das suas fronteiras de 1792, bem como ceder aos aliados alguns postos estratégicos. Contudo, em 1831, os ingleses uniram-se à França, juntamente com a Rússia, intervindo para assegurar a luta pela a independência da Grécia contra o Império Otomano. (COHEN, 1976. p. 75).

Esses expansionismos de influências territoriais e econômico, resulta em um conflito de interesses entre os países. Quando um país resolve iniciar a sua expansão, sem o consentimento de outros países e os fazem se sentir ameaçados inicia-se as guerras. Em decorrência a essa época imperialista surge a Primeira Guerra Mundial, onde várias potências brigam entre si, para que uma parte do globo não seja influenciado por um determinado país. Assim, quando a 1ªGM acaba, quase todas as expansões anteriormente conquistadas deixam de existir.

O equilíbrio que se obtinha na Europa anteriormente acabara. O conceito da colonização para os imperialistas tinha perdido a importância, uma vez que a maioria dos territórios tinham sido perdidos após a guerra, como pagamento aos gastos obtidos por ela. Os territórios do Oriente Médio, que antes pertenciam aos otomanos, após a primeira guerra foram divididos entre a França, que ficou com o domínio da Síria e Líbano, e a Inglaterra, que obteve o controle da Palestina, Jordânia, Iraque e as partes da Península Arábica, bem como do Egito e canal de Suez (COHEN, 1976).

A conclusão que se tem as realizações imperialistas são que as conquistas e as perdas se tornam um ciclo, onde um país conquista, depois vêm outro e o conquista ou ganha em algum conflito. Em toda a história humana essas situações se repetem, e não mudou após a grande Primeira Guerra. Países como Japão e Alemanha começaram as invasões e dominação de territórios, como também a travar guerras, como a invasão do Japão na Manchúria, as invasões alemãs na Polônia e França.

Logo após o novo início do expansionismo obteve a Segunda Guerra Mundial. Na qual, fez com que as invasões e a dominação antes obtidas pelo Japão, Alemanha e Itália, que causaram a 2ªGM, fossem curtas, pois, tiveram que devolver e ainda arcar com as despesas da guerra.

Assim, a 2ªGM provou que dividiria quase todos antigos impérios, além de devastar o território europeu, deixando os países exaustos e quase todos falidos (COHEN, 1976). Neste contexto de pós-guerra faz com que as duas grandes potências, Estados Unidos e Rússia, ganhadoras entrassem em um conflito não armado, a Guerra Fria.

No contexto da Guerra Fria o expansionismo continuou. Os grandes investimentos dos EUA e da URSS, voltaram-se aos países do terceiro mundo. Principalmente após a ONU determinar a divisão do Estado de Israel e dos países como Egito e Iraque conseguirem se tornarem independentes da Grã-Bretanha, deixando os países do Oriente Médio sem a influência Britânica.

Após esse contexto começa as guerras civis no Oriente Médio. Onde os países ao redor do Estado de Israel tinham o interesse de obter o domínio sobre esses territórios, desestabilizando a região. Usufruindo dessa instabilidade, os EUA e a Rússia começaram a investir em governos ou em

grupos terroristas para obter a influência nesses territórios, para que assim o sistema interno de seus países prevalecesse no mundo, com o intuito de um enfraquecer o outro.

Como visto anteriormente, o modelo político dos Estados Unidos era o capitalismo e o da União Soviética era o socialismo. Os interesses desses países era implantar o seu sistema político, para que assim pudessem fazer da região a sua imagem e semelhança, além de terem acesso as riquezas naturais obtidas no território conquistado.

O expansionismo está ligado diretamente com as dominações dos países desenvolvidos para com os países subdesenvolvidos. Assim, as influências destes países aumentaram as tensões desses conflitos na região do Oriente Médio, pelo fato dos investimentos de armamentos e financiamento das guerras pelos EUA e URSS.

Dentro de um Estado sempre terá uma parte da população que discordará com o governo atual. Porém o fato é que em todo o lugar do mundo, exceto o oriente médio, os países não obtêm um grupo armado que luta pelo interesse e que consiga mobilizar uma quantidade grande de pessoas sucedendo em uma guerra civil.

Quando o país já obtém uma precariedade e de certa maneira está esquecido pelo mundo (pelo fato econômico e da influência global), os investimentos dos grandes países, para conseguirem ter um governo aliado ao seu, passa “despercebido” pelo resto do mundo, primeiro porque não há outros países que possuam dos mesmos recursos dos países como: China, Rússia, EUA, França e Inglaterra.

Os expansionismos desses países ainda se dão pela junção de força entre eles. Os países usam da política pendular, ou seja, apoia o lado do conflito mais vantajoso para ele, mesmo que as vezes o seu país potência aliado esteja contra esse grupo, podemos dar um exemplo da China, onde existe momentos em que o país apoia os Estados Unidos em algumas

decisões, igual a questão dos curdos³², e há momentos que ela se omite ou fica a favor de outro país, como a França e até mesmo a Rússia.

Observa-se que desde do início do expansionismo até os dias de hoje Tanto a França quanto a Inglaterra ainda têm interesses nesses territórios, por terem sido no passado colônia desses países.

Todos os países que iniciam o expansionismo visam o crescimento econômico e a estabilidade no cenário internacional, entretanto, os grupos terroristas criam-se a partir desses investimentos. Os países investem neles e quando eles os deixam de fazer, os grupos se voltam contra esses países, tanto para tentar desestabilizarem quanto para manter a dominação na região do Oriente Médio, pois quando um país deixa de investir em um determinado grupo, algumas vezes ele perde o poder de um determinado território, por não usufruir mais do poder das grandes potências. Esses grupos se voltam contra os países poderosos, mas sempre de olho no recurso natural, como também utilizam das estratégias e armamentos que foram financiando por esses países.

O principal objetivo desses grupos, além de ficarem ausentes das influências ocidentais, é que a sua religião tenha de volta o território que uma vez pertenceu aos seus ancestrais e que foi prometida por Alá.

Todas as questões do Oriente Médio estão ligadas as questões religiosas. Uma vez que lá nasceram as três religiões monoteístas, e cada um luta para reconquistar aquilo que já os pertenceu, perdido pelas guerras mundiais e domínios de países que estão ligados diretamente com a economia. Levando o preceito de que os religiosos adoram Alá e vivem em detrimento disso, a questão econômica não é importante para eles, uma vez que para conseguir ir a terra prometida precisa da riqueza espiritual.

São por essas razões que o ocidente define a Jihad como “guerra santa”. Os países do Oriente Médio têm como o principal objetivo a adoração e o devoto a Alá, e com as conquistas feitas pelo ocidente têm comprometido tais objetivos.

³² Os curdos são um grupo étnico, situados em alguns países do Oriente Médio, que proclamam a independência do território ocupado, para a criação de um país próprio (Curdistão).

4 O ORIENTE MÉDIO E AS CONTRADIÇÕES ATUAIS

Na região do Oriente Médio, ao passar os anos, houve uma grande criação de grupos terroristas. Pouco se sabe os objetivos dos grupos que atuam na região e a extensão que eles obtêm no mundo contemporâneo.

O terrorismo atual utiliza do Jihad para a justificativa de seus atos, utilizam o termo para proclamar a Guerra Santa. Os grupos fazem o recrutamento dos “soldados” utilizando o poder psicológico, de que o mundo contemporâneo está em caos. Os recrutamentos são feitos em todos os países, não se sabe ainda como eles chegam até as pessoas que realizam as suas ações fora da região do Oriente Médio.

A tecnologia está sendo utilizada para propagar o terror e o medo das pessoas civis dos países. Os ataques dos terroristas estão acontecendo em cidades e países que terão visibilidade internacional, como as cidades de Nova York, Londres, Paris e etc.

Os terroristas são de origem religiosa, muitas das guerras da região estão travadas pela oposição ao governo que é de uma determinada religião, com os grupos da mesma religião, porém com segmento diferente. As imposições da doutrina religiosa como lei universal na sociedade têm gerado uma revolta entre a população da região, gerando atos de protestos como a Primavera Árabe, em 2011.

Tanto a religião, quanto a política devem obter um diálogo, pois todos precisam de um representante. Para que isso ocorra na região, é necessário primeiro o diálogo inter-religioso, para que ninguém, quando assumir o governo, imponha princípios religiosos pessoais, pois assim ninguém terá a liberdade infringida. Deve aplicar as leis para o bem comum, independentemente da religião que as pessoas seguem.

O que dificulta a solução dos conflitos são as grandes potências, pois, as mesmas que tentam solucionar o conflito, são aquelas que investem nos conflitos. Um tanto confuso, mas para garantir a sua influência elas intervêm nos assuntos dos países do Terceiro Mundo. Além dos investimentos, são as grandes potências que obtêm o poder de influenciar as organizações mundiais, pois são delas que vêm a infraestrutura e a ajuda financeira.

4.1 TERRORISMO CONTEMPORÂNEO

Para melhor entender sobre o terrorismo contemporâneo é necessário definir e compreender o termo. Não se tem uma definição certa sobre o que é o terrorismo, mas a palavra é utilizada pelo ocidente para descrever os ataques fundamentalistas religiosos ou políticos que ocorrem no mundo atual. A formação da palavra terrorismo se deu pela junção da palavra terror com a palavra fundamentalismo.

Existem várias maneiras de praticar o terrorismo. Ele pode ser praticado por um Estado, quando este usa da violência para garantir a sua dominação no território, podendo levar à cassação de pessoas ou até mesmo matar as pessoas que são contra o governo e se manifestam contra , igual às ditaduras militares na América Latina; pode ser terrorismo comunal, são quando grupos ou milícias surgem para combater outros grupos da mesma sociedade, um exemplo seria em Ruanda na década de 90³³; terrorismo religioso, que são os grupos religiosos lutando pela expansão da fé, que está sendo abordado no presente trabalho; etc.

Segundo Nasser (2010), o terrorismo é um “método psicológico inspirador de repetidas ações violentas, empregado por um indivíduo, grupos organizados ou Estados [...] por razões políticas”. As vítimas dos atentados terroristas não são escolhidas, não existe um tipo de pessoa ou etnia específico para os ataques. Todas as pessoas que sofreram um ataque terrorista, foi por estarem em lugar errado na hora errada, pois a única coisa que os terroristas escolhem é o local onde praticar a ação.

Os terroristas procuram atacar locais que terão repercussão internacional. A estratégia é utilizar a mídia para propagar com mais ênfase o terror, se tornarem mais conhecidos e temidos, como também abrir espaço para pessoas pesquisarem sobre eles, conhecendo suas causas ou até mesmo se identificando com o grupo, assim, eles conseguem fazer o recrutamento de novos “soldados”.

Para a ONU, o terrorismo é quando o propósito final do ato é intimidar uma população, ou intimidar um governo ou uma organização internacional. As

³³ Conflito de Ruanda: Foi um genocídio étnico onde os Hutus queriam eliminar os Tutsis, por acharem que ficaram excluídos do poder socioeconômico da sociedade.

Nações Unidas criou em 1999 uma convenção internacional para a supressão ao financiamento do terrorismo, para que os Estados cessassem os investimentos nesses grupos.

Existem três características do terrorismo:

- 1) a organização: o terrorismo, que não pode consistir em um ou mais atos isolados, é a estratégia escolhida por um grupo ideologicamente homogêneo, que desenvolve sua luta clandestinamente entre o povo para convencê-lo a recorrer a;
- 2) ações demonstrativas que têm, em primeiro lugar, o papel de 'vingar' as vítimas do terror exercido pela autoridade e, em segundo lugar, de 'aterrorizar' essa última, mostrando como a capacidade de atingir o centro do poder é o resultado de uma organização sólida e;
- 3) de uma mais ampla possibilidade de ação por meio de um número cada vez maior de atentados. (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 2003. Apud. BONOME, 2009. p. 52)

Deve-se se diferenciar o terrorismo dos grupos radicais com as violências praticadas pelo Estado. Um Estado pode usar o seu poder de violência tornando a sua ação legal, mas é abominável quando ao esgotar as possibilidades de negociações ou de sobrevivência que uma pessoa ou organização cometa tais ações de violência. Portanto, um Estado pode utilizar as ações do terror e até mesmo financiar o terrorismo, isso não quer dizer que ele seja a favor da ação, o Estado é contra o terrorismo quando ele não parte do seu Estado e ele se torna alvo (BONOME, 2009).

Sintetizando, o terrorismo é a ação violenta praticada e em decorrência dele ocorre uma ação social. O objetivo do terrorismo é conseguir atingir o maior número de vítimas civis possível, fragilizando um governo, estremecendo a confiança que a população tem com o Estado, como também deixando os seus inimigos confusos em relação a próxima ação a ser cometida.

Os ataques terroristas atualmente utilizam preceitos fundamentalistas. O fundamentalismo, não é a prática da violência, mas é a valorização dos valores de uma determinada coisa, porém, muitas vezes pode levar ao fanatismo, como utilizado pelos terroristas, que acreditam nos valores religiosos e acabam enxergando esses valores como verdade universal. O fundamentalismo está presente também na economia, política, nas leis, esporte e lazer. Antigamente

o fundamentalismo era utilizado para a preservação da moral pessoal, ou como uma moralidade social, que lutada para combater o liberalismo.

Não podemos confundir o fundamentalismo com o conservadorismo ou tradição. Conservadorismo ou protecionismo é a resistência as mudanças, como acontece no século XXI na área comercial, alguns presidentes praticam tais ações para não exporem a economia do país, tentando fechar o mercado externo e valorizando apenas o mercado interno; a tradição é a repetição dos atos tradicionais, podendo ser da sociedade ou até mesmo familiar, um exemplo é uma tribo indígena, eles sempre fazem os mesmos rituais, utilizam das mesmas pinturas que os seus ancestrais. O fundamentalismo está ligado com os valores da sociedade. No século XIX iniciou-se o fundamentalismo cristãos, ou seja, se tornou valores religiosos, e no século XX começou a proibir a erosão da mentalidade e da cultura americana, uma vez que essa cultura não acreditava em milagres e não estavam ligados a religião como os islâmicos.

O fundamentalismo americano estava ligado ao fundamentalismo moderno ou econômico. Eles estavam interessados na modernização do seu país e a influência que eles obteriam ao levar a modernidade em outros países, os quais ficariam em seu domínio, pelo fato de que eles necessitariam de acordos comerciais e diplomáticos para manter essa modernidade.

O fundamentalismo protestante, cuja premissa da inspiração verbal da Bíblia pelo Espírito Santo é o ponto central da fé e da mensagem evangélica, não admite como verdade qualquer discurso, mesmo científico, pois a verdade está dada por revelação antes de qualquer afirmação de veracidade. Nesse sentido, com tal tipo de crença, o fundamentalismo está em confronto com a modernidade, a ciência moderna, a hermenêutica liberal do mundo, a política secular e o liberalismo econômico; todos refletidos na teologia liberal. (BONOME, 2009. p. 66)

O fundamentalismo terrorista está vinculado ao terror e a violência, presente no mundo há milhares de anos. Além de levar o medo a população civil, eles impõem o ensinamento das regras e dos comportamentos da sua “religião”, como também ensinam as sequências de atos a serem determinados

por eles, para combaterem o mal. Os conflitos utilizados por eles é a destruição e a aniquilação dos infratores das leis divinas.

Eles utilizam das leis divinas para obter uma explicação “racional” dos ataques cometidos por eles. Eles creem tanto na causa que eles dão as suas vidas. O sacrifício é utilizado há muitos anos pelos religiosos, e é visto como uma divindade, que com tal ato você a pessoa será retribuído com um mundo sem violência e terá um desejo maior realizado. Para os terroristas esse desejo maior é viver na terra prometida onde nem a dor e nem o sofrimento existira, eles lutam e morrem violentamente para não viver mais com a violência, é um tanto confuso, mas eles utilizam disso como um sacrifício necessário para ser feito.

Morrer significa sair da marginalidade produzida pelo capitalismo, significa resgatar a dignidade própria tirada pelo outro. Um ato terrorista pode significar a quebra da barreira, do último muro da separação entre o sagrado e o profano ou entre os que possuem e os despossuídos, entre os que têm acesso aos bens de produção, capital, qualidade de vida e os que não têm acesso às benesses do capitalismo. Explodir, nestes casos significa a ausência definitiva das separações, dos guetos, da miséria e marginalidade em que se encontram, mas também significa a esperança de um mundo melhor. (BONOME, 2009. p. 82)

Os terroristas contemporâneos utilizam-se dos mesmo valores que os anteriores. Eles utilizam do sacrifício para obter um combate ao “mal”. Os terroristas usam bombas em seu corpo indo até uma multidão e acionando-a, fazendo com que na explosão as pessoas ao redor também morram. Atualmente eles estão utilizando tiroteios e carros para atropelar os pedestres, mas ainda resulta na morte do ator do crime.

O terrorismo contemporâneo, estudado neste trabalho, tem como principal análise os grupos terroristas do Oriente Médio, os quais foram criados inicialmente para auxiliarem os americanos ou os soviéticos após as grandes guerras. Quando as duas grandes potências entraram em uma guerra ideológica, onde precisavam fazer o expansionismo no terceiro mundo, para que assim a ideologia política do seu Estado prevalecesse.

Antes desses investimentos pós-guerras, no início do século XXI, os países obtiveram a dominação e a influência em alguns países na região.

Fazendo com que a população local se revoltasse contra os países “civilizados”, pela ocupação das terras sagradas e por um tempo ditarem o que ocorria ou não na região.

Já o investimento e financiamento, pela parte americana ou soviética, parou de ser feito em 1991. Quando acaba a Guerra Fria e o capitalismo ganha, os Estados Unidos deixam de continuar investindo nos grupos, que eles apoiavam no período da Guerra, por já terem alcançado o objetivo principal, que era diminuir a influência do socialismo na região, assim, deixando os países do terceiro mundo com guerras civis de grupos religioso, sem uma solução. Entretanto, estes grupos já possuíam armamentos tecnológicos para continuar a guerra local, como também para declarar guerra ao país ocidental, iniciando ataques com homens bombas e ataques em festas de grandes repercussões.

Após 1993, houve no oriente médio uma reorganização dos *mujahedin*. Houve um aumento dos grupos que utilizam da luta para acabar com o mal, que são todos aqueles que se opõem ao islã. Consequentemente com os aumentos de guerreiros, aumentaram os ataques aos grandes países, uma vez que eles foram os responsáveis pelas guerras nos territórios santos.

Para o especialista em terrorismo internacional Ely Karmon, o terrorismo seletivo radical foi provocado por dois eventos, primeiro a Revolução Iraniana de 1979 e depois a vitória do Afeganistão sobre a União Soviética, vitória financiada pelos Estados Unidos da América do Norte [...]. Não há consenso sobre isso, a italiana Giuliana Sgrena, num simpósio europeu sobre terrorismo afirmou que a estratégia terrorista mudou em 1989 com a queda do muro de Berlim e em 1991 com a primeira Guerra do Golfo. No Japão o Exército Vermelho, na Itália as Brigadas Vermelhas, no Oriente Médio o Al Fatah, são regiões afetadas por outros grupos terroristas cujos objetivos são diversos, embora as suas ações visem provocar o terror para chamar a atenção pública, política e internacional, mas é só na década de 1990 que surgiu o terrorismo contra um maior número de pessoas. Esse terrorismo de massa busca justificar na religião suas atitudes, embora nem sempre a religião os justifique, pois se trata de atitudes fanáticas. Nesse período, o fanatismo escatológico, inserido em diversos discursos apocalípticos de líderes religiosos messiânicos, cresce e dá sentido aos atos terroristas. (BONOME, 2009. p. 59)

Os terroristas utilizam da religião e do termo jihad para propagar o ódio e dar uma justificativa pelos seus atos, fazendo com que haja alguma relação

entre o terrorismo e o fundamentalismo. O fundamentalismo é utilizado para explicar as suas motivações, uma vez que eles precisam lutar contra o mal, levando o preceito de que todos os atingidos por eles representam este mal. Segundo Bonome (2009), “se o atentado terrorista parece não fazer sentido, o discurso para fazer sentido é buscado no fundamentalismo islâmico”.

A maior estratégia dos terroristas é utilizar a mídia para propagar o ódio e para que as pessoas que já possuem uma instabilidade emocional entre e lute pela causa. Além de atacar locais que terão alcance internacional, como shows, boates em grandes cidades e etc., eles também aproveitam de momentos em que acham oportuno para sequestrarem jornalistas internacionais (jornalista que estão em territórios árabes fazendo reportagens e etc), militares que estão na região, os torturam para pôr em redes sociais, para que assim, o mundo fique sabendo das suas ações e crueldades. Uma das redes que eles mais utilizam é o youtube e o twitter.

Observa-se que os terroristas de hoje não querem um lugar na mesa para negociação, eles querem destruir a mesa e todos que estão sentados nela. Eles tentam se vingar dos ocidentais, pois foi pelos interesses dos países potências na região, os jihadistas foram utilizados para matar o seu próprio povo, e tudo por interesse próprio e de riquezas. Em nenhum momento, eles foram ditos como pessoas que estão lutando por uma causa. Talvez possam ter se corrompido pelo amor a luta e pelo ódio do diferente.

A característica do terrorismo internacional é que ele mescla o terrorismo e a guerra. Os terroristas utilizam de todos os meios e inteligência para que eles estejam em todos os lugares para a “batalha”. Eles vivem em constante guerra entre si e entre o ocidente, obtendo o medo das pessoas civis para propagar o terrorismo. Levando o preceito que eles estão em todos os lugares, e o terrorismo é a guerra deles contra os países que dizem ser civilizados.

O marco do terrorismo contemporâneo foi a criação a Al Qaeda e o ataque aos Estados Unidos em 2001. Após a segunda guerra do golfo, visto anteriormente, Osama bin Laden criou um grupo radical para que pudessem atacar os EUA, para promover o medo da nação mais segura do mundo. Os ataques no *World Trade Center*, conhecido como as torres gêmeas, foi uma amostra da estratégia e inteligência do grupo. Eles sequestraram aviões de

grande porte chocando-as contra as torres, matando quase três mil pessoas de várias nacionalidades (NBCNEWS, 2007). O ataque foi nos prédios do centro comercial dos Estados Unidos, fazendo com que houvesse danos econômicos no país.

Pelo grupo terrorista Al-Qaeda foram cometidos ao menos mais 3 atentados de grande escala e com repercussão internacional. Após o 11 de setembro de 2001, o primeiro ataque foi na Espanha, em 2004, os terroristas armaram e explodiram 4 trens na cidade de Madrid, onde 191 pessoas morreram e 1,8 mil ficaram feridas. O segundo foi no Paquistão, em 2008, o alvo foi atacar a embaixada dinamarquesa com carro bomba, deixando 8 pessoas mortas e dezenas de feridos. E o terceiro ataque foi aos EUA, em 2009, o nigeriano, Umar, ligado ao grupo foi preso com bombas em seu corpo durante um voo americano, com planejamentos suicida. O ataque não chegou a ser realizado, mas foi uma tentativa de terrorismo com repercussão internacional (TERRA, 2010).

Após algumas ações por parte da Al-Qaeda, alguns grupos terroristas foram criados como uma parte da organização terrorista e outros já existentes se aliaram a ele. O objetivo dos grupos era afastar a influência ocidental dos territórios árabes e obter o domínio nos países que em alguns governos obtinham outro ramo religioso ou governos ligados à países com interesses econômicos na região. O grupo mais conhecido que foi criado pela Al-Qaeda é o Daesh, autodenominado Estado Islâmico, o grupo inicialmente levava os mesmos preceitos que a Al-Qaeda, mas a partir de um tempo ele se tornou independente obtendo algumas diferenças de seus criadores, como alguns objetivos, forma de liderança e etc.

O grupo Daesh desde sua criação têm autoria nos maiores ataques terroristas dos últimos anos. O primeiro ataque foi na França, em janeiro de 2015, ao atacarem o Jornal Charlie Hebdo, a justificativa do ataque foi as piadas que os quadrinhos em relação a religião dos seguidores do grupo, o atentado foi realizado por dois homens que forçaram a entrada no escritório e atiraram contra os editores. Na ação foram mortas quatorze pessoas e algumas ficaram feridas.³⁴

³⁴ DN mundo, 20 de abril de 2017

Só em Paris foram 14 atentados desde então. Um dia após o tiroteio do jornal houve um atentado em um mercado francês, os atiradores foram presos. Alguns ataques não foram de autoria do Daesh, mas teve correlação por ter sido cometido por pessoas simpatizantes do grupo, igual ao caso de um estudante argelino, Ahmed Ghlam, que foi detido após matar sua esposa. Outro caso foi de um estudante que entrou em contato com o grupo radical e planejou atacar uma igreja em Villejuif.³⁵

Em 2015 obteve mais atentados e tentativas. Um funcionário decapitou seu chefe e em volta deixou bandeiras do Daesh e tentou explodir o local com gás, mas não obteve sucesso. Em julho quatro estudantes planejaram invadir um campo militar para matar um oficial em nome da guerra santa. Em agosto outro atirador abriu fogo a viajantes de um comboio, que ligava Amsterdã a Paris. E em novembro vários homens com armas e bombas invadiram um estádio na França, antes do jogo de França com a Alemanha³⁶.

Em 2016 teve mais 4 atentados ou tentativa de atentado na França. Em janeiro um homem exibindo uma bandeira do Daesh, tenta atacar uma esquadra policial, acaba sendo detido e preso. Em junho um homem decapitou sua mulher em frente ao seu filho e matou um policial, antes de ser morto pela tática especial francesa, ele reivindicou o atentado em nome de Daesh.

Em julho outro homem aliado ao Daesh, Mohamed, atropelou peregrinos em Nice, logo após ele saiu do caminhão e atirou contra a multidão. Após os policiais franceses matá-lo, o grupo terrorista Daesh assumiu a autoria do atentado. Ainda em julho do mesmo ano, um terrorista cortou a garganta de um padre e fez os fiéis da sua igreja refém. No mesmo ano, em 2017, na França houve mais três atentados. Ao total obteve 14 atentados, com 200 mortos e milhares de feridos.

Fora os atentados na França, o grupo Daesh atacou a Inglaterra, Espanha e Suécia, na Europa, e Iraque, Afeganistão, Índia, Paquistão, Filipinas, Somália, Turquia, Nigéria, Iêmen e Síria, na região do Oriente Médio. Os atentados deixaram milhares de feridos e mortos, tendo como o objetivo a guerra contra o mal e no caso da região árabe, obter domínio da terra santa.

³⁵ Idem

³⁶ Bidem

A estratégia utilizada pelos terroristas faz com que as nações invistam em segurança internacional. Os países têm o terrorismo como a principal ameaça à paz, assim eles fazem uma adequação interna em seus sistemas de segurança e também utilizam de instituições internacionais como a ONU e a OEA, para utilizar de seus protocolos e mobilizar uma cooperação de todos os Estados para lutarem contra esta ameaça.

O terrorismo contemporâneo também está presente na maior parte dos países do Oriente Médio. Hoje a região ainda vive em constante conflito, por distinções de seguimento religioso, por governos fundamentalistas religiosos extremistas, por grupos que querem a dominação da região e etc. Os países do Oriente Médio necessitam do diálogo para conseguirem resolver os problemas atuais. Porém o diálogo coloca em jogo a “veracidade” dos grupos, e como eles não querem que a sua verdade não seja totalmente verdade eles não praticam a parte diplomática, até porque utilizam da guerra para mostrar a sua “potência” e assim espalha o medo pela sua sociedade ou em outra sociedade. O presente trabalho falará dos países: Iêmen, Síria, Afeganistão, Líbano e Iraque.

Uma das guerras menos faladas na mídia internacional é a Guerra do Iêmen. A guerra iniciou em março de 2015 e está longe de acabar. O motivo do início da guerra é a disputa entre o governo e um grupo xiita que reivindica o poder do país. Após a Primavera Árabe, o presidente, Abd Rabbo Mansur Hadi, aproveitou do vácuo da manifestação a sua candidatura e expandiu o domínio de seu poder no país, deixando alguns grupos insatisfeitos. Os houthis, grupo político religioso, conseguiu em 2015 invadir a capital Sanaa, forçando o presidente a fugir para outra cidade, após a invasão o grupo dissolveu o parlamento, formaram um conselho presidencial para governar algumas partes dominadas.

No país há uma grande crise humanitária em decorrência a guerra. A população civil e neutra que se encontra na região do conflito morre com a escassez de recursos e com uma epidemia de cólera, matando crianças e idosos, além de espalhar pelo mundo muitos refugiados que obtêm dificuldade de sair do país legalmente (a Arábia Saudita proíbe a passagem e voos do país para o Iêmen, impedindo que haja um deslocamento da população iemenita) que procuram um lugar melhor para viver. As mortes da população também se

dão pelos bombardeamentos em escolas, hospitais e mercados que nem a ONU com o pedido para não infringirem os Direitos Humanos conseguiu minimizar o conflito e apoiar a população local.

Título do Artigo: A Guerra do Iêmen já dura dois anos

“Cerca de 10 mil civis já foram mortos, entre eles mais de 1.500 crianças. As Nações Unidas informam que 62% da população não têm condições de acesso à alimentação, sendo que 1/3 se encontra à beira da fome; 17 milhões de pessoas não sabem quando será sua próxima refeição. E 7 milhões estão perto de morrer por não terem o que comer (The Guardian, 31 de outubro de 2016).

Como em todas as guerras, as crianças são as principais vítimas; 500 mil delas estão tão mal alimentadas que provavelmente morrerão logo se não receberem cuidados urgentes, como informa a agência de crianças da ONU e o World Food Program. [...]

A ONU calculou em 462 mil o número de crianças com menos de cinco anos que já sofrem de severa e aguda má nutrição, o que as coloca em severos riscos de morrer de fome ou de doenças associadas à má nutrição”. (EÇA, 2017)

No Iêmen além das tropas do governo que apoiam o prefeito e dos Houthis, existem bombardeios também pelo grupo Daesh e da Al-Qaeda, grupos que obtêm interesses na região. A Guerra que está em caos total obtém apoio de outros países e grupos radicais. Pelo lado do governo Hadi existe apoio e investimento pelos Estados Unidos (WHITLOCK, 2015), com financiamento de armas, balas, tanques, etc. Do lado do Houthis, temos investimentos do Irã (BAYOUMY, GHOBARI, 2014), Rússia (MAIS, 2015) e da Coreia do Norte (RAMANI, 2015). Os investimentos são também em armamentos, bombas e dinheiro para financiar a luta contra o governo. A parte dos grupos terroristas não existe investimento direto para esta causa, mas se sabe que as suas criações obtiveram muitos investimentos dos países potências.

Com os grandes investimentos dos países considerados potências mundiais dificulta ainda mais que os grupos cheguem a uma solução pacífica no conflito. Quando se tem os investimentos por partes de países terceiros na guerra, principalmente quando os investimentos são em armamentos com um teor grande de destruição fica mais difícil um diálogo, pois sempre haverá

bombardeios e renovação da força, ou seja, não terá uma parte que perdera o conflito por falta de recursos, pois há grandes países investindo os seus interesses na região.

Título do artigo: lêmem: A guerra esquecida.

“Enquanto os dois lados continuam a destruir o país, especialistas não vislumbram uma resolução iminente para o conflito. “Parece não haver solução em um futuro próximo. Há um impasse militar e político. Nenhum lado consegue ganhar, mas nenhum lado está disposto a negociar”, afirma Charles Schmitz, do Instituto do Oriente Médio”. (MONTAVANI, BARBOSA, ROSA e JAWORSKI, 2016)

No Afeganistão a situação é um pouco mais longa. O conflito iniciou em 2001, com a invasão dos EUA no país. A justificativa usada pelos americanos era de encontrar Osama Bin Laden, terrorista responsável pelo ataque as torres gêmeas, que permanecia em solo afegão e obtinha proteção do governo Talibã. A invasão ao país é conhecida como o início da guerra contra o terror proclamada pelo ex-presidente americano, George Bush, após o ataque as torres gêmeas, em Nova York.

Desde o início da guerra, os EUA têm enviados muitos soldados e investiu fortemente em armamentos e bombas. Após a invasão americana, outros grupos entraram na guerra para conseguir o domínio do país após a queda do governo talibã, como a Al-Qaeda, Daesh (não obtém nenhum aliado e declarou guerra a todos os participantes), EUA (juntamente com a OTAN e o exército afegão e Emirados árabes do Afeganistão, que a partir de um momento apoiou os talibãs e o grupo Al-Qaeda.

É importante ressaltar que no país não há uma democracia e antes da Segunda Guerra do Afeganistão, já havia colisão interna no país. O grupo talibã são sunitas e tentaram impor a sua religião como lei no país, deixando alguns grupos de pessoas insatisfeitos se opondo e atacando o país, porém, após a invasão em 2001 a situação agravou e ainda não há uma solução pacífica para o conflito.

Mesmo a guerra estando longe de uma solução, os Estados Unidos obtiveram algumas “vitórias”. Em 2011, após dez ano do atentado aos EUA, os militares americanos conseguiram encontrar e matar Osama bin Laden. Os

americanos conseguiram também derrubar o governo talibã, dividindo novamente o poder no país Afeganistão.

George Bush, seu sucessor Barack Obama e o Atual presidente dos Estados Unidos, continuam com o investimento e o envio de militares para a guerra no país. Segundo o jornal correio brasileiro no fim de 2011, durante o mandato de Obama, o Estado americano somava 100 mil soldados em solos afegãos. Em 2014, ainda no mandando do presidente Obama, as forças afegãs que antes atacava os soldados americanos, assinaram acordo de paz com a OTAN. A OTAN auxiliaria no treinamento dos soldados afegão e o continuaria a missão de combate aos terroristas, em troca o exército afegão se aliarão a OTAN.

Título do Artigo: Trump irá enviar mais 4 mil soldados ao Afeganistão, diz TV

“O presidente dos EUA, Donald Trump, autorizou o envio de mais 4 mil soldados ao Afeganistão, segundo a emissora de TV Fox News, que atribui a informação a um alto oficial. O anúncio deve ser feito nesta segunda (21), às 22 horas (horário de Brasília), quando Trump fará um pronunciamento à nação sobre o papel dos EUA no Afeganistão. [...]

Nos primeiros meses de presidência de Barack Obama em 2009, eleito com a promessa de acabar com as guerras do Afeganistão e no Iraque, o número de soldados americanos era de aproximadamente 68 mil. Mas em 1 de dezembro, Obama anunciou o envio de outros 30 mil soldados, e em 2011 havia cerca de 100 mil militares no país com o objetivo de conter os talibãs e fortalecer as instituições afegãs.

A morte de Bin Laden - cérebro dos atentados de 11 de setembro de 2001 que propiciaram o início da guerra - é abatido em 2 de maio de 2011 em sua operação das forças especiais americanas em sua residência em Abbottabad, Paquistão, onde vivia escondido.” (G1, 2017)

Em abril deste ano os EUA usaram a maior bomba não nuclear, pela primeira vez, para atacar o grupo radical Daesh. A bomba acertou os túneis do grupo extremista no Leste, matando 96 extremistas.

Atualmente os terroristas estão dominando o país. Segundo o secretário da defesa dos EUA, Jim Mattis, disse no congresso, julho de 2017, que atualmente os Estados Unidos estão perdendo a “Guerra” e que irá mudar as estratégias de ataques.

Figura 2 – Soldados americanos disparam um obus



Fonte: G1, Trump irá enviar mais 4 mil soldados ao Afeganistão, diz TV (2017).

A guerra do Iraque atual está na sua segunda fase. A primeira fase iniciou-se em 2003 com a invasão anglo-americana no país, com a justificativa da guerra ao terror. No país havia também grupos jihadistas lutando para o domínio da região e para a derrubada do governo. Em 2011 os militares deixaram a região, na época os EUA resolveram deixar o país por causa do conflito ter se tornado religioso e também por não terem mais interesses em continuar financiando o conflito, mas após algum tempo os militares voltaram para auxiliar na coalisão interna do país.

Título do artigo: Treze anos depois, a guerra e a corrupção continuaram no Iraque.

A 13 de dezembro de 2003 Saddam Hussein foi capturado pelas forças norte-americanas - viria a ser enforcado três anos mais tarde, no final de 2006. Chegava ao fim o reinado e a fuga do ditador sunita que subira ao poder em 1979. O problema é que poucos planos havia - tal como o Relatório Chilcot vem confirmar - para o que viria a seguir. "Tal como não havia um entendimento de que a maioria xiita, suportada pelo Irão, que tinha sido atacada por Saddam, rapidamente aproveitaria o vácuo político criado pela partida do ditador", escrevia esta semana no The Guardian, desde Bagdad, o repórter Martin Chulov, correspondente para o Médio Oriente do diário britânico.

Os últimos 13 anos têm sido marcados por constantes confrontos entre fações distintas. Com o poder agora nas mãos dos xiitas, foi crescendo o ressentimento entre a minoria sunita da população, aproveitado pelos combatentes radicais do Estado Islâmico. "Agora cada etnia vê-se a si própria como uma nação. Eles [EUA e Reino Unido] plantaram uma bomba

atômica no interior do estado chamada sectarismo. Somos uma nação de pedintes, mas só aqueles que têm feridas sentem a dor", resume Abu Ahmed Shimili, um coronel já retirado do exército, citado pelo The Guardian. (GOUVEIA, 2016)

Na atual guerra tem-se pelo menos 4 grupos lutando pelo domínio territorial. De um lado temos o governo iraquiano, junto com algumas milícias, militares do Irã, força armada iraniana que contam com o apoio da Rússia, Turquia e Síria. Eles lutam junto com os curdos, tropas americanas e de países da OTAN, para derrotarem os grupos terroristas como o Daesh e Ansar al-Islam, que atingiram cidades e vilarejos ao norte e dominaram uma das cidades importantes do país, Mossul. Além das tropas por parte do Iraque e os combatentes dos grupos terroristas, tem-se o movimento baathista que lutam contra todos os grupos e também com o governo atual para a dominação e a instalação do antigo governo, que pertencia a Saddam Hussein.

As populações que moravam nas cidades e vilarejos conquistados pelos terroristas obtiveram suas crenças violadas. As mulheres foram obrigadas a utilizarem os véus, igrejas foram destruídas e toda a população local foram obrigados a se converterem para o islamismo ou seria morto.

Título do Artigo: A batalha por Mossul no Iraque

Mossul está em ruínas. A cada interseção de ruas, uma cratera. Em cada quarteirão, casas completamente destruídas. É difícil encontrar uma área da cidade tomada pelas Forças iraquianas após a pausa de dezembro que não esteja repleta de escombros e destroços. Carros queimados continuam nas ruas, animais mortos se decompõem nas calçadas e corpos de combatentes do Estado Islâmico permanecem nos locais em que foram abatidos. "Era como se chovessem bombas, todos os dias, por duas semanas. Eles bombardearam tudo, mesmo quando não havia mais terroristas aqui", diz o técnico de laboratório Askaf Djabouri, de 35 anos, em frente a uma mesquita semidestruída, nas proximidades da Universidade de Mossul. (BOECHAT, 2017)

Em 2014, o presidente Barak Obama autorizou vários ataques aéreos nas cidades dominadas pelos radicais. A vida dos militares na zona de conflito é de desespero e de esperança de que um dia acabe a guerra. Um jornalista do fantástico, telejornal brasileiro, registrou momentos monstruosos antes de retomarem Mossul, que só foi resgatada pelos militares em 7 de julho de 2017.

Os terroristas estavam atirando sem piedade e ao perceberem que estavam perdendo os tiroteios acionavam bombas e se explodiam, para que não fossem pego e forçados a dar alguma informação. A vida de muitos em jogo pelo egoísmo humano e a tentadora dominação de territórios ricos em petróleo, uma população esquecida, refugiados que são obrigados a deixarem suas casas pela intolerância religiosa.

Destruições de cidades, vilarejos e igrejas, matança sem fim e sem uma real justificativa, não que haja uma justificativa para a guerra. Países que também estão em guerras internamente, investem nas guerras dos países em volta para não deixarem livre a fronteira, proibindo que não entrem mais terroristas para bombardear as suas cidades. São essas cenas que muitos vêm no dia-a-dia e não sabiam quando isso ia mudar.

Ao passar o tempo, a luta se tornou todos contra o Estado Islâmico, pois o mesmo tinha dominado a maior parte do Iraque. Com a ajuda da OTAN, curdos e outros países como a Rússia, aos poucos o governo Iraquiano conseguiu retomar algumas cidades com domínio islâmico. Até o presente trabalho não se sabe ao certo se a guerra iraquiana teve um fim.

O conflito no Líbano não é diferente dos demais nesta região. O conflito iniciou pela oposição do grupo Hezbollah ao governo e pela intensificação dos conflitos no país vizinho, a Síria. O conflito libanês conta com opositores como o Hezbollah, que é pró a influência do governo Sírio e que recebe investimentos sírios, russos e iraniano; Daesh, que luta pela conquista dos territórios considerados sagrados por eles, para a criação de um Estado Islâmico, não conta com nenhum investimento e está contra a todos os lados do conflito; tem também como opositor um grupo contra a influência síria e recebe apoio da Turquia e Arábia Saudita; e também um grupo ligado à Al-Qaeda, que obtém ajuda de outros grupos terroristas.

Título do artigo: As turbulentas relações entre Síria e Líbano.

A guerra civil síria, que começou em 2011, se alastrou para o Líbano, levando incidentes de violência sectária ao Norte do país entre partidários e opositores do governo sírio, e confrontos armados entre sunitas e alauitas em Trípoli. Enquanto militantes da oposição realizavam pequenas incursões dentro do Líbano para fins táticos ou

como retaliação à participação do Hezbollah na guerra, o governo sírio também vem conduzindo bombardeios com mísseis e aeronaves contra o território libanês. (O globo, 2016)

O conflito está ligado também a oposição religiosa do governo libanês, onde o atual presidente é xiita. Além da opção religiosa do presidente Michel Sleiman, a população acusava o ato presidencial anticonstitucional, as eleições de 2008 violaram as leis do país.

Após sete meses de Michel no poder houve a crise do lixo. A crise consistiu na não renovação do contrato com os coletores de lixo do país, fazendo com que os lixos residenciais ficassem empilhados nas ruas libanesas. A população descontente com a situação logo começou as manifestações em frente ao governo, gerando um pequeno conflito dentro do país. Além das manifestações, houve em 2011 a primavera árabe, que teve influência em vários países árabes, chegando também no Líbano.

Houve também um aumento de influência do grupo Hezbollah. O grupo fundamentalista islâmico xiita, se tornou um partido político, apoiado pela Síria, tendo participações em questões do governo, porém, alguns parlamentares junto com os EUA, conseguiram uma unanimidade que proibiu os bancos de fazerem financiamento com o grupo.

Título do artigo: Em direção a uma nova guerra no Líbano.

A terceira crise é a que envolve o Hezbollah. Esta rede de resistência, à ocupação israelita, transformou-se progressivamente em partido político e participante no governo. Principalmente apoiada pela Síria no período de 1982-2005, ela volta-se, gradualmente, para o Irã após a partida do Exército Árabe Sírio do Líbano. No período 2006-2013, recebe um arsenal considerável dos Guardas da Revolução iranianos. No entanto, desde a eleição do Xequê Hassan Rohani, no Irã, o Hezbollah prepara-se para uma ruptura e desenvolve as suas próprias fontes de financiamento, apoiando-se na diáspora libanesa e/ou xiita no estrangeiro, principalmente em África e na América Latina. (MEYSSAN, 2016)

Assim, com a crise instalada no Líbano, a sua economia ficou danificada e com uma resistência interna israelita que tem ligação direta com o terrorismo. Consequentemente, com a situação iniciou em 2011 a guerra civil no país, com

países que obtêm interesses de influência na região, grupos terroristas e o próprio governo libanês.

Na fronteira entre Síria e Líbano houve bastante conflito entre o grupo Hezbollah, Daesh e militares libaneses, para o domínio do território. Durante algum tempo o grupo Hezbollah dominou a região, mas pela continuidade da guerra da Síria teve as suas forças enfraquecidas. Já as soluções para eliminar o grupo Daesh foi atacar onze posições do grupo espalhados pelo país.

Título do artigo: Exército libanês elimina 11 posições do Daesh

A área controlada pelo Exército, como resultado da operação militar deste sábado, está estimada em cerca de 30 quilômetros quadrados, que é aproximadamente um terço da área controlada pelos terroristas. 20 terroristas foram mortos na sequência de combates diretos e bombardeamentos terrestres e aéreos. O Exército tem dez feridos, um em estado grave,” declarou o porta-voz do exército libanês, Nazih Jreij.

Paralelamente, o Exército sírio e seu aliado, o grupo libanês Hezbollah, também estão a realizar ações para erradicar o grupo Estado Islâmico do lado sírio da fronteira, na região montanhosa de Qalamoun, onde passa a estrada que liga a capital síria, Damasco, ao Líbano. (Guita,2017)

Atualmente os militares libaneses junto com a coalizão internacional eliminaram a maioria dos domínios da oposição. A coalizão liderada pelos EUA, destruiu comboios do grupo Daesh, por ataques aéreos. Em 2015, a maior parte do território libanês estava novamente nas mãos do governo. Os conflitos e os ataques aos terroristas continuaram em pequena escala.

Em fevereiro de 2017, o grupo extremista Hezbollah junto com o governo libanês acordaram o cessar fogo, para a resolução do conflito. E durante o ano houve acordos com outros grupos terroristas e também o governo sírio. Em agosto deste ano, após seis anos de guerra, o conflito se encerrou com o controle total nas mãos do governo libanês.

A guerra civil na Síria iniciou-se junto com a onda de protesto da primavera árabe, em 2011. No mesmo ano iniciou uma guerra armada entre o governo, opositores e grupos terroristas, que como os outros países lutavam pela dominação do território e para a troca do governo atual.

O governo da Síria é administrado pelo presidente Bashar al-Assad, desde 2000. A onda de protesto surgiu para um país mais democrático e para

mais empregos no país, já a guerra iniciou quando os protestantes se uniram com os militares desertores, formando um grupo armado. O presidente, descontente com a situação aplicou medidas mais severas no país, fazendo com que aumentasse o descontentamento da população.

Ao decorrer do conflito, novos grupos começaram a surgir e enfrentar tanto o governo quanto a oposição. O novo grupo, Frente Fatah al-Sham, é da linha extrema de orientação sunita, foi um grupo armado braço da Al-Qaeda e tinha como interesses a dominação do território. Logo após, surgiu também na Síria o grupo Daesh, presente em todas as guerras da região, que aproveitando do momento frágil do país conseguiu instalar um califado em uma das regiões sírias.

Em consequência dos ataques no país, principalmente após o Daesh, os povos curdos também criaram um grupo para se defender dos ataques. A onda de violência aumentou tanto que os curdos que vivem na Síria criaram a Unidade de Proteção Popular do Curdistão Sírio, para a defesa da sua população, domínio do território e também para a proteção contra os ataques da Turquia.

Os investimentos da coalisão internacional ocorreram também na Síria, tanto diretamente, quanto indiretamente. Os Estados Unidos inicialmente investiram a princípio na guerra para atacar o Daesh, mas após algum tempo eles se uniram com exército livre e os curdos (LONDOÑO, MILLER, 2013).

A República Popular da China (ECONOMIST TIMES, 2016) e a Rússia (THE GUARDIAN, 2015), participaram diretamente dos conflitos na Síria. Os investimentos dos países foram de apoio ao governo de Assad, investindo em força militar, armamentos e etc.

Segundo o jornal brasileiro correio brasiliense, o conflito chegou a ter mais de 330 mil pessoas mortas, nas quais 100 mil civis. O conflito foi altamente sangrento e espalhou pelo mundo mais de 5 milhões de refugiados, pessoas que foram obrigadas a deixarem as suas casas, por uma busca de um mínimo de segurança (G1,2017).

Título do artigo: Guerra na Síria já deixou mais de 330 mil mortos

O Observatório documentou a morte de 331.765 pessoas em território sírio, incluindo 99.617 civis, no período de 15 de março de 2011 a 15 de julho de 2017", declarou à AFP o diretor da organização, Rami Abdel Rahman.

Entre os civis mortos estão "18.243 crianças e 11.427 mulheres", assinalou. Segundo a fonte, 116.774 membros ou apoios das forças do regime sírio foram abatidos, dos quais 61.808 eram soldados sírios e 1.480, integrantes do Hezbollah libanês. (Correio Brasiliense, 2017)

Em julho de 2017, Estados Unidos e Rússia acordaram em cessar fogo, que entrou em vigor as onze horas da manhã do dia 07 (SANCHA, 2017). Juntos, EUA e Rússia, os países conseguiram acordos com países vizinhos da Síria para combater os jihadistas e colocar um fim no conflito de 6 anos. Mais de 31 mil refugiados voltaram para a casa após ter completado um mês de cessar fogo. Turquia abriu a fronteira para que os refugiados sírios pudessem retornar aos seus lares.

Título do artigo: Refugiados sírios iniciam o caminho de volta para casa

Os esforços de várias potências para colocar fim à guerra da Síria animaram milhares de refugiados a abandonar a vida no exílio. Na primeira metade de 2017, mais de 31.000 sírios voltaram dos países vizinhos, segundo a ACNUR (Agência das Nações Unidas para os Refugiados). Em sua maioria —65%— voltaram da Turquia, de onde saíram 20.314. Nas negociações do Cazaquistão também se traçou um plano de volta em quatro das zonas de distensão para que os civis possam voltar voluntariamente a Idlib, Homs, norte de Damasco e regiões de Deraa e Quneitra.

Um dos principais destinos dos fluxos de volta para a Síria é na área de segurança amparada por Turquia, entre Yarábulus, al Bab e Azaz, onde as agências turcas investiram na reconstrução de infraestrutura, moradias, centros educacionais e serviços de saúde. Em agosto, 70.000 sírios —os que deixaram seus lares mas não o país e outros que cruzaram a fronteira— também já voltaram a essas cidades liberadas pelo Estado Islâmico (EI). Mas também Idlib, o último reduto da oposição síria e as facções salafistas, e outros povoados da província de Alepo, Homs e Hama são os destinos de quem retorna. (El País, 2017)

Os ataques terroristas, as guerras civis, a influência das grandes potências e os investimentos em diversos grupos e governos, fazem com que milhares de vidas se vão, várias crianças fiquem órfãs e que muitos deixem as suas casas. Todos os tipos de violências, seja ela praticada por um grupo ou Estados, deviam ser julgadas e reprimidas pela sociedade/população.

O jihadistas surgiu para defender os seus direitos caso eles fossem infringidos. A maneira que os terroristas utilizam é errônea, principalmente com a distorção da escrita do alcorão utilizados por eles como livro sagrado.

O mundo está cheio de terror e ódio, mas isso não quer dizer que essa situação não possa ser revertida. Todos devem ajudar os refugiados que fogem das guerras e não os tratar como diferentes, em muitos países existe a xenofobia e o preconceito, não se deve ter, nem com os muçulmanos, eles não têm culpa do horror e do fanatismo que os grupos radicais propagam.

4.2 A Religião E A Política: Pode Existir Diálogo?

Inicialmente, deve-se entender a diferença e o conceito de política, Estado e Religião. Em alguns séculos, a política e a religião viviam juntos, onde o governante dizia ser o “escolhido” por Deus, para administrar e aplicar as leis, quando necessário dentro da sociedade, nação ou Estado.

Várias foram as civilizações que edificaram suas legislações sobre a égide dos princípios religiosos. A religião foi por muito tempo utilizada pelos soberanos como um pretexto para ludibriar os seus súditos quanto aos seus governos despóticos. Eles se intitulavam representantes do poder de Deus na Terra justificando, assim, as barbaridades que cometiam. (AGUIAR, LIMA e SANTOS, 2011. p.3)

O homem, segundo Aristóteles, é um animal político. O homem nasce e procura viver entre seus semelhantes, criando aldeias e grupos de pessoas. Assim, nasce a política, para que os homens consigam conviver em conjunto, estabelecendo regras, para a sobrevivência, para que possam regulamentar a atividade de cada pessoa na sociedade e para organizar o espaço em que elas vivem.

Para o homem viver em sociedade é necessário que se crie leis, para que todos possam saber até onde vai a liberdade de cada um. As leis são criadas para estabelecer uma ordem, pois o homem, antes de viver em sociedade necessitava se autodefender, muitas vezes tirando a vida do outro. Em uma sociedade seria impossível que existisse tal instinto, uma vez que nenhuma pessoa tem o direito sobre a vida outro.

O conceito de política é o ato de dominar, governar ou administrar um Estado ou Nação. Criou-se a política para dividir o Estados em governos, para que assim a organização do homem e para a criação de consenso entre ele, fazendo com que o convívio fosse melhor entre todas as pessoas.

A política está relacionada com a arte do governo e está dividida em três temas, a forma para resolução de conflitos, o procedimento para tomada das decisões coletivas e o Poder. A forma utilizada geralmente para a resolução de conflito é a utilização da força, onde vence aquele Estado que é mais forte, porém o homem também pode utilizar da diplomacia, diálogo, para resolver as controvérsias entre pessoas para pessoas ou Estados para Estado.

Com o passar do tempo foi surgindo grupos para as tomadas de decisões dentro da sociedade. Esses grupos obtinham a responsabilidade, como organizar a sociedade, porém, as decisões precisavam ser unânimes. Visto a dificuldade de obter as decisões sozinhos, os homens começaram a buscar respostas divina, de Deus, para conseguir resolver os problemas mais sabiamente. O problema veio quando nem todos no grupo concordavam com alguma ideia, ou quando as respostas divinas não eram claras, ou até mesmo quando eles não tinham uma resposta. Assim, começaram a dividir os grupos, onde o povo escolhia um representante, para defender os seus ideais. Esse representante passou a ser o governante da sociedade e passou a ser escolhido pelo povo, onde a vontade da maioria colocaria a frente do poder uma pessoa.

O poder, como visto anteriormente, é uma junção de coisas que faz uma pessoa ou um Estado obter influência sobre as demais pessoas ou demais Estados. Levando o preceito dos Estados, vimos que o poder vem também da expansão dos territórios e domínios de outros povos.

E o que é o Estado? O estado, por sua vez, tem o dever de manter a segurança interna e externa da sua sociedade. É o Estado que estabelece regras e também quem traça as estratégias para a melhoria da infraestrutura interna, como também as estratégias de guerras e de dominações.

A religião surgiu para explicar alguns acontecimentos da vida humana. A criação deu-se pela necessidade do homem de explicar alguns fenômenos da natureza e também para a melhoria da convivência entre os homens. Uma vez que a religião está ligada ao bem e a luta contra o mal. A religião também ajuda os homens a entenderem a sua origem e a origem do mundo.

A religião utiliza também da organização e obtém um representante, que encaminhará os seus fiéis para o caminho certo. Porém, a religião tem como representante um ser divino, Deus, que surgiu para dar ao homem a explicação de coisa antes não entendidas, como a surgimento do homem e da natureza. Existe na terra a pessoa que leva as pessoas as mensagens de Deus.

A religião, como um sistema de crenças em seres sobrenaturais, que orienta o comportamento humano e articula práticas que visem a tentar a “comunicação” dos indivíduos com a divindade, surge juntamente com o desenvolvimento da ação dos seres humanos sobre a natureza. Ao descobrir que muitos dos fenômenos que ocorrem na natureza não são causa ou efeito de suas ações, os homens e mulheres atribuem a entidades exteriores e superiores a eles, isto é, às divindades, tudo aquilo que não é possível explicar à luz da consciência (AGUIAR, LIMA e SANTOS, 2011. p.3)

Tanto o Estado, quanto a religião surge para que os homens sigam leis e mantenham-se na bondade. Onde os princípios são, não matar o próximo, não roubar, conviver bem em sociedade e etc. Mas por que as duas, muitas vezes, não conseguem andar juntas? Houve um tempo em que os Estados eram formados por representantes de Deus, como na Grécia e Roma antiga, onde o governante ou o Rei diziam ser o escolhido para governar os homens na terra.

Entretanto, com o passar do tempo, o Estado foi evoluindo, se tornando laico, onde a liberdade das pessoas não podia ser infringida, dificultando uma conciliação entre a religião, que se tornou arcaico, e a política.

A religião segue os mesmo preceitos de milênios atrás, pois estão registrados em escrituras antigas, tanto a bíblia, quanto o alcorão e etc. A sociedade por sua vez evolui, modificando-se conforme a necessidade das

peças que vivem nelas. Modifica-se também os valores empregadas pela família, obteve a criação do homem por coisas novas e pela tecnologia. Assim, a religião e a sociedade foi se distanciando uma da outra.

Todavia, a política e a religião podem sim obter um diálogo, desde que uma respeite a outra. A política não pode criar leis nas quais os religiosos se tornem alvo ou se sintam de alguma maneira desrespeitados, como também os representantes religiosos não podem estar em frente do governo e proibir que os não religiosos sigam a sua doutrina. Um sempre deve respeitar o outro.

O que ocorre no Oriente Médio é a distorção da liberdade. Muitos líderes estatais impõem a sua crença à população, fazendo com que o povo daquela região tenha um descontentamento e desencadeie uma revolução. Essas questões são desde o início da história dos povos Árabes.

A religião muçulmana determina a forma pela qual os cidadãos devem se comportar, se vestir e relacionar da mesma maneira que estabelecem punições, previstas na legislação, para os desertores. São verdadeiros “tipos” ou “modelos” de conduta a serem seguidos, acompanhados de suas respectivas consequências. (AGUIAR, LIMA e SANTOS, 2011. p.4)

[...] um exemplo claro dessa afirmação é a forte atuação de autoridades religiosas, como Khomeini (considerado o fundador do moderno Estado xiita e que governou o Irã desde a deposição do xá até à sua morte em 1989) que aparecia nos meios de comunicação pronunciando que as mulheres deveriam sempre andar cobertas, adúlteros e adúlteras deveriam ser apedrejados, homossexuais deveriam ser mortos. (CASTRO, 2003. p. 149)

O que ocorre na região é conflito do mesmo povos e de diferentes religiões e segmentos. O Desafio da atualidade é a tolerância e a alteridade com o diferente, principalmente com o mundo globalizado.

A intolerância gerou e ainda gera no mundo atual uma crescente onda de violência. Quando uma pessoa, que está representando uma população, se acha no direito de intervir na sociedade, no modo que os seus ideais sejam impostos para todos, ela não só está infringindo a liberdade desta pessoa, como também mexe com a dignidade desta pessoa.

A democracia foi formulada para que as pessoas pudessem escolher aquele representante que mais o agrada, ou que levará a população a uma

melhoria. Porém, no Oriente Médio, a maioria das pessoas que chegam ao poder, ou são filhos de ex-ditadores ou conseguiram estar à frente da população pela guerra ou influência de países terceiros, como visto nos capítulos anteriores.

A luta pela democracia, no Oriente Médio, iniciou-se em 2011 na Primavera Árabe. Egito, Tunísia, Líbia, Síria, Iêmen e Barein foram os países que obtiveram as manifestações para a democracia, com essa revolução, em alguns países os manifestantes eram até armados, houve derrota de ditaduras e a implantação de novas eleições, como na Tunísia e no Egito.

Entretanto, alguns países ainda lutam pela democracia e pela repreensão dos líderes religiosos, ou que ainda estão em períodos de guerras, que obtêm disputas de vários seguimentos religiosos e ideológicos.

Os conflitos do Oriente Médio vão além da democracia, são questões políticas e religiosas. A região vive em um conflito constante pela intolerância religiosa, pois a maioria dos líderes religiosos foram levados pelo fanatismo do fundamentalismo, ou seja, apenas a sua religião é a verdadeira, obtendo as outras religiões ou seguimentos como falsos.

Além de não aceitarem a outra religião como verdadeira, os líderes de muitos grupos querem o extermínio da mesma. Os grupos radicais utilizam das leis divinas para praticar a violência e implantar o ódio entre as pessoas. Segundo João Paulo II, apenas a distorção da fé faz com que o sentido religioso se torne conflituosa e conduz a discriminação.

O que necessita na região do Oriente Médio é o diálogo inter-religioso, onde o líder de cada país respeite a liberdade religiosa de cada pessoa. O diálogo entre as religiões facilitaria uma aproximação entre todas as religiões, não para que tornassem uma só, pois cada uma tem a sua identidade, mas para que as religiões se distanciassem da violência, da intolerância e que o diálogo possa curar o antagonismo entre elas.

O diálogo inter-religioso demonstra a possibilidade de uma nova perspectiva de atuação das religiões ao reconhecer que essas podem exercer um papel significativo na construção de uma ética da superação da violência; que podem igualmente dedicar-se à tarefa comum de salvaguardar a integridade dos seres humanos e da terra ameaçada. A verdadeira relação com o Absoluto é incompatível com toda e qualquer desumanização

ou violência. Essa relação, como tal, “não é violenta sob nenhum aspecto, antes pelo contrário. Ela desperta a coragem inabalável para produzir mais humanidade em todos os setores da vida” (SCHILLEBEECKX, 1997). (TEIXEIRA, 2003. p. 3)

Conforme o Papa Francisco, indiferentemente se temos pessoas que pensam diferente deve-se rezar por eles. Muitas pessoas pensam diferente e sente coisas diferentes, mas isso não os fazem serem errados, se buscam a bondade e o respeito entre todos as pessoas é o que importa. Diálogo sincero entre homens e mulheres, religiões e etnias sejam sinceros, e busquem sempre o bem, para melhor convivência entre todos. Esse também é o papel da política, organizar a sociedade para que todos nela possam ter o seu espaço e a sua liberdade de escolha.

A política e a religião devem dialogar. Ambas têm princípios parecidos, como a convivência entre os seus semelhantes, a preservação da terra onde vive, ajudar o próximo, penalizar os infratores, etc. mesmo que muitas vezes as penalidades sejam diferentes, no caso da religião é a pessoa juntamente com Deus. Tanto a polícia e a religião têm a mesma essência e podem ser conciliadas.

Não existe apenas uma verdade, como também não existe um líder que irá agradar a todos, porém, todos devem colocar o respeito ao próximo e a liberdade de escolha de cada um à frente dos seus ideais. Na vida política, em países no geral, deve existir uma pessoa que representa a religião, para que assim possa garantir os direitos dos seus semelhantes, da mesma maneira que devem existir vários representantes, como pessoas que representarão a agricultura, etc.

4.3 A Arbitrariedade Das Potências.

As grandes potências têm a facilidade de movimentar o mundo conforme os seus interesses. Os investimentos, domínios e influência política em algumas regiões do mundo fazem com que esses grandes Estados ditem o que acontecem ou não no mundo.

Vence aquele país que possui mais força e poder. Os países considerados potências fizeram com que o mundo se adaptasse aos seus

interesses, que se moldem conforme a necessidade destes países, para se tornarem mais poderosos e menos influenciáveis.

A grande corrida armamentista, tecnológica e econômica serviu para as potências buscarem cada vez mais influência nos países do Terceiro Mundo. Os países da região do Oriente Médio têm uma deficiência em tais áreas, ficando expostos a opressão dos países com mais potências.

Com a política desgastada por causa dos conflitos religiosos, os países do terceiro mundo também obtêm uma dificuldade em obter um diálogo diplomático. A separação de grupos étnicos/religiosos, facilita a ação dos países como Estados Unidos, China, França, Rússia e etc. O grupo mais fraco procura parcerias com os países maiores, pois os mesmos terão influência se tal grupo vencer a guerra civil situada nesses países.

É por esse e motivos internos de cada potência que surge os investimentos nos conflitos internacionais. Quando um país potência vê que o grupo apoiado, por algum motivo não retribuiu o que se esperava na região, como influência ou acordos para compra das riquezas naturais por menores preços, eles investem em outros grupos. Os investimentos também são com armamentos e auxílio durante o conflito. Percebe-se que eles mudam de aliado, para que possam sempre estar no comando, independentemente do caos que ocasionará nesse território.

No início dos anos 90, com o fim da Guerra Fria, os EUA começaram a investir em conflitos internacionais, como visto anteriormente. Com esse investimento o seu poderio militar também aumentou e conseqüentemente as influências em organizações internacionais e blocos econômicos também aumentaram, movendo o mundo conforme os seus interesses, tornando o mundo unimultipolar³⁷.

³⁷ Unimultipolar, pela existência de uma única superpotência que têm o poder de comandar os acontecimentos mundiais e pela existência de algumas potências, países que obtêm poder militar, econômico e tecnológico e que conseguem influenciar alguns países e/ou acontecimentos mundiais.

Esses países (Estados Unidos, França, Rússia, China e Reino Unido) participam de blocos econômicos e obtêm o acento permanente da ONU, onde têm o poder de vetar decisões no conselho de segurança.

[...] modelo de características híbridas, um sistema *unimultipolar* constituído por uma superpotência e diversas potências altamente significativas. A resolução das principais questões internacionais requer ação por parte da única superpotência, desde que, porém, ela conte com a colaboração de outros Estados importantes; essa única superpotência tem poder, entretanto, de vetar as ações sobre questões relevantes adotados por combinações entre outros Estados. Os Estados Unidos, obviamente, são o Estado com preeminência sobre os demais em todas as esferas de poder – econômica militar, diplomática, ideológica, tecnológica e cultural – sendo capaz de promover seus interesses em praticamente todas as partes do mundo. (HUNTINGTON, 1999. p. 136)

Os EUA, agem como se o mundo fosse unipolar, como se fossem os únicos a terem influência pelo mundo. Utilizam-se do seu poderio para doutrinar outros países, colocando os seus princípios como valor universal, considerando que o apoio dos Estados Unidos é essencial para resolver conflitos mundiais. Por esse motivo eles pensam que podem realizar ações como se fossem os únicos a ter relevância em âmbito global.

Os norte-americanos tentam implantar os seus princípios (direitos humanos e democracia), entretanto, eles evitam que outros países invistam em capacidade militar. Eles intervêm nos assuntos mundiais e muitas vezes invadem os países onde eles descobrem possuir algum armamento, pois eles necessitam garantir a superioridade em seus arsenais de armas, pois, é o que garante a eles a estabilidade e influência global.

Nos últimos anos os Estados Unidos têm, ente outras coisas, tentado, ao menos dão a impressão de estar tentando, mais ou menos de uma forma unilateral, fazer o seguinte: [...] impor o cumprimento de suas próprias leis fora de seu território a outras sociedades; atribuir classificações aos países de acordo com seu grau de aceitação aos padrões norte-americanos no que concerne a direitos humanos, drogas, terrorismo, proliferação de armas nucleares e mísseis ou, mais certamente, liberdade de religião; aplicar sanções aos países que não atendem tais padrões; promover os interesses empresariais norte-americanos sobre a bandeira do livre comércio e da abertura de mercados; influenciar as políticas do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional segundo esses mesmos interesses corporativos; intervir em conflitos locais de pouco interesse direto para os países; impor a outros países a adoção de políticas econômicas e sociais que beneficiarão os interesses econômicos; [...] expandir a Otan, [...]; conduzir operações militares contra o Iraque e em seguida manter rigorosas sanções econômicas contra o regime; e

categorizar certos países como “Estados párias”, excluindo-os das instituições globais porque se recusam a curvar-se aos desejos norte-americanos. (HUNTINGTON, 1999. p. 139 e 140)

Porém, não é apenas os Estados Unidos que praticam tais ações, as potências também praticam, mas em menor escalas. Atualmente, a China sede financiamentos e também ajuda as nações em desenvolvimento, segundo a reportagem da BBC do dia 4 de novembro de 2017. Os financiamentos e ajuda ao desenvolvimento, antes mantidos em segredos, são destinados a vários países, incluindo países do Oriente Médio.

Título do artigo: Os segredos por trás dos milhões de dólares que a China distribui em ajuda pelo mundo.

De acordo com o relatório, os países que receberam empréstimos da China não sofreram dificuldades econômicas, mas também não experimentaram um crescimento significativo. Os pesquisadores que realizaram o estudo acreditam que essa situação pode mudar nos próximos 10 anos, quando os receptores dos recursos acumularem dívidas que não possam pagar.

Nesse ponto, a China poderia reconsiderar sua estratégia.

Xiaojun Li, pesquisador da Universidade de British Columbia, no Canadá, verificou mudanças na forma como Pequim concede empréstimos.

Segundo ele, a China vem oferecendo, com cada vez mais frequência, dinheiro por meio de instituições multilaterais, como o Banco de Investimento em Infraestrutura Asiática, concorrendo com instituições como o Banco Mundial.

A estratégia da China é a mesma que das outras potências. Fazendo os empréstimos e auxiliando o desenvolvimento dos países, a China consegue obter influência e modificar o cenário do país auxiliado, diminuindo a influência do outro Estado e até mesmo modificando a estrutura do país que recebe o auxílio.

Ainda segundo a reportagem da BBC, algumas pessoas questionam os empréstimos realizado pela China, pois com o auxílio a esses países mais carentes da Ásia, África e etc. faz com que os países se esquivem da democracia. O modelo democrático tem como representante os países ocidentais, principalmente os EUA. Consequentemente após a aproximação da China, os países se afastam dos países ocidentais, uma vez que não necessitam de um enorme auxílio financeiro vindo desses países.

A arbitrariedade das potências é bem nítida nas intervenções das guerras civis. Elas são quem movem quem será o lado vencedor, para isso eles precisam apenas apoiar um lado, o lado que eles acham mais conveniente apoiar. Um exemplo seria a guerra Irã-Iraque, nesta guerra os Estados Unidos se uniram ao Iraque, o país que lhe dariam mais benefícios, ao passar os anos, quando o Iraque se envolveu na guerra Iraque-Kuwait, os Estados Unidos atacaram o Iraque, para garantir a sua influência no Kuwait, país no qual possuía um maior reservatório de petróleo.

Ao analisar todas as guerras, veremos que essas potências fazem com que os acontecimentos acabem conforme eles querem. Podemos citar, Primeira e Segunda Guerra Mundial, onde o apoio dos Estados Unidos foi essencial para a decisão dos vencedores das guerras. Ainda, ao entrar e sair vitorioso, aumentou seus poderes e influência global.

Todos os países que obtêm uma economia melhor, uma posição no ranking bélico maior, uma influência maior, vai comandar o que acontece no mundo. Além de possuírem tais coisas, são os países que mais contribuem com as organizações. Assim, as organizações não obtêm poder contra eles, e sim ao contrário. É por isso que os acontecimentos estão de acordo com o que as grandes potências querem, não existe um órgão que possuam recursos melhores, que seja supranacional, não existe um dono do mundo, fazendo com que todos os países fiquem à mercê dos países potências.

São esses motivos que a ação da Organização das Nações Unidas fica limitado. Pois, a ONU, necessita dos países para manter a sua estrutura, os soldados (capacetes azuis), para conseguir custear as missões de paz, etc. Então, muitas vezes a organização não obtém maneiras de barrar ou intervir em algumas ações dos países potências.

No entanto, os países necessitam sempre estar atentos e melhorando o seu campo de influência e traçando estratégias para continuarem sendo os países potências. Com visto anteriormente, eles estão em constante manutenção de poder, para garantir a sua segurança e influência mundial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho conseguiu analisar as estratégias utilizadas pelos países considerados grandes potências. Como também compreender quais foram os motivos dos países do Oriente Médio entrarem em conflitos, no caso analisado, a maioria dos países são de algum seguimento fundamentalista religioso e entraram em controvérsias pela intolerância religiosa de alguns líderes.

As influências de países terceiros fez com que as tensões entre os conflitos aumentassem. Pelos interesses das grandes potências em conseguir dominar os países do Terceiro Mundo. Houve investimentos e apoio de partes envolvidas no conflito, além dos países armados grupos ou governos, que mantinham como aliados, os países enviaram tropas para combater grupos dentro dos países, tanto para combater de fato o terrorismo, dos grupos que se criaram durante os grandes conflitos, quanto para garantir o interesse na região.

Com esses investimentos nas guerras civis, muitos grupos se revoltaram e resolveram atacar os países do ocidente. Alguns grupos que os próprios países como, Estados Unidos e Rússia, ajudaram a criar durante Guerra Fria, foram os mesmos que atacaram os países da Europa e também o próprio Estados Unidos, como o ataque as Torres Gêmeas, em Nova York.

O terrorismo evoluiu conforme a sociedade foi evoluindo. Os terroristas utilizam das redes sociais e dos jornais internacionais, tanto para propagarem o medo nas pessoas civis, quanto para a sua própria divulgação. O grupo terrorista Daesh, matam jornalistas ou militares e coloca em redes sociais para mostrar a crueldade, a frieza e como são capazes de matar para alcançar seus interesses. A evolução e estratégia de guerra também evoluíram, eles não atacam apenas religiosos que fazem peregrinação, eles atacam todos.

Com o trabalho, consegue-se ter uma ideia de quanto a sociedade é corrompida pela ganancia e o desejo dos grandes países obterem as suas influências. Muitas vezes essas influências infringem os direitos humanos, matando pessoas de bem, crianças inocentes, pois mesmo eles não estando ligados diretamente nos conflitos, eles estão ligados. Muitos dos grupos que

são financiados por esses Estados não deixam nem ao menos a ajuda humanitária chegar aos locais afetados, bombardeiam alimentos, remédios e suprimentos básicos.

As pessoas que vivem nesses países de conflitos, não são tratados como humanos. Muitos vivem em situações de precariedade, em cidades devastadas e infestadas de doenças. O pior é que muitos tentam se refugiar desses países e durante a fuga são mortos, ou morrem tentando atravessar o mediterrâneo, como visto nos teles jornais o menino, Alan Kurdi, foi um dos milhares que enfrentam embarcações lotadas que muitas vezes até naufragam, para conseguir chegar em um país onde estejam longe da guerra.

Muitas vezes, esses países que eles conseguem chegar os tratam como um nada, ou não deixam se refugiar por falta de documentos. Não tem como eles levarem documentos quando não têm. A pesquisa mostra também que os grupos fundamentalistas não estão preocupados com a questão na região.

Os grupos fundamentalistas radicais procuram proclamar um governo e obter dominação nas riquezas da região. Os grupos vêm a sua religião como verdade universal, enfrentando e muitas vezes matando os líderes religiosos, muitas vezes de formas cruéis.

A pesquisa consegue mostrar que há uma chance de solucionar as questões. É necessário que cessem os investimentos dos países terceiros em grupos radicais, como também é necessário que as religiões conscientizem os seus seguidores a não serem fanáticos e induzir a todos um diálogo inter-religioso, não para que mudem de religião, mas para que não vejam a outra religião como falsa ou como inimigo.

A região do Oriente Médio é umas das regiões mais antigas do mundo, lá foram fundadas as três religiões monoteístas. As religiões nasceram com seguimentos diferentes umas das outras, mas com o mesmo ser divino em comum, Alá. O que difere uma da outra é a forma de interpretação do livro sagrado.

O trabalho mostrou também que matar o líder de um grupo terrorista não gera grandes resultados. Como visto, os Estados Unidos mataram o Saddam Hussein, mas isso não fez com que o grupo Al-Qaeda acabasse, pois houve outra pessoa que assumiu o comando, escolhido pelos seguidores do grupo. A

questão de conseguir matar um líder é mais satisfação pessoal. O necessário seria fazer com que esses grupos não se expandissem, tentar maneiras em que os mesmos ficassem invisíveis e não conseguissem fazer recrutamento.

Ainda não há um estudo preciso sobre como realmente acabar com a violência dos grupos fundamentalistas ou que pessoas parem de cometer atrocidades. Mas, é necessário intervir nos assuntos e fazer o máximo para que não chegue nenhum tipo de parceria com os mesmos. As organizações que cuidam da segurança internacional precisam intervir mais nos assuntos políticos dos países que investem nesse seguimento da violência, as sanções devem ser mais rígidas.

A pesquisa apresentada, auxilia a compreensão histórica e faz com que se entenda os tipos de interesses e ganhos que os países ganham ao investirem. A análise feita deixa claro que desde o início das grandes civilizações a dominação e a expansão dos países é uma fonte de poder. O novo sempre será uma diferença, a tecnologia traz facilidade, tanto para as pessoas comuns quanto para os grandes países, e por isso os recursos que as grandes potências obtém é invejável por outros países. E esses recursos são o que determinam quem são os países mais poderosos, pois, eles que influenciarão os demais países do sistema internacional.

REFERÊNCIA

“GABINETE de guerra” é criado na Tunísia. **Portas abertas**, 2017. Disponível em: <<https://www.portasabertas.org.br/noticias/2017/10/gabinete-de-guerra-e-criado-na-tunisia>>. Acesso em: 24 out. 2017.

14 atentados e mais de 200 mortos desde 2015. **DN Mundo**, 2017. Disponível em: <<https://www.dn.pt/mundo/interior/cronologia-parisatentado-ataques-terroristas-em-franca-desde-2015-6234295.html>>. Acesso em: 23 out. 2017.

4 razões que explicam por que a Turquia é alvo de tantos atentados. **BBC Brasil**, 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-38495924>>. Acesso em: 19 out. 2017.

A CHINA do pós-guerra, ou a China de Chiang. **Estadão**, 2015. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,nova-noticia,1740209>>. Acesso em: 10 out. 2017.

A DESASTROSA guerra da Arábia Saudita no Iêmen. **Inverta**, 2015. Disponível em: <<https://inverta.org/jornal/agencia/internacional/a-desastrosa-guerra-da-arabia-saudita-no-iemen>>. Acesso em: 23 out. 2017.

A TRÁGICA morte de palhaço que alegrava crianças em meio à guerra em Aleppo **BBC Brasil**, 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-38181898>>. Acesso em: 22 set. 2017.

AGUIAR, Itamar P.; LIMA, Bruna H. A.; SANTOS, Guilherme R. M. **Religião e sociedade**: as relações entre o estado e as concepções religiosas na formação do ordenamento social e jurídico. 2011. Artigo Científico (Graduação de Direito) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2011.

Alcorão: Tradução do Nobre Alcorão. [S.l.: s.n.], [6--?] século provável].

ARANTES, Virgílio; GEHRE, Thiago. **Introdução aos estudos das Relações Internacionais**. São Paulo: Saraiva, 2013.

ARENDDT, Hannah. **Crises da república**. 3°. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

ARON, Raymond. **Paz e Guerra entre nações**. São Paulo: Universidade de Brasília, 2002.

AS TURBULENTAS relações entre Síria e Líbano. **O Globo**, 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/as-turbulentas-relacoes-entre-siria-libano-14974287>>. Acesso em: 24 out. 2017.

ATENTADOS terroristas em três países matam dezenas de pessoas: ma pessoa morreu na França, 37 na Tunísia e 25 no Kuwait. Estado Islâmico assumiu a autoria das ações na Tunísia e no Kuwait. **G1**, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/06/atentados-terroristas-em-tres-paises-matam-dezenas-de-pessoas.html>>. Acesso em: 20 out. 2017.

BACHEGA, Hugo. Mataram meu filho enquanto ele brincava: a vida em uma cidade síria sitiada. **BBC Brasil**, 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/salasocial-38411560>>. Acesso em: 12 out. 2017.

BANDEIRA, Luiz A. M. **A desordem Mundial**: O espectro da total dominação. Guerras por procuração, terror, caos e catástrofes humanitárias. 3°. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BANDEIRA, Luiz A. M. **A segunda Guerra Fria**: Geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos. 2°. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BAYOUMY, Yara; GHOBARI, Mohammed. Iranian support seen crucial for Yemen's Houthis. **Reuters**, 2014. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/us-yemen-houthis-iran-insight/iranian-support-seen-crucial-for-yemens-houthis-idUSKBN0JT17A20141215>>. Acesso em: 23 out. 2017.

BODANSKY, Yossef. **Bin Laden**: O Homem que declarou guerra à América. São Paulo: Editora Prestígio Editorial, 2001.

BOECHAT, Yan. A batalha por Mossul no Iraque. **Época**, 2017. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/mundo/noticia/2017/01/batalha-por-mossul-no-iraque.html>>. Acesso em: 24 out. 2017.

BONOME, José Roberto. **Fundamentalismo religioso e terrorismo político**. Goiânia: Editora da UCG, 2009.

CESSAR-FOGO entra em vigor na Síria: 7 perguntas para entender a guerra no país. **BBC Brasil**, 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-38269558>>. Acesso em: 12 out. 2017.

BUZZAN, Barry; HANSEN, Lene. **The evolution of international security studies**. New York: Cambridge University Press, 2009.

CHARLEAUX, João Paulo. Como os ecos da Guerra Fria influenciam a ação russa na Síria. **Nexo**, 2016. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/12/27/Como-os-ecos-da-Guerra-Fria-influenciam-a-a%C3%A7%C3%A3o-russa-na-S%C3%ADria>>. Acesso em: 09 nov. 2017.

CHARLEAUX, João Paulo; IANDOLI, Rafael. Como Manchester saiu da mira do Ira e entrou na do Estado Islâmico. **Nexo**, 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/05/23/Como-Manchester-saiu-da-mira-do-IRA-e-entrou-na-do-Estado-Isl%C3%A2mico>>. Acesso em: 31 out. 2017.

CHINESE admiral visits Syria in show of support. **The Economic Times**, 2016. Disponível em: <<https://economictimes.indiatimes.com/news/defence/chinese-admiral-visits-syria-in-show-of-support/articleshow/53754653.cms>>. Acesso em: 25 out. 2017.

COLIGAÇÃO internacional trava comboio de membros do Daesh. **Euro News**, 2017. Disponível em: <<http://pt.euronews.com/2017/08/30/coligacao-internacional-trava-comboio-de-membros-do-daesh>>. Acesso em: 25 out. 2017.

COMO as guerras acabam (se é que acabam). **Veja**, 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/mundo/como-as-guerras-acabam-se-e-que-acabam/>>. Acesso em: 27 out. 2017.

CONFIRA os principais ataques cometidos pela rede Al-Qaeda. **Terra**, 2010. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/confira-os-principais-ataques-cometidos-pela-rede-al-qaeda,049d27721cfea310VgnCLD200000bbccceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 27 out. 2017.

CORRÊA, Alessandra. De onde veio, como cresceu e qual o futuro do Estado Islâmico. **BBC Brasil**, 2017. Disponível em:

<<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-40114350>>. Acesso em: 31 out. 2017.

CRIVELENTE, Moara. Reino Unido: o segundo maior comerciante de armas do mundo e os crimes de guerra no Iêmen. **Cebrapaz**, 2016. Disponível em: <<https://cebrapaz.org.br/2016/09/08/reino-unido-o-segundo-maior-comerciante-de-armas-do-mundo-e-os-crimes-de-guerra-no-iemen/>>. Acesso em: 23 out. 2017.

DUPAS, Gilberto; LAFER, Celso; SILVA, Carlos E. L. (Org.). **A nova configuração mundial do poder**. [S.l.]: Paz e Terra, 2014.
EÇA, Luiz. A Guerra do Iêmen dura já dois anos. **Controvérsia**, 2017.

Disponível em: <<http://controversia.com.br/3974>>. Acesso em: 23 out. 2017.

EM seis anos de conflito, número de refugiados sírios supera a barreira de 5 milhões. **G1**, 2017. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/numero-de-refugiados-sirios-supera-a-barreira-de-5-milhoes.ghtml>>. Acesso em: 25 out. 2017.

ENTENDA a complexa guerra que já matou 10 mil no Iêmen. **Veja**, 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/mundo/entenda-a-complexa-guerra-que-ja-matou-10-mil-no-iemen/>>. Acesso em: 27 out. 2017.

ENTENDA a complexa guerra que já matou 10 mil no Iêmen: Na prática, Irã (maior potência xiita da região) está travando uma guerra por procuração contra a Arábia Saudita (maior potência sunita). **Veja**, 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/mundo/entenda-a-complexa-guerra-que-ja-matou-10-mil-no-iemen/#>>. Acesso em: 23 out. 2017.

ENTENDA a guerra civil da Síria: Governo de Assad encara rebelião armada que já dura quase três anos. Conflito tem mais de 130 mil mortos, caos humanitário e crise de refugiados. **G1**, 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/revolta-arabe/noticia/2013/08/entenda-guerra-civil-da-siria.html>>. Acesso em: 20 out. 2017.

ENTENDA as diferenças e semelhanças entre Al-Qaeda e Estado Islâmico: Grupos jihadistas já foram um só, mas se separaram. Veja as principais ações de cada organização. **G1**, 2015. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/entenda-diferencas-e-semelhancas-entre-al-qaeda-e-estado-islamico.html>>. Acesso em: 20 out. 2017.

ESTADO Islâmico ameaça Copa da Rússia com imagem de Messi ensanguentado: Montagem difundida pela pró-jihadista Fundação Wafa é a mais recente de uma série de intimidações contra o torneio do ano que vem. **El País**, 2017. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/25/internacional/1508917881_947025.html?id_externo_rsoc=FB_BR_CM>. Acesso em: 23 out. 2017.

ESTADO Islâmico assume ataque que matou 39 em Istambul: o que se sabe até agora. **BBC Brasil**, 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-38483126>>. Acesso em: 20 out. 2017.

EUA aumenta presença militar no Afeganistão. **Euro News**, 2017. Disponível em: <<http://pt.euronews.com/2017/08/31/eua-revela-numero-de-militares-no-afeganistao>>. Acesso em: 24 out. 2017.

EXÉRCITO do Líbano anuncia ofensiva contra Estado Islâmico. **Folha**, 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/08/1911310-exercito-do-libano-anuncia-ofensiva-contr-estado-islamico.shtml>>. Acesso em: 24 out. 2017.

FABER, Marcos E. E. A ORIGEM DOS POVOS ÁRABES. **História Livre**. Disponível em: <<http://www.historialivre.com/antiga/salaarabes.htm>>. Acesso em: 01 out. 2017.

FISK, Robert. **A grande guerra pela civilização**: a conquista do Oriente Médio. São Paulo: Planeta, 2007.

FOTÓGRAFA americana registou a explosão que a matou no Afeganistão.

Euro News, 2017. Disponível em:

<<http://pt.euronews.com/2017/05/04/fotografa-americana-registou-a-explosao-que-a-matou-no-afeganistao>>. Acesso em: 24 out. 2017.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. Editora Graal, 1986.
FOULKES, Imogen. Estamos indo em direção a um mundo sem direitos humanos?. **BBC Brasil**, 2017. Disponível em:
<<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-38488685>>. Acesso em: 03 out. 2017.

GOUVEIA, José F. Treze anos depois, a guerra e a corrupção continuam no Iraque. **DN Mundo**, 2017. Disponível em:
<<https://www.dn.pt/mundo/interior/treze-anos-depois-a-guerra-e-a-corrupcao-continuum-no-iraque-5269828.html>>. Acesso em: 24 out. 2017.

GUERRA na Síria faz 6 anos. Os números para entender a tragédia: Conflito se iniciou em 2011 e já deixou mais de 400 mil mortos. Veja panorama dessa guerra que não deve terminar tão cedo. **Exame**, 2017. Disponível em:
<<https://exame.abril.com.br/mundo/guerra-na-siria-faz-6-anos-os-numeros-para-entender-a-tragedia/>>. Acesso em: 25 out. 2017.

GUERRA na Síria já deixou mais de 330 mil mortos: Mais de 330 mil pessoas, das quais 100 mil civis, morreram desde o começo da guerra na Síria, em 2011. **Correio Braziliense**, 2017. Disponível em:
<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2017/07/16/interna_mundo,610073/guerra-da-siria-quantas-pessoas-ja-morreram.shtml>. Acesso em: 25 out. 2017.

GUERRA no Afeganistão completa 16 anos; veja imagens. **Folha**, 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/08/1912605-guerra-no-afeganistao-completa-16-anos-veja-imagens.shtml>>. Acesso em: 24 out. 2017.

GUERRA no Afeganistão: Ataques de 11 de setembro levaram à invasão. **Educação UOL**, 2004. Disponível em:
<<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/guerra-no-afeganistao-ataques-de-11-de-setembro-levaram-a-invasao.htm>>. Acesso em: 06 out. 2017.

HATTON, Célia. Os segredos por trás dos milhões de dólares que a China distribui em ajuda pelo mundo. **BBC Brasil**, 2017. Disponível em:

<<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-41652308>>. Acesso em: 25 out. 2017.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991)**, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUNTINGTON, Samuel. **O choque de Civilizações: e a recomposição da Ordem Mundial**. [S.l.]: Objetiva, [19--] século provável].

IANDOLI, Rafael. Quem é Hassan Rouhani. E o que sua reeleição representa para o Irã. **Nexo**, 2017. Disponível em:

<<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/05/23/Quem-%C3%A9-Hassan-Rouhani.-E-o-que-sua-reelei%C3%A7%C3%A3o-representa-para-o-Ir%C3%A3>>. Acesso em: 31 out. 2017.

IN East Lebanon, Quiet but Steady Progress in Fight Against Islamic Militants

read more: <https://www.haaretz.com/middle-east-news/1.726397>. **Haaretz**,

2015. Disponível em: <<https://www.haaretz.com/middle-east-news/1.726397>>.

Acesso em: 25 out. 2017.

INTERNATIONAL convention for the supression of the financing of terrorism.

United Nations, 1999. Disponível em:

<<http://www.un.org/en/sc/ctc/docs/conventions/Conv12.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2017.

IRAQ crisis: Barack Obama sends in US troops as Isis insurgency worsens.

The Guardian, 2014. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/world/2014/jun/17/barack-obama-sends-troops-back-to-iraq-as-crisis-worsens>>. Acesso em: 24 out. 2017.

IRAQI PM Nouri Maliki: Russian jets will turn tide. **BBC Brasil**, 2014. Disponível

em: <<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-28042302>>. Acesso em: 24 out. 2017.

KARNAL, Leandro. **Estados Unidos: A formação da Nação**. 5°. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

KISSINGER, Henry. **Diplomacia**. São Paulo: Saraiva, 2012.

KRAUSZ, Rosa R. **Compartilhando poder nas organizações**. Editora Nobel, 1991.

LEBRUN, Gérard. **O que é poder**. Editora abril, 1984.

LEWIS, Bernard. **A Crise do Islã: Guerra Santa e Terror Profano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LONDOÑO, Ernesto; MILLER, Greg. CIA begins weapons delivery to Syrian rebels. **Washington post**, 2013. Disponível em:

<https://www.washingtonpost.com/world/national-security/cia-begins-weapons-delivery-to-syrian-rebels/2013/09/11/9fcf2ed8-1b0c-11e3-a628-7e6dde8f889d_story.html?utm_term=.d2efc14b6162>. Acesso em: 25 out. 2017.

LOPES, Sérgio R. G. **Os padrões de comportamento entre as teorias de geopolítica anglo-saxônicas e a política externa dos Estados Unidos para a União Soviética Durante a Guerra Fria à luz do neoeurasianismo**. 2016. 70 p. Monografia (Graduação em relações Internacionais) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

MACHADO, Luís G. S. **Homem, religião e natureza: o projeto da filosofia do futuro em Ludwig Feuerbach**. 2014. 18 p. Artigo Científico (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Ceará, Marília, 2014.

MAGNOLI, Demétrio. **Relações internacionais: teoria e história**. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

MARKUS, Jonathan. Como a guerra na Síria pode virar um pesadelo para Israel e gerar novo conflito no Oriente Médio. **BBC Brasil**, 2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-38917423>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

MASI, Alessandria. Putin's Latest Moves: The Military Alliance Among Iran, Hezbollah And Russia In Syria Could Spread To Yemen. **International Business times**, 2015. Disponível em: <<http://www.ibtimes.com/putins-latest-moves-military-alliance-among-iran-hezbollah-russia-syria-could-spread-2113386>>. Acesso em: 23 out. 2017.

MEARSHEIMER, John J. **The Tragedy of Great Power Politics**. New York: W. W. Norton e Company, 2014.

MEYSSAN, Thierry. Em direção a uma nova guerra no Líbano. **Oriente Mídia**, 2016. Disponível em: <<http://www.orientemidia.org/em-direcao-a-uma-nova-guerra-no-libano/>>. Acesso em: 24 out. 2017.

MIYAMOTO, Shiguenoli. **A segurança internacional no mundo pós-Guerra Fria**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MOISI, Dominique. **A geopolítica das emoções**: Como as culturas do Ocidente, do Oriente e da Ásia estão remodelando o mundo. [S.l.]: Elsevier, [19--?] século provável].

MONTAVANI, Flávia. Iêmen: A guerra esquecida. **G1**, 2016. Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/mundo/2016/iemen-a-guerra-esquecida/>>. Acesso em: 27 out. 2017

MORGENTHAU, Hans J. **A política e guerra entre as nações**: A luta pelo poder e pela paz. São Paulo: Universidade de Brasília, 2003.

NASSER, Reginaldo M. **Novas perspectivas sobre os conflitos internacionais**. [S.l.]: Unesp, 2010.

NÚMERO de mortos em guerra civil na Síria chega a 470 mil, diz jornal: ONU divulgava 250 mil mortos até parar de coletar dados, há 18 meses. 'The Guardian' divulgou dados do Centro Sírio para Pesquisa Política. **G1**, 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/02/numero-de-mortos-em-guerra-civil-na-siria-chega-a-470-mil-diz-jornal-20160211100505516954.html>>. Acesso em: 25 out. 2017.

O QUE é Jihad?. **Brasileiros Muçulmanos**. Disponível em: <http://www.brasileirosmuçulmanos.net/brasileiro/articles.php?article_id=197&owstart=0>. Acesso em: 30 out. 2017.

OLIVEIRA, Henrique A. et al. **Política Internacional Contemporânea**: mundo em transformação. São Paulo: Saraiva, 2006.

OLIVEIRA, Tanara Adriano de. Conflitos no Oriente Médio e sua contextualização. **Caritas**, 2015. Disponível em: <<http://caritas.org.br/conflitos-no-orientemedio-e-sua-contextualizacao/31137>>. Acesso em: 18 out. 2017.

ORIENTE Médio e seus Conflitos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d_a-fWjUZz0&t=3876s&list=LLIMgopr7wSJLIQHrjAv13EA&index=6>. Acesso em: 01 set. 2017.

OS POLICIAIS que se vestiram de mulher para escapar da morte nas mãos do Estado Islâmico. **BBC Brasil**, 2017. Disponível em:

<<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-38723731>>. Acesso em: 31 out. 2017.

PRESSE, France. Entenda a disputa entre potências por trás da guerra civil na Síria: EUA, Rússia, monarquias do Golfo e o Irã buscam influência no país. Crise envolve entrega de armas, apoio financeiro e lutas diplomáticas. **G1**, 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/siria/noticia/2014/01/entenda-disputa-entre-potencias-por-tras-da-guerra-civil-na-siria.html>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

PRINCIPAIS etapas da intervenção militar dos EUA no Afeganistão. **Correio Braziliense**, 2017. Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2017/08/21/interna_mundo,619523/estatisticas-da-guerra-do-afeganistao.shtml>. Acesso em: 24 out. 2017.

QUEM luta contra quem na guerra da Síria. **BBC Brasil**, 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151002_siria_xadrez_fd>. Acesso em: 01 nov. 2017.

QUEM são e o que querem os grupos extremistas que propagam o terror: Ocidente tenta conter avanço de grupos como Boko Haram e Estado Islâmico. Eles atuam em regiões do Oriente Médio, Ásia e África e têm ligações. **G1**, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/quem-sao-e-o-que-querem-os-grupos-extremistas-que-propagam-o-terror.html>>. Acesso em: 20 out. 2017.

REFUGIADOS sírios iniciam o caminho de volta para casa. **El País**, 2017.

Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/24/internacional/1508861396_484669.html>. Acesso em: 23 out. 2017.

REINO Unido pode iniciar corrida armamentista, diz Paquistão. **Folha**, 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u19385.shtml>>. Acesso em: 10 out. 2017.

RUSSELL, Bertrand. **O poder uma nova análise social**. Editora Zahar Editores, 1979.

RUSSIAN military presence in Syria poses challenge to US-led intervention.

The Guardian, 2012. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/world/2012/dec/23/syria-crisis-russian-military-presence>>. Acesso em: 25 out. 2017.

SAIBA quais são os principais grupos terroristas do mundo. **Estadão**, 2017.

Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/blogs/radar-global/saiba-quais-sao-os-principais-grupos-terroristas-do-mundo/>>. Acesso em: 20 out. 2017.

SANCHA, Nathalia. Entra em vigor o cessar-fogo na Síria acordado por EUA e Rússia. **El País**, 2017. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/09/internacional/1499592837_117468.html>. Acesso em: 25 out. 2017.

SANT'ANNA, Ivan. **O terceiro templo: os conflitos árabes-israelenses e os choques do petróleo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

SECRETÁRIO de Defesa diz que EUA 'não estão vencendo' guerra no Afeganistão. **Folha**, 2017. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/06/1892622-secretario-de-defesa-diz-que-eua-nao-estao-vencendo-no-afeganistao.shtml>>. Acesso em: 24 out. 2017.

SEITZ, Max. Os seis motivos que levaram o império soviético à ruína de maneira surpreendente. **BBC Brasil**, 2016. Disponível em:

<<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-38391137>>. Acesso em: 29 set. 2017.

SILVA, Gabriela Santos da. **A Securitização dos refugiados: O Caso da Síria e o envolvimento da França**. 2016. 96 p. Monografia (Bacharelado, Relações Internacionais) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis, 2015. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/168531/Monografia%20da%20Gabriela%20Santos%20da%20Silva.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

SILVA, Moisés R. **O homem e a política em A condição humana**. 2016. Artigo Científico (Professor) - Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, Goiânia, 2016.

SÍRIA condena Reino Unido por sinalizar intervenção militar. **G1**, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/siria-condena-reino-unido-por-sinalizar-intervencao-militar.html>>. Acesso em: 10 out. 2017.

SUSPEITO de ataque em Berlim é morto por polícia na Itália: o que se sabe até agora. **BBC Brasil**, 2016 Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-38377238>>. Acesso em: 22 set. 2017.

TANQUES soviéticos e canhões dos EUA são tirados das mãos do Daesh na Síria. **Sputniki**, 2017. Disponível em:

<https://br.sputniknews.com/oriente_medio_africa/201710209633867-armas-siria-terrorismo-video/>. Acesso em: 20 out. 2017.

TERRORIST Attacks. **Story maps**, 2017. Disponível em: <<https://storymaps.esri.com/stories/terrorist-attacks/?year=2017>>. Acesso em: 30 out. 2017.

THANK God for the Saudis': ISIS, Iraq, and the Lessons of Blowback. **The Atlantic**. Disponível em:

<<https://www.theatlantic.com/international/archive/2014/06/isis-saudi-arabia-iraq-syria-bandar/373181/>>. Acesso em: 24 out. 2017.

TIMM, Leo. O Regime Chinês reescreveu sua história na 2ª Guerra Mundial. **Epoch Times**, 2017. Disponível em: <<https://www.epochtimes.com.br/entenda-por-que-regime-chines-reescreveu-historia-2a-guerra-mundial/#.WgrcLkqnHIV>>. Acesso em: 10 out. 2017.

TOYNBEE, Arnold J. **A história e a moral no Oriente Médio**: A guerra atômica poderá vir do Oriente Médio. [S.l.]: Paralelo, 1970.

TRÊS possíveis consequências do ataque americano à Síria. **BBC Brasil**, 2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-39538981>>. Acesso em: 31 out. 2017.

TRUMP irá enviar mais 4 mil soldados ao Afeganistão, diz TV. **G1**, 2017.

Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/trump-ira-enviar-mais-4-mil-soldados-ao-afeganistao-diz-tv.ghtml>>. Acesso em: 24 out. 2017.

TZU, Sun. **A arte da Guerra**. Porto Alegre: L&PM, 2012. v. 207.

URBAN, Mark. O que esperar de 2017 na política internacional. **BBC Brasil**, 2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-38488685>>. Acesso em: 03 out. 2017.

US accuses Russia of 'throwing gasoline on fire' of Syrian civil war. **The Guardian**, 2015. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/world/2015/sep/30/russia-launches-first-airstrikes-against-targets-in-syria-says-us>>. Acesso em: 25 out. 2017.

VIEGAS, Patrícia et al. Suicide bomber kills 32 at Baghdad funeral march. **Fox News**, 2012. Disponível em: <[http://www.foxnews.com/world/2012/01/27/car-bombing-kills-26-in-baghdad.html?utm_source=feedburner&utm_medium=feed&utm_campaign=Feed:+foxnews/world+\(Internal+-+World+Latest+-+Text\)](http://www.foxnews.com/world/2012/01/27/car-bombing-kills-26-in-baghdad.html?utm_source=feedburner&utm_medium=feed&utm_campaign=Feed:+foxnews/world+(Internal+-+World+Latest+-+Text))>. Acesso em: 24 out. 2017.

VIEGAS, Patrícia. Iraque festeja vitória sobre o Estado Islâmico em Mossul. **DN Mundo**, 2017. Disponível em: <<https://www.dn.pt/mundo/interior/iraque-festeja-vitoria-sobre-o-estado-islamico-em-mossul-8624414.html>>. Acesso em: 24 out. 2017.

VISENTINI, Paulo F.. **O caótico século XXI**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015.

VISENTINI, Paulo F.; PEREIRA, Analúcia D. **História mundial contemporânea (1776-1991)**: Da independência dos Estados Unidos ao colapso da União Soviética. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2012.

WHITLOCK, Craig. Pentagon loses track of \$500 million in weapons, equipment given to Yemen. **Washington post**, 2015. Disponível em:

<https://www.washingtonpost.com/world/national-security/pentagon-loses-sight-of-500-million-in-counterterrorism-aid-given-to-yemen/2015/03/17/f4ca25ce-cbf9-11e4-8a46-b1dc9be5a8ff_story.html?utm_term=.9243c4ed75fa>. Acesso em: 23 out. 2017.

WIHBEY, John. Cost of Iraq, Afghanistan and anti-terrorism operations.

Journalist's Resource, 2011. Disponível em:

<<https://journalistsresource.org/studies/government/security-military/cost-iraq-afghanistan-terror>>. Acesso em: 30 out. 2017.

ŽIŽEK, Slavoj. Somente um novo universalismo pode nos salvar da nova ordem mundial. **Lavra palavra**, 2017. Disponível em:

<<https://lavrapalavra.com/2017/05/22/somente-um-novo-universalismo-pode-nos-salvar-da-nova-ordem-mundial/>>. Acesso em: 27 out. 2017.